

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Escola de Enfermagem**

**Mestrado em Enfermagem**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIA E SUA  
RELAÇÃO COM QUALIDADE DE VIDA NA PERSPECTIVA  
DE MULHERES**

**Luciene Silva Campos**

**Belo Horizonte**

**2013**

Luciene Silva Campos

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIA E SUA  
RELAÇÃO COM QUALIDADE DE VIDA NA PERSPECTIVA  
DE MULHERES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde e Enfermagem

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Maria de Mattos Penna

Belo Horizonte

2013

C198r Campos, Luciene Silva.  
Representações sociais de violência e sua relação com qualidade de vida na perspectiva de mulheres [manuscrito]. / Luciene Silva Campos. - - Belo Horizonte: 2013.  
122f.: il.  
Orientadora: Cláudia Maria de Mattos Penna.  
Área de concentração: Saúde e Enfermagem.  
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. Violência contra a Mulher. 2. Qualidade de Vida. 3. Mulheres Maltratadas. 4. Dissertações Acadêmicas. I. Penna, Cláudia Maria de Mattos. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título.

NLM: WA 309

Trabalho vinculado ao Núcleo de Pesquisa sobre Cotidiano, Cultura, Educação e Saúde (NUPCCES) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

## Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, a minha família e a meu noivo Hugo, presenças amáveis, constantes e indispensáveis em minha vida.

## Agradecimentos

Agradeço a Deus por ser Aquele que ilumina e dá sentido à vida, por nos direcionar a fazer o bem com o bom sentimento que existe em nós.

A minha família, base de minha vida. A minha mãe, Darcy, por seu amor, carinho, força, perseverança e a presença abençoada em nossas vidas. A meu pai, João Paulo, por seu amor, incentivo e apoio em sempre ajudar sem medir esforços. A meu amado noivo, Hugo, pelo amor verdadeiro, companheirismo, cumplicidade e apoio; sua presença é amor infinito. A minhas queridas irmãs, Pricila e Mirian, pela generosidade da amizade e amor. A meus sobrinhos queridos e amados, Ana Luísa, Filipe e João Marcelo, por serem luz e doçura em nossas vidas. A minha segunda mãe, Tia Ceia, pela presença sempre terna e de fé. A meus cunhados, Fábio, Juliano e Bruno, minha sogra Madalena e a “Vó” Olívia, por serem minha família também.

A minha orientadora, Professora Doutora Cláudia Maria de Mattos Penna, por seu conhecimento, direcionamento e compreensão que foram essenciais durante minha trajetória no mestrado. A Professora Marta Amaral, pela colaboração na realização da Oficina e pela ajuda preciosa de uma “flor”. A Professora Lenice Vilela, pela colaboração durante as idas ao cenário do estudo. Aos demais integrantes e Professoras do NUPCCES, pela convivência e contribuição. A todos os docentes da Escola de Enfermagem da UFMG que fizeram parte dessa trajetória.

Aos amigos e colegas do mestrado com os quais compartilhei experiências e aprendizados. As amigas e colegas do grupo de pesquisa NUPCCES que contribuíram na coleta de dados, nas sugestões e conversas, em especial a Roberta, Verônica, Amanda, Ludmila, Pollyanna, Priscila, Karine, Thaís e Aline.

As amigas especiais Kellen, Ionara, Aline, Fabiana e Rafinha, pela amizade sincera e pelo carinho que fazem com que todos os nossos caminhos sejam mais leves e alegres.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio financeiro durante a vigência da bolsa de mestrado; e a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG pelo apoio financeiro ao grupo de pesquisa.

Ao colegiado da pós-graduação da Escola de Enfermagem da UFMG, pelo apoio oferecido aos discentes do curso de mestrado.

Aos moradores do município-cenário do estudo que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

“Pois havia num fundo de mar uma colônia de ostras, muitas ostras. Eram ostras felizes. Sabia-se que eram ostras felizes porque de dentro de suas conchas saía uma delicada melodia, música aquática, como se fosse um canto gregoriano, todas cantando a mesma música. Com uma exceção: de uma ostra solitária que fazia um solo solitário. Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste. (...) Era dor. Pois um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de sua aspereza, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda. Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o seu trabalho – por causa da dor que o grão de areia lhe causava. (...) Era uma pérola, uma linda pérola. Apenas a ostra sofredora fizera uma pérola.”

Rubem Alves



## RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender as representações sociais das mulheres sobre violência e sua relação com qualidade de vida. Utilizaram-se, como referencial teórico-metodológico, a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici e a Teoria do Núcleo Central elaborada por Jean-Claude Abric. Os dados foram coletados em duas etapas. Na primeira etapa, por meio da técnica de evocação livre, obtiveram-se as representações sociais frente aos termos indutores violência e qualidade de vida. Na segunda, foi realizada uma Oficina que aprofundou e complementou as representações encontradas na primeira etapa. A amostra foi de 100 mulheres participantes da primeira etapa e oito mulheres na segunda etapa, todas do município de Carmésia no Estado de Minas Gerais, cenário do estudo. As palavras evocadas por essas mulheres foram analisadas por meio de frequência simples; as estruturas obtidas por meio das evocações livres foram processadas pelo software Ensemble de Programmes Permettant l'Analyses des Evocations (EVOC) e analisadas pela técnica do Quadro de Quatro Casas, criado por Pierre Vergès; e os conteúdos explicativos das evocações das participantes da primeira etapa, bem como a Oficina, foram analisadas pela análise de conteúdo de Bardin. Na composição do perfil das mulheres, a maioria era casada, com filhos e estava na faixa etária entre 20 e 40 anos. A violência é gerada a partir do elemento falta, como aquele que faz surgir a violência expressa principalmente pela agressão, forma de expressão da violência mais visível. Outros elementos que desencadeiam o fenômeno, suas consequências e fatores que a contradizem completam essa representação. A representação de qualidade de vida inclui elementos que pressupõem subjetividade e também objetividade, como, por exemplo, amor, paz, trabalho e educação, sendo que a maioria desses elementos representa também uma maneira de oferecer proteção contra a violência na medida em que se constituem em elementos que suprem uma falta e uma carência que fazem surgir a violência. A Oficina proporcionou aprofundar os resultados encontrados na primeira etapa do estudo. Compreende-se que existe uma relação entre a representação de violência e qualidade de vida, pois os elementos de qualidade de vida visam suprir as carências que fazem surgir a violência. Dessa maneira, é importante refletir sobre formas de se discutir sobre o fenômeno da violência, bem como de sua relação com a qualidade de vida, pois tal reflexão também se constitui em estratégia de enfrentamento da violência.

Palavras-chave: Violência. Qualidade de vida. Representações Sociais.

## ABSTRACT

This study aims to understand the social representations of women about violence and the relationship with quality of life. It was used as a theoretical and methodological social representations theory proposed by Moscovici and Central Nucleus Theory elaborated by Jean-Claude Abric. Data were collected from two stages. In the first stage, using the technique of free recall, we obtained the representations opposite the inductor terms violence and quality of life. On the second stage, a workshop was held, which deepened and complemented the representations found in the first stage. The sample was 100 women participating in the first stage and eight women in the second stage, all of the city of Carmésia in Minas Gerais, study setting. The words evoked by these women were analyzed using simple frequency; structures obtained through free evocations were processed by software Ensemble des Programmes Permettant l'Analyses evocations (EVOC) and analyzed using the Framework Four Houses, created by Pierre Verges, and the contents of the explanatory evocations of participants in the first stage and the workshop were analyzed by content analysis of Bardin. In composition profile of women, most were married, with children and was aged between 20 and 40 years. Violence is generated from the missing element, such as one that gives rise to violence expressed primarily by aggression, a form of expression of violence more visible. Other elements that trigger the phenomenon, its consequences and the same factors that contradict this complete representation. The representation of quality of life includes elements that require subjectivity and objectivity as well as, for example, love, peace, labor and education, with the majority of these elements is also a way to provide protection against violence to the extent that they constitute on elements that supply shortages and a lack that give rise to violence. The workshop provided deepen the results found in the first stage of the study. It is understood that a relationship exists between the representation of violence and quality of life, because the elements of quality of life aim to address the shortcomings that give rise to violence. Thus, it is important to discuss ways to reflect on the phenomenon of violence and its relationship to quality of life, because such reflection also represents a strategy for coping with violence.

Keywords: Violence. Quality of life. Social Representations.

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1: Dicionário de palavras evocadas termo indutor violência.....35

TABELA 2: Dicionário de palavras evocadas termo indutor qualidade de vida.... .....37

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1: Questionário para coleta de evocações.....	29
FIGURA 2: Modelo de análise das evocações pelo quadro de quatro casas.....	33

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1: Quadro de quatro casas termo indutor violência.....40

QUADRO 2: Quadro de quatro casas termo indutor qualidade de vida.... .....40

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
NUPCCES	Núcleo de Pesquisa sobre Cotidiano, Cultura, Educação e Saúde
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
TRS	Teoria da Representação Social
TNC	Teoria do Núcleo Central
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
EEUFMG	Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais
EVOC	Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
OME	Ordem Média das Evocações

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 OBJETIVO .....</b>	<b>18</b>
<b>3 REVISÃO TEÓRICA .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Violência e qualidade de vida.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 Violência Simbólica.....</b>	<b>23</b>
<b>4 BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 Teoria da Representação Social e Teoria do Núcleo Central .....</b>	<b>25</b>
<b>4.2 Cenário e sujeitos do estudo .....</b>	<b>27</b>
<b>4.3 Coleta de dados .....</b>	<b>27</b>
<b>4.3.1 Primeira etapa .....</b>	<b>28</b>
<b>4.3.2 Segunda etapa .....</b>	<b>30</b>
<b>4.4 Análise de dados .....</b>	<b>31</b>
<b>4.4.1 Primeira etapa .....</b>	<b>31</b>
<b>4.4.2 Segunda etapa .....</b>	<b>34</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>5.1 Caracterização dos sujeitos.....</b>	<b>34</b>
<b>5.2 Resultados e discussão da primeira etapa .....</b>	<b>35</b>
<b>5.2.1 Dicionários de Palavras Evocadas – Termo Indutor Violência e Termo Indutor Qualidade de Vida .....</b>	<b>35</b>
<b>5.3 Estrutura Representacional de Violência e de Qualidade de vida.....</b>	<b>40</b>
<b>5.4 Resultados e discussão da segunda etapa .....</b>	<b>88</b>
<b>5.4.1 As representações sociais sobre violência.....</b>	<b>89</b>
<b>5.4.2 Violência e sua relação com qualidade de vida.....</b>	<b>97</b>
<b>5.4.3 A violência simbólica pulsante e sutil no cotidiano da mulher.....</b>	<b>100</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>110</b>
<b>8 APÊNDICES E ANEXO .....</b>	<b>116</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Atualmente, a violência contra a mulher apresenta-se como um problema mundial social e de saúde. Tal fenômeno tem se mostrado cada vez mais presente em nossa sociedade e, por isso, tem sido abordado e analisado em estudos científicos tanto qualitativos quanto quantitativos.

Historicamente, este fenômeno nos remete aos tempos da antiguidade greco-romana, no qual as desigualdades entre os gêneros masculino e feminino se expressavam na inferioridade da mulher perante o homem, tanto no que diz respeito à vida pública quanto no que se refere a seus direitos e deveres voltados para cuidados inerentes com os filhos e o lar (SILVA, 2010). Embora não seja um fenômeno cultural recente, os estudos e artigos que defendem a violência contra a mulher como um problema de saúde pública só começaram a surgir e dar visibilidade ao tema a partir de 1994 (SCHRAIBER, D'OLIVEIRA, COUTO, 2006).

Os autores do campo da saúde reconhecem-na como altamente prevalente e decorrente de uma questão de gênero, por estar relacionada com o contexto sociocultural de desigualdade entre homens e mulheres, histórica e intrinsecamente ligada a uma lógica cultural da sociedade patriarcal. Outro consenso importante é o reconhecimento da violência contra a mulher como um problema de saúde pública que influencia no desenvolvimento de doenças e tem consequências não apenas físicas e psicológicas, mas também para a qualidade de vida da mulher que a vivencia (AZAMBUJA, 2008; CARVALHO-BARRETO, 2009; DEEKE, 2009; D'OLIVEIRA, 2009; GOMES, 2007; LIMA, 2008; MONTEIRO, 2007; SILVA, 2007; VIEIRA, 2009; VIEIRA, 2008). Inclusive, alguns estudos apontam que as mulheres procuram mais os serviços de saúde, se comparadas aos homens, em decorrência dessas consequências (KRONBAUER, MENEGUEL, 2005; MARINHEIRO, VIEIRA, SOUZA, 2006).

Como consequências da violência, pode-se destacar as de ordem física, sexual, psicológica ou comportamental e até fatais. Quando não fatais, podem desencadear ansiedade, fobias, depressão, transtornos de estresse pós-traumático, uso e abuso de drogas lícitas ou ilícitas, tentativa de suicídios e outras. O impacto dessas ações não ocorre somente no indivíduo, mas na sociedade, principalmente no sistema de saúde (ADEODATO *et al.*, 2005).

Constata-se, portanto, que há uma série de prejuízos em decorrência do absenteísmo ao trabalho, além de acarretar danos mentais e emocionais incalculáveis para os familiares, o que influencia para o setor saúde em um aumento de gastos relacionados com emergência,



assistência e reabilitação das vítimas. Segundo Briceño-Leon (2002), os cálculos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) estimam que 3,3% do PIB brasileiro são gastos em custos diretos com a violência, três vezes mais elevados do que os investimentos com Ciências e Tecnologia.

Os resultados de um estudo sobre série histórica de 1980 – 2000, realizado em Belo Horizonte e região metropolitana, comprovam um aumento maior nos coeficientes de mortalidade por homicídios para o sexo feminino em comparação à proporção menor de aumento nos mesmos coeficientes encontrados para o sexo masculino (VILLELA, 2005).

Palazzo *et al.* (2008) afirmam que 40% a 70% dos homicídios ocorridos no mundo, contra o sexo feminino, são acometidos por parceiros íntimos; sendo que, em São Paulo, essa prevalência foi de 27% e, em Pernambuco, de 34%. Segundo o mesmo estudo, no que se refere à violência física, destaca-se que, na faixa etária de 20 a 29 anos, no sexo feminino, houve prevalência superior de vitimização (40,9%) em relação ao sexo masculino (21,1%).

Segundo Palazzo *et al.* (2008), a violência é subestimada, quando as vítimas são mulheres e crianças que não se manifestam por vergonha ou medo de represálias por parte do agressor. Pode ser superestimada, caso tenha sido investigada em serviços de saúde ou em órgãos de denuncia formal, como a delegacia de mulheres.

Pode-se constatar que a violência é uma realidade presente no cotidiano de qualquer cidadão e tal realidade afeta a saúde e a qualidade de vida, sendo exacerbada pela transmissão diária pela mídia televisiva e escrita, com certa banalização em sua propagação. Porém, além dessa forma visível, a violência também se apresenta de forma dissimulada na aceitação passiva das imposições diárias a que as mulheres estão expostas. Bourdieu (1992) denomina-a como “violência simbólica”, advinda das relações sociais que não pressupõem uma coerção física, mas usufruem até de certo consentimento por parte de quem a sofre. Acredita-se, portanto, que essa pode ser uma das causas pelas quais a violência pode ser subestimada.

Para Bourdieu (2010, p.49-50),

[...] O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos ‘habitus’ e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim a lógica

paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe.

Por outro lado, os movimentos ativistas de enfrentamento da violência contra a mulher provavelmente contribuíram para tornar a violência menos aceitável e mais transparente, e para explicar os valores mais altos das taxas de violência psicológica da população de mulheres brasileiras. A menor aceitabilidade da violência por parceiro íntimo pode desencadear uma maior sensibilidade e maior divulgação da violência psicológica. Diferenças culturais sobre a facilidade de expressão também podem ser fatores de desvendamento da violência contra as mulheres. (SCHRAIBER *et al.*, 2007).

Embora haja enfrentamento do fenômeno, as mulheres ainda vivenciam, em suas relações sociais do cotidiano, situações sociais e simbólicas veladas, que envolvem questões de gênero. Inegavelmente, essas situações acometem a saúde psicológica, física, bem como a qualidade de vida das mulheres. Todavia, as formas como as mulheres dão significado à violência simbólica não são ainda totalmente conhecidas e compreendidas de maneira sistematizada. Isso se reflete no fato de que as dificuldades atuais para se lidar com o problema da violência e atender as vítimas são enormes, tanto por parte dos profissionais da rede básica de saúde que assinalam como barreiras aspectos relacionados às vítimas, a falta de conhecimento e de habilidades próprias para abordar situações de violência, quanto pela estrutura do serviço de saúde.

Dessa forma, o Núcleo de Pesquisa sobre Cotidiano, Cultura, Educação e Saúde (NUPCCES), coordenado pela Professora Cláudia Maria de Mattos Penna, do qual participo desde 2010, identificou, a partir de estudos realizados por Villela (2005), que, além da violência física e aparente, há necessidade de estudos que mostrem o efeito dessa violência caracterizada como simbólica para as mulheres (BOURDIEU, 2010). Ao participar, primeiramente como bolsista de apoio técnico da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e, atualmente, como aluna do mestrado, das discussões e estudos sobre o tema, despertou-se o interesse de aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno em busca de subsídios que possam fundamentar a atenção em saúde direcionada a essas usuárias, a fim de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das mulheres e suas famílias.

Nesse sentido, é fundamental e de extrema relevância, para o cenário sócio-cultural vigente, a realização de pesquisas que proporcionem melhor compreensão da violência e de sua relação com a qualidade de vida. Essa compreensão é importante na medida em que sua intenção é somar-se a um conjunto de pesquisas do mesmo campo do conhecimento científico e, dessa maneira, contribuir para o subsídio de uma estruturação adequada do sistema de saúde no que se refere a prestar uma assistência às vítimas, diagnosticar a violência e acolher a demanda. Reconhecer que, além do que mostra a crescente estatística que é um dado concreto e real, há uma face da violência que permanece oculta e pode causar efeitos tão significativos quanto a que deixa marcas visíveis no corpo.

Busca-se compreender a violência simbólica e sua relação com a qualidade de vida na perspectiva de mulheres por meio da utilização da teoria das representações sociais. Tal teoria compreende a realidade como socialmente construída e, possui como pressuposto, considerar o comportamento social entendido em uma lógica de comportamento simbólico, pois esse comportamento tem uma função social e relacional na medida em que se trata de atividades construídas por meio da comunicação e das relações interpessoais (MOREIRA, 2005). Abric (1998) considera que toda realidade é representada ao ser uma reapropriação individual ou grupal que se faz por meio de uma reconstrução cognitiva e que integra também um conjunto de valores históricos, sociais e culturais. Assim, se considera adequado o uso da teoria das representações para tratar desse objeto de estudo: violência simbólica e qualidade de vida para mulheres, visto que tal objeto de estudo diz respeito à realidade do contexto social em que vivemos.

## **2- OBJETIVO**

O presente estudo estabelece como objetivo:

- compreender as representações sociais das mulheres sobre violência e sua relação com qualidade de vida.

## **3 - REVISÃO TEÓRICA**

### **3.1 Violência e qualidade de vida**

A violência, historicamente, é um fenômeno comum a todas as classes sociais, culturas e sociedades, um fenômeno intrínseco ao processo civilizatório e que se manifesta de várias

formas (GOMES, 2007). Envolve dinâmicas de afeto e poder, subordinação e dominação. O ambiente doméstico é um setor onde se definem assimetrias de poder calcadas em diferenças de gênero. A violência também apresenta relação com a herança cultural do regime patriarcal que gera relação conflitiva (DEEKE, 2009).

O conceito de violência pode ser considerado a partir de um panorama mais amplo segundo os tipos de violência. Nesse caso, a violência está dividida em uma classificação ou tipologia com três categorias: Violência Auto-infligida, Violência Interpessoal e Violência Coletiva (Subcategorias da Violência Coletiva: social, política e econômica) (VIEIRA, 2008).

A definição de violência contra a mulher da Organização dos Estados Americanos (OEA), feita em 1994 na convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, é que se trata de qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada. A OEA também aponta que a violência contra a mulher “transcende todos os setores da sociedade, independentemente de sua classe, raça ou grupo étnico, níveis de salário, cultura, nível educacional, idade ou religião” (LIMA, 2008).

A definição da violência domiciliar e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha de 2006 é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - no âmbito da unidade doméstica (...) II - no âmbito da família (...) III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

A violência de gênero tem acontecido ao longo da história. De acordo com Carvalho-Barreto (2009), a violência contra a mulher existente hoje, na verdade existe desde a Antiguidade, assim como a relação entre os gêneros marcada pela dominação masculina como patriarcalismo. Por meio da cultura e da transmissão intergeracional, as relações de gênero e a violência de gênero se perpetuam pelo tempo histórico e cultural. No Brasil, de acordo com Vieira (2008), o código criminal de 1830 atenuava o homicídio praticado pelo marido quando a mulher praticava adultério. De acordo com Azambuja (2008), a elaboração da Declaração Universal dos Direitos do Homem ocorreu em 1948 e há uma discussão sobre seu enfoque que não demonstrava igualdade de gêneros conforme sua versão inicial. Também segundo Lima (2008), a violência de homens contra mulheres é a forma de violência que por mais tempo foi tolerada e até estimulada socialmente. Segundo o mesmo autor, a Organização das Nações

Unidas (ONU) afirma que ela persiste como violação contundente dos direitos humanos e como impedimento na conquista da igualdade de gênero.

Segundo Monteiro (2007), Gomes (2007) e Azambuja (2008), somente a partir da década de 1960, com a revolução feminista, é que a mulher começou a enfrentar as questões de gênero e a sociedade começou a encarar a violência contra a mulher como um problema social e de saúde, uma realidade que não deve ser considerada normal.

Assim é que se deu início aos debates sobre melhores condições de vida e melhor qualidade de vida da mulher. A discussão que se iniciou a partir da década de 1960 trata da necessidade de compreender e desvelar os fatores que entremeiam as desigualdades de gênero da sociedade patriarcal, os conflitos socioculturais e as relações de poder como obediência e submissão da mulher e legitimação do direito do homem sobre a mulher.

Segundo Azambuja (2008), em 1979, após a realização da convenção para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres organizada pela ONU, a violência contra as mulheres passou a ser reconhecida oficialmente como um crime contra a humanidade. Na década de 1990, a compreensão das agressões praticadas contra as mulheres como violação dos direitos humanos estabeleceu que os estados são responsáveis por esses abusos, sejam eles cometidos na esfera pública ou na privada. Em seguida, o fenômeno passa a ser assumido como uma questão de gênero e definido pela ONU, em 1995, como todo ato de violência baseado no gênero, do qual resulte ou possa resultar dano ou sofrimento físico, sexual e psicológico para as mulheres, incluindo as ameaças de tais atos e coação ou privação arbitrária de liberdade, quer ocorra na vida pública ou privada, constituindo uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres. De acordo com Vieira (2007), a violência contra a mulher é considerada como um problema de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde 1998.

Os acontecimentos históricos especificados acima ocorreram a partir da década de 1980 e 1990. Por um lado, colheram frutos e reconheceram como válidos os debates e discussões sobre a violência contra a mulher que aumentavam a partir da década de 1960 com a revolução feminista; por outro lado, comprovaram o início da evolução social das diretrizes e políticas sociais de enfrentamento da violência contra a mulher. Nesse contexto, destacam-se, a seguir, fatos que foram marcos históricos, mas que ocorreram na primeira década do século XXI; portanto são fatos ainda mais recentes na história social de enfrentamento da violência

contra as mulheres em nosso país. De acordo com Lima (2008), a Lei 10.778, em 2003, estabeleceu a notificação compulsória de casos de violência contra a mulher atendidos em serviços de saúde públicos ou privados.

Outro marco histórico importante e recente marcador da legislação brasileira, foi a Lei Maria da Penha promulgada em 07 de agosto de 2006 e que, conforme citado, define a violência de gênero como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - no âmbito da unidade doméstica (...) II - no âmbito da família (...) III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação (BRASIL, 2006).

Com relação aos significados atribuídos pelas mulheres à violência, Audi *et al.* (2009) afirma que as mulheres sofrem dor, sentem vergonha e decepção ao vivenciarem uma situação de violência familiar; as agressões sejam físicas ou psicológicas propiciam dor e desesperança para as mulheres; destaca-se que, muitas vezes, as mulheres apontam a violência psicológica como capaz de trazer repercussões mais marcantes e dolorosas do que a violência física.

O avanço da medicina no século passado trouxe a possibilidade de curar diversas doenças infecciosas e aumentar a expectativa de vida da população. Diante da necessidade de avaliar a maneira como as pessoas vivem esses anos a mais, surgiu, a partir de 1970, o conceito de qualidade de vida como uma medida que avalia a saúde. Na construção do conceito de qualidade de vida, foram utilizadas seis vertentes: estudos epidemiológicos sobre felicidade e bem-estar; procura por indicadores sociais; medidas subjetivas que superem as formas objetivas de se avaliar a saúde; a satisfação do sujeito; a humanização da saúde; e o estudo dos aspectos positivos da experiência humana (PANZINI, 2007).

Também contribuiu para a elaboração do conceito de qualidade de vida a definição pela OMS, em 1946, de que saúde é mais do que simplesmente a ausência de doenças, pois saúde se constitui em uma condição ampla de bem-estar tanto no aspecto físico e mental quanto no que tange o ponto de vista social. Assim, em detrimento do estudo apenas das doenças, aumentou o interesse pelo estudo das características adaptativas e subjetivas do ser humano, como, por exemplo, a coragem, a esperança, a espiritualidade, a resiliência, a sabedoria e a criatividade. Dessa maneira, esses aspectos subjetivos também compõem as dimensões do conceito de qualidade de vida (PANZINI, 2007).

Sabe-se que ainda não existe um consenso de um conceito específico para a qualidade de vida, mas o aspecto cultural é essencial para delimitar sua definição, pois ela se baseia em fatores subjetivos considerados importantes para a vida das pessoas de determinada comunidade. Tais fatores, por serem subjetivos, podem corresponder ou até mesmo superar o que mostram indicadores socioeconômicos, demográficos e de serviços de saúde para determinada população (PANZINI, 2007).

A definição de qualidade de vida, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1997), é a percepção da pessoa sobre sua posição na vida com relação a seus contextos culturais, de valores e também a respeito de suas metas, expectativas pessoais e preocupações. Percebe-se que essa definição de qualidade de vida considera que o fator subjetivo e os contextos de vida são primordiais para que cada indivíduo possa formular de maneira concreta seu próprio conceito a respeito do tema.

Mesmo não havendo um consenso único sobre o conceito de qualidade de vida, um dos mais utilizados atualmente foi o conceito descrito acima, elaborado pela OMS. Como já dito, esse conceito enfatiza o aspecto cultural no qual se entende que esteja a qualidade de vida. Tal conceito defende que a qualidade de vida é a perspectiva que o próprio sujeito tem a respeito de sua posição de vida com relação ao contexto cultural que o circunda, além do esquema de valores de vida ao qual está sujeito perante suas expectativas, objetivos, preocupações e padrões de vida (PANZINI, 2007).

Em estudo sobre qualidade de vida e a presença de doenças como a depressão em mulheres que sofrem a violência mostrou-se que a maioria das vítimas de agressão (72%) desenvolve um grau de depressão clínica significativa. A grande maioria das mulheres que vivenciam a violência (78%) também apresenta sintomas como ansiedade e insônia, sendo que 24% daquelas que sofrem agressões iniciaram o uso de remédios ansiolíticos após o começo dos episódios. Um dado que aponta a repercussão mais severa na qualidade de vida é aquele que mostra que 39% das mulheres desse estudo que sofrem violência já cogitaram cometer suicídio. O estudo conclui que a violência sofrida pelas mulheres no domicílio, por parte de seus parceiros provoca efeitos como a má qualidade de vida e prejuízos para sua saúde mental como depressão, baixa auto-estima e apatia que, por sua vez, podem ser responsáveis por dificultar a busca da mulher pela resolução de seu sofrimento (ADEODATO *et al.*, 2005).

Segundo Minayo (2000), em todas as pesquisas feitas sobre qualidade de vida, foram encontrados valores não materiais que pressupõem subjetividade, como amor, solidariedade e felicidade, além dos aspectos materiais que representam uma dimensão objetiva de satisfação das necessidades universais da vida humana, tais como: trabalho, alimentação, saúde, habitação, educação e lazer. Ainda de acordo com o mesmo autor, existem elementos reconhecidos por representar uma negação à qualidade de vida: a violência, o desemprego e a exclusão social.

### **3.2 Violência Simbólica**

Bourdieu (2010) discute a dominação simbólica que se exerce por meio de uma construção arbitrária dos papéis biológicos inerentes às distinções sexuais vigentes. Essa dominação simbólica está arraigada e é natural nas relações sociais e no comportamento tanto de homens quanto de mulheres. Ambos incorporam e se encarregam de legitimar a reprodução social androcêntrica nos diversos espaços sociais e tornam, assim, essa concepção como senso comum e norteadora das práticas e da realidade. É nesse sentido que homens e mulheres imprimem a suas relações sociais de poder a incorporação, de forma inconsciente, dessas idéias naturalizadas e conferem uma dinâmica de ordem simbólica e violência simbólica a tais relações sociais.

Ao se considerar que homens e mulheres são responsáveis pela reprodução social dessa dominação androcêntrica que constitui uma ordem social de dominação injusta e violenta, vê-se que tal condição se perpetua, apesar de algumas conquistas e mudanças obtidas pelo feminismo. Essa realidade histórica só será passível de transformação por meio de intervenções políticas que possam incidir em várias instâncias como educação, igreja, família e estado que atuam na reprodução social da ordem dominante (BOURDIEU, 2010).

Bourdieu (2010) afirma que a dominação simbólica pode ser derivada de etnia, gênero, cultura, língua, dentre outros. Habita o inconsciente das pessoas, é exercida por meio dos hábitos, das percepções, das ações; mas permanece desconhecida pelos sujeitos envolvidos.

A força simbólica constitui uma forma de poder exercida sobre as pessoas, sem o uso de força física, e é legitimada pela incorporação de suas condições instauradoras que atuam como lei social. A legitimação como lei social confere, à dominação simbólica, a característica da submissão. Dessa maneira, a relação de caráter simbólico entre os dominantes e dominados



inclui a aceitação dessa situação pelos dominados pelo fato de ambos compartilharem os mesmos ideais hegemônicos incorporados (BOURDIEU, 2010).

Pode-se dizer que as relações de poder são reconhecidas ou não, ao se considerar o conceito de Bourdieu (2004) que diz que o poder simbólico é invisível, existe de forma inconsciente tanto para aquelas pessoas que o exercem mesmo sem saber, quanto para aquelas que não se reconhecem sujeitos ao mesmo. Assim, mediante uma situação na qual o poder é muito visível, é preciso apreendê-lo sob o ponto de vista no qual ele se encontra mais ignorado e, por isso mesmo, reconhecido.

Para Bourdieu (2004), as relações de comunicação pressupõem, necessariamente, relações de poder, com forma e conteúdo influenciados pelo fator material ou simbólico acumulado pelos sujeitos ou pelas instituições nas quais são vivenciadas essas relações e, por sua vez, surgem dessas relações possíveis acúmulos de poder simbólico. O mesmo autor denomina que “sistemas simbólicos”, como instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento, são capazes de se constituir como instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação.

A partir disso, o autor enfatiza o simbólico como um poder de construção da realidade e do sentido do mundo social que pressupõe, conforme o conformismo lógico de Durkheim, uma ideia uniforme de tempo, espaço, do motivo, que possibilita o consentimento entre as inteligências. Nesse sentido, os símbolos, que são instrumentos de conhecimento e comunicação, promovem a integração social além de criar um consenso a respeito do significado do mundo social e, assim, direcionar para a reprodução da ordem social que faz surgir a integração lógica e moral (BOURDIEU, 2004).

As produções simbólicas funcionam como instrumentos de dominação na medida em que se relacionam com os interesses da classe dominante. Por assim dizer, as ideologias são um produto coletivo pertinente aos interesses particulares que, em dado momento, tornam-se também interesses universais comuns a todo um conjunto de grupos. Dessa dinâmica, resultam uma cultura dominante e uma classe dominante que se comunicam e se integram. Por outro lado, as demais classes são integradas a esses “interesses universais” por meio da desmobilização em que se encontram. Por ser uma falsa consciência, ocorrem, nesse ponto, a dominação dessas outras classes, a legitimação da ordem dominante estabelecida e hierarquias reafirmadoras das distinções existentes entre as classes. Desse modo, essa cultura dominante

é, ao mesmo tempo, instrumento de comunicação e distinção, pois, ao passo que a uns une, a outros separa (BOURDIEU, 2004).

As relações de comunicação são também relações de poder que dependem do simbólico acumulado. Os sistemas simbólicos (instrumentos estruturantes e estruturados de comunicação e conhecimento) desempenham politicamente a imposição e a legitimação da dominação (violência simbólica) sobre a classe dominada. Há sempre uma constante luta simbólica de classes no intuito de que uma delas consiga impor seu significado de mundo social conforme seus próprios interesses, posição social, ideologias e, conseqüentemente, possa exercer, de forma hegemônica, a violência simbólica legítima que pressupõe impor, de forma arbitrária, velada e invisível, sua própria concepção de realidade social (BOURDIEU, 2004).

A crítica que Bourdieu (2004) faz ao marxismo e ao idealismo é que não se deve esquecer que as ideologias são determinadas por dois fatores muito importantes (e não apenas por um só deles): modo de produção e interesses das classes sociais dominantes.

Assim, Bourdieu (2004) defende que a lógica do poder simbólico tem uma força oculta que se impõe como visão de mundo veladamente, naturalmente, e, é assim que a ideologia dominante se torna legítima ao estar presente e imperceptível nas instâncias jurídicas, religiosas, filosóficas, científicas. Nesse contexto, o simbólico é instaurado e invisível (aos olhares isentos de crítica profunda), pressupõe subordinação, é um poder transformado das outras formas que existem, nele as relações sociais pressupõem relações de poder e de força.

#### **4- BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

##### **4.1 Teoria da Representação Social e Teoria do Núcleo Central**

O presente estudo é fundamentado no referencial teórico-metodológico da Teoria da Representação Social (TRS) criada por Serge Moscovici em 1961 e na Teoria do Núcleo Central (TNC) elaborada por Jean-Claude Abric em 1976.

O conceito de representação social surgiu da sociologia, de conceitos da teoria de Durkheim e, posteriormente da antropologia na década de 1960. Foi desenvolvido no campo da psicologia social por Moscovici e aprofundado por Jodelet. A teoria ganhou reconhecimento a

partir de 1980 na França, atualmente é utilizada em muitos campos como o da saúde e da educação (ARRUDA, 2002).

A TRS pressupõe um conceito de trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade, além de considerar que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar: o senso comum e o conhecimento científico. Não considera uma diferença que as separa. Essas formas apresentam-se como propósitos distintos, mas ambas são eficazes e indispensáveis para a vida humana. O senso comum se constitui do cotidiano, das conversas informais, enquanto o conhecimento científico possui linguagem, especialistas e hierarquia próprias. As representações sociais constroem-se, principalmente, a partir do senso comum, do saber popular, da consciência coletiva e está, dessa forma, acessível a todos e é também variável (ARRUDA, 2002).

Para Moscovici, a realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito que possui relação com seu contexto social, seus processos subjetivos e cognitivos (ARRUDA, 2002).

A representação social é uma organização construída pelo indivíduo e pelo conjunto social que confere significado à realidade comum; portanto depende do contexto social, do sistema de atitudes, valores e normas dos indivíduos, bem como de suas experiências vivenciadas. Assim, a representação também é uma forma de interpretar a realidade e influencia os comportamentos e práticas dos indivíduos. Possui quatro funções fundamentais: função de saber (permitem compreender e explicar a realidade); função identitária (define a identidade do grupo e a proteção de sua especificidade); função de orientação (guia os comportamentos e as práticas sociais); função justificadora (proporciona justificar as tomadas de decisões práticas, as condutas sociais e os comportamentos) (ABRIC, 1998).

Segundo a TNC, a representação social se organiza em torno de um núcleo central formado por uma ou mais cognições que conferem significado à representação social. O núcleo central, também chamado pelo autor de núcleo estruturante, possui duas funções fundamentais: função geradora e função organizadora. A função geradora pressupõe que o núcleo central cria ou transforma o significado, o sentido dos outros elementos da representação. A função organizadora consiste na característica do núcleo central de ser o elo unificador e estabilizador da representação (ABRIC, 1998).

Os elementos periféricos se organizam em torno do núcleo central e possuem três importantes funções: função de concretização, função de regulação e função de defesa. A função de concretização indica que os elementos periféricos são diretamente dependentes do contexto e da realidade na qual a representação é construída. A função de regulação aponta para a característica dos elementos periféricos como adaptadores da representação às evoluções do contexto assim podem ser integrados elementos novos à periferia da representação. A função de defesa implica que, no sistema periférico, podem aparecer contradições ou ponderações ao núcleo central (ABRIC, 1998).

Considera-se que o núcleo central é estável, resistente a mudanças, está relacionado à memória e à história coletiva de um determinado grupo sendo, dessa forma, consensual e homogêneo dentro do mesmo e, por conseguinte, pouco sensível ao contexto imediato. Por outro lado, o sistema periférico apresenta-se como o aspecto móvel e evolutivo da representação, é capaz de integrar experiências individuais, cotidianas e contextualizadas; tolera, assim, a heterogeneidade do grupo e as contradições; é flexível e sensível a mudanças do contexto imediato (ABRIC, 1998).

A TNC é também definida como abordagem complementar da TRS e defende a necessidade de trabalhar a ideia de centralidade na organização da representação social. Uma estrutura é um conjunto de crenças, opiniões, atitudes, scripts, enfim, cognições que mantêm entre si relações quantitativas e qualitativas, sendo que somente as mudanças qualitativas podem provocar mudança no todo (CAMPOS & LOUREIRO, 2003).

#### **4.2 Cenário e sujeitos do estudo**

O cenário escolhido para este estudo foi a cidade de Carmésia, município de pequeno porte, do interior do Estado de Minas Gerais, a cerca de 200 km de Belo Horizonte com aproximadamente 2.500 habitantes. O cenário é local de campo de estágio do internato rural da Escola de Enfermagem da UFMG (EEUFMG). Possui uma Equipe de Saúde da Família que atende a população.

Os sujeitos da pesquisa são mulheres com idade entre 20 e 50 anos. Foi escolhida essa faixa etária a fim de delimitar que sejam sujeitos do estudo mulheres adultas em idade reprodutiva. Foram entrevistadas, em fevereiro de 2011, 100 mulheres para a primeira etapa da pesquisa, escolhidas de forma aleatória, considerando-se alguns pressupostos para a realização da

técnica utilizadas para a coleta de dados. Após a análise dos dados da primeira etapa, foram convidadas quinze mulheres para a segunda etapa, escolhidas entre as participantes anteriores, das quais compareceram oito que constituíram o grupo participante a oficina realizada nessa etapa.

### **4.3 Coleta de dados**

O estudo foi realizado em duas etapas distintas, a saber: primeira etapa: técnica de evocação livre; segunda etapa: oficina.

#### **4.3.1 Primeira etapa**

Foi utilizada, para a coleta de dados da primeira etapa, a técnica de evocação livre. Tal técnica considera as propriedades qualitativas e quantitativas no levantamento dos possíveis elementos centrais e periféricos de uma representação social (SÁ, 2002). O método da evocação ou associação livre propicia colocar em evidência o universo semântico do objeto estudado, assim como sua dimensão imagética, de forma mais rápida e dinâmica que outros métodos com igual objetivo, como a entrevista (BARDIN, 1997; ABRIC, 2001). Permite também avaliar os campos semânticos característicos de cada subgrupo de sujeitos, comparando-os entre si. Como esse tipo de resposta varia mais do que as respostas de perguntas fechadas, deve-se possibilitar a construção de um universo semântico que contemple essa variedade de informações, por meio de entrevista com o maior número possível de sujeitos.

A aplicação da técnica neste estudo consistiu em solicitar aos sujeitos que verbalizassem cinco palavras ou expressões que lhes ocorreram imediatamente à cabeça em relação aos termos indutores violência e qualidade de vida. Esses termos representam, na verdade, dois ângulos complementares para a análise da representação da violência simbólica na perspectiva das mulheres. O entrevistador escreveu as evocações e solicitou que a entrevistada confirmasse seu registro correto em questionário conforme modelo abaixo:

COLETA DE EVOCAÇÕES N.º _____ <b>Identificação</b>	
<b>I – IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>IDADE:</b> _____ <b>PROFISSAO:</b> _____ <b>LOCAL DE MORADIA:</b> _____ <b>ESTADO CIVIL:</b> _____ <b>Nº FILHOS:</b> _____	
<b>Variáveis</b>	
<b>II – COLETA DE EVOCAÇÕES:</b>	
Agora, você deverá falar cinco palavras ou expressões que vêm imediatamente à sua cabeça em relação às expressões abaixo relacionadas:	
<b>VIOLENCIA</b>  Ordem de importância ou - ( ) _____ ( ) _____ ( ) _____ ( ) _____ ( ) _____	<b>QUALIDADE DE VIDA</b>  Ordem de importância + ou - ( ) _____ ( ) _____ ( ) _____ ( ) _____ ( ) _____
<b>Ordem de Evocação</b>	<b>Hierarquização (1 a 5)</b>
<b>Atitude / Julgamento / Avaliação</b>	

FIGURA 1- QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE EVOCAÇÕES.

Logo depois, foi solicitado aos sujeitos que classificassem cada palavra com os termos positivo (+) ou negativo (-), que foram registrados na coluna à esquerda de cada evocação. Esses dados foram utilizados na análise de atitudes que, nas representações sociais, referem-se ao julgamento, avaliação ou opiniões dos sujeitos em relação a determinado objeto ou entidade social (DOISE, 2001).

Após isso, cada entrevistada enumerou, em uma escala de um a cinco, as evocações, por ordem decrescente de importância, com o objetivo de identificar aquelas que julgaram possuir maior significado em relação a cada termo indutor. Também foi solicitado às participantes que justificassem a ordem de importância atribuída por elas, bem como a explicação de algum termo evocado caso houvesse necessidade. Todo o conteúdo das entrevistas foi gravado, transcrito na íntegra e analisado para compor também a análise de dados qualitativos referentes aos dados da primeira etapa.

As evocações foram coletadas por mim e por uma bolsista de iniciação científica da pesquisa, previamente treinada. Os dados da primeira etapa foram analisados previamente antes de ser realizada a segunda etapa da pesquisa. As entrevistas foram realizadas em locais determinados pelas participantes (residência, sala reservada no centro de saúde ou outro local reservado) e gravadas com sua autorização prévia. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### 4.3.2 Segunda Etapa

Afonso (2002, p.11) caracteriza a Oficina como uma prática de intervenção psicossocial, seja em contexto pedagógico, clínico comunitário ou de política social e a conceitua como:

um processo estruturado com grupos, independente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir.

Chiesa (1994); Fonseca (1996) concebem a Oficina como um espaço de reflexão, intervenção e empoderamento dos participantes, além de utilizarem-na como técnica de coleta de dados em pesquisa.

A oficina possui um roteiro de realização já previamente construído (Apêndice E), foi realizada em local / horário pré-determinado e gravada, com permissão prévia, para se garantir a confiabilidade das informações. A gravação foi transcrita na íntegra. Tal técnica mostrou-se pertinente para este estudo, pois possibilita resgatar as representações dos sujeitos, bem como a intencionalidade e significados das falas. A segunda etapa foi utilizada como aprofundamento das representações sociais encontradas na primeira etapa e discussão de propostas de enfrentamento de violência na busca de melhoria da qualidade de vida.

O início da oficina foi com uma dinâmica de aquecimento com apresentação individual de todos. Na sequência, cada um escreveu uma ação que promove paz e colocou essa palavra em um mural da cultura da paz. Em seguida, veio o segundo momento da oficina que foi de reflexão individual e coletiva; nessa parte, as mulheres, ao construir varais dos temas violência e qualidade de vida, relacionaram os elementos periféricos de cada estrutura representacional (obtidas por meio da análise dos dados da primeira etapa) com os respectivos termos centrais que entenderam estar relacionados. Durante essa dinâmica, as participantes explicavam a relação que entendiam entre um elemento e outro. Depois, foi feita uma síntese de toda a discussão e reflexão. O objetivo foi discutir as representações encontradas na primeira etapa e correlacioná-las às palavras do núcleo central. Por último, foi feito o encerramento da oficina com uma reflexão a respeito do enfrentamento da violência em busca de uma melhor qualidade de vida e também uma dinâmica da flor.

Todos os aspectos éticos foram respeitados de acordo com a Resolução 196/96 que rege a realização de pesquisas com seres humanos. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê

de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG). O prefeito de Carmésia deu autorização para que a pesquisa fosse desenvolvida. As participantes, ao serem convidadas, em ambas as etapas, foram informadas de todos os objetivos e condições para poderem manifestar sua vontade de participar ou não. Caso concordassem, assinavam o TCLE respectivo de cada etapa da pesquisa. Além disso, tiveram seu anonimato garantido bem como o sigilo dos dados que forneceram que só foram e só serão usados para fins científicos. Também foi respeitado o direito da não participação no trabalho, bem como o de uma informante poder se desligar do estudo a qualquer momento, sem que isso interfira na assistência prestada a ela ou a sua família pelo município.

#### **4.4 Análise de dados**

##### **4.4.1 Primeira etapa**

Para análise da primeira etapa cada palavra foi digitada em seu formato original, em planilha *excel*, segundo modelo do *software* EVOC 2000, para a construção do corpus de análise.

As evocações que receberam avaliação negativa foram digitadas em cor vermelha, para facilitar sua identificação e análise posterior. Nas expressões evocadas, utilizou-se o negrito para marcar o significado principal, de acordo com a identificação feita pelo sujeito durante a entrevista.

Para uniformizar o conteúdo semântico, proporcionando uma análise mais consistente, fez-se necessário um processo de padronização das palavras evocadas pela população. Para isso, a partir da planilha *Excel* foi criada uma lista de todas as evocações, em arquivo *Word* onde as palavras foram agrupadas por proximidade de significado. O termo definido como padrão para cada agrupamento foi escolhido dentre as próprias evocações dos sujeitos.

Após exaustiva revisão dessa lista, os termos padronizados foram organizados em forma de dicionário, com os termos escolhidos como padrões na coluna esquerda, seguido por todas as palavras relacionadas aos seus conteúdos semânticos na direita, foram nominados como Dicionário EVOC de Padronização de cada termo (violência e qualidade de vida), separadamente.

A partir do dicionário, foi feita a substituição de cada evocação do corpus original por seu respectivo termo padrão. Após esse processo, os dados lançados na planilha *Excel* foram



abertos no programa *Word*, para a elaboração do corpus final, que precisa estar salvo no programa Bloco de Notas (somente texto), formatado de maneira a ser lido pelo *software* EVOC 2000 responsável pelo tratamento dos dados, no seguinte padrão: **Número da entrevista; idade; profissão; estado civil; n° de filhos; 1 palavra 2 palavra 3 palavra 4 palavra 5 palavra.**

O produto obtido por meio das evocações livres, presente no corpus final, foi analisado pela técnica do quadro de quatro casas, criado por Pierre Vergès (OLIVEIRA, 2001). Parte-se da premissa de que os termos que atendam, ao mesmo tempo, aos critérios de maior frequência e ordem prioritária de evocação terão uma maior importância no esquema cognitivo do sujeito e, provavelmente, pertencem ao núcleo central da representação (SÁ, 2002; OLIVEIRA *et al.*, 2005).

O tratamento dos dados coletados foi realizado por meio do *software* EVOC, versão 2003 (VERGÈS, 2000). A técnica de Vergès, integrada à tecnologia da informática, mostrou-se como um importante instrumento facilitador para a análise da estrutura e organização de uma representação social. Esse *software* constitui-se em importante instrumento de organização e tratamento de dados textuais, tornando a análise qualitativa mais sistemática. A economia de tempo e a possibilidade de mobilizar os dados dentro do programa para uma análise mais criteriosa constituem-se em vantagens para o pesquisador no estudo desses aspectos da representação social.

A partir do dicionário de palavras produzidas pela população de sujeitos, para cada termo indutor, o software calculou e informou a frequência simples de ocorrência de cada palavra evocada, a média ponderada de ocorrência de cada palavra em função da ordem de evocação e a média das ordens médias ponderadas do conjunto dos termos evocados (OLIVEIRA *et al.*, 2005). A partir desses valores de corte é que se compuseram as informações para a construção do chamado “quadro de quatro casas” (quadro composto por quatro quadrantes), por meio do qual se discriminam o núcleo central, os elementos de contraste e os elementos periféricos da representação (SÁ, 2002; OLIVEIRA, 2005).

Após a distribuição dos termos nos quadrantes, comparando-se a frequência e o valor médio da ordem de evocação de cada termo com os valores de corte dos quadrantes, procedeu-se à interpretação dos mesmos. Essa leitura é feita conforme a ilustração abaixo: as palavras que se situam no quadrante superior esquerdo, que agrupam os elementos mais frequentes e mais

importantes, constituem elementos do núcleo central da representação estudada; aquelas situadas no quadrante superior direito representam a primeira periferia e possuem significados que complementam o núcleo central; os elementos da segunda periferia da representação, que se situam no quadrante inferior direito, constituem-se nos menos frequentes e mais individualizados de toda a representação; no quadrante inferior esquerdo, há palavras que constituem a zona de contraste, com os elementos que apresentam baixa frequência, mas são considerados importantes pelos sujeitos, podendo revelar elementos que reforçam as noções presentes no núcleo central ou na primeira periferia, ou ainda a existência de um sub-grupo minoritário portador de uma representação diferente (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

***Média das Ordens Médias  
Ponderada de Evocação***

<b>&lt; que</b>  <b>Elementos do Núcleo Central</b>  <i>Frequência Média das Palavras Evocadas</i>	<b>&gt; que</b>  <b>Elementos da 1ª Periferia</b>
<b>Elementos de contraste &lt; que</b>	<b>Elementos Periféricos da 2ª Periferia &gt; que</b>

FIGURA 2: MODELO DE ANÁLISE DAS EVOCAÇÕES PELO QUADRO DE QUATRO CASAS (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

#### **4.4.2 Segunda etapa**

Os dados coletados na oficina de trabalho foram gravados em gravador digital, posteriormente transcritos e submetidos à Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004). Foi feita a ordenação dos dados, após transcrição dos áudios, por meio de leituras prévias e leituras exaustivas dos relatos buscando organizá-los para que pudesse ser formado um sentido para o conjunto de proposições; leitura do texto com o objetivo de encontrar “unidades de significados” no discurso da pesquisa; transformação das unidades de significados em temas, buscando um aprofundamento do conteúdo das mensagens; categorização dos temas; interpretação das categorias e discussão com a literatura existente.

### **5- RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **5.1. Caracterização dos sujeitos**

Os sujeitos participantes da primeira etapa da pesquisa foram 100 mulheres residentes no Município de Carmésia no Estado de Minas Gerais. Dessas 100 mulheres, 42% pertencem à faixa etária entre 20 anos e menor ou igual a 30 anos; 35% têm mais de 30 anos, menos de 40 ou 40 anos; 23% têm mais de 40 anos, menos de 50 ou 50 anos de idade completos. Com relação à profissão, 24% eram donas de casa, 13% trabalham como domésticas ou diaristas, 13% são professoras, 12% são comerciantes, 5% auxiliares de serviços gerais, 5% técnicas de enfermagem, 3% secretárias, 3% funcionárias públicas e 22% possuem outras ocupações diversas como contadora, bibliotecária, auxiliar de laboratório, chefe de recursos humanos, lavradora, cabeleireira, manicure, conselheira tutelar, dentre outras.

A maioria das participantes é casada (61%); 31% são solteiras, 4% separadas e 4% viúvas. Entre todas, 72% residem com um parceiro. Com relação ao número de filhos de cada mulher, 25% não possuem filhos, 32% têm dois filhos, 20% têm um filho, 13% possuem três; os 10% restantes possuem quatro filhos ou mais. Das mulheres que possuem filhos, 79% declararam que os filhos são todos de um mesmo parceiro. No que diz respeito à cor da pele, 46% das mulheres declararam-se pardas, 20% disseram ser brancas, 16% se declararam pretas, 14% não se declararam, 3% se referiram como amarelas e 1% se considera indígena.

## 5.2. Resultados e Discussão da Primeira Etapa

### 5.2.1 Dicionários de Palavras Evocadas – Termo Indutor Violência e Termo Indutor Qualidade de Vida

Os dicionários de palavras evocadas dos termos indutores violência e qualidade de vida foram construídos durante uma das etapas preliminares de análise dos dados coletados na primeira etapa da pesquisa conforme descrição já feita no item 4.4.1. A seguir, encontram-se, separadamente, os dois dicionários obtidos.

**Tabela 1 – Dicionário de Palavras Evocadas Termo Indutor Violência**

<b>Dicionário de Palavras Evocadas Termo Indutor Violência</b>	
<b>Termo Principal</b>	<b>Termos evocados</b>
Agressão	Agressivo; Insulta; Espanca; Violência verbal; Agressão física; Agressão contra a criança; Bater em idosos; Judiar; Agressão; Violência com crianças; Violência contra a criança; Violência doméstica; Doméstica; Violência contra os idosos; Violência contra a mulher; Violência verbal; Agressão; Bater; Espancamento; Agressão as pessoas; A pessoa que age com violência; Agressivo; Contra os idosos; Contra as crianças; O menor; Adolescentes; Idosos; Mulher; Entre casal:homem bater em mulher; Marido bate na mulher; Bater no filho; Briga entre marido e mulher; Briga na família; Agressão; Bater; Respostas e agressões com palavras dos aluno violentos do professor; Violência física não convivo com isso na minha família; tem muitos casos aqui na cidade de violências; pai que batem nos filhos, tipo de agressão. Bater; Agredir pessoas com palavras; Espancamento; Agressão; Briga; Agressão; Agressão pai e filho ou marido ou mulher; Violência física; Violência verbal; uma criança agride a outra com palavra;Violência psicológica; Violência doméstica; Violência dentro de casa; Briga; Pessoa brigando; Marido que espanca muito as esposas; Mãe que bate nos filhos; Más respostas agride demais; Filhos agride os pais e as mães; Pais que espancam crianças; Violência contra o casal (brigas); Espancamento, brigas; Tortura; Violência contra a mulher; Mãe espanca filhos; Espancamento; Violência contra os idosos; Espancamento; Palavras mal ditas; Agredir fisicamente; Brigas entre casal; Se for para ficar com briga é melhor separar; Espancamento; Violência verbal; maltrato dentro de casa; Espancamento de menor; Maltrato; Agressão; Briga; Apanhar; Agressão física; Agressão Verbal; Falar alto; Agressão; Agressão; Violência de palavras; Agressão; Agressão contra a mulher; Agressão, Briga; Pais que espanca filho; Filho agressivo com pais; Violência parceiro contra mulher; Maus tratos; Maus tratos; Violência em casa; Mau trato físico; Mau trato mental; Maus tratos; Maus tratos;

	Agressão; Palavras mal ditas; Agressão; Violência contra a criança e o adolescente; Violência verbal; Espancamento; Agressão; Agressão; Violência contra doméstica; Tanto comigo quanto com os que vejo na rua; crianças (muito mal-tratadas); Perturbação física e psicológica.
Drogas	Drogas; Droga; Bebidas; Problema das drogas; Bebidas; álcool; Bebida (embriagada); Muita drogas; Álcool; Vício de bebida; Alcoolismo; Bebida; Vício; Tráfico de drogas.
Estupro	Estupro; Abuso sexual; Sexo; Pai que estupra filho; Abuso sexual; Casos de moças que tem filhos com os próprios pais aqui na cidade; Não acho certo relação sexual entre adolescentes de 12 anos, é um meio de violência; Violência sexual; Violência sexual infantil; Abuso; Pedofilia.
Sentimento	Sofrimento; Sentimento; Revolta; Constrangimento; Arrependimento; Decepção; Pena; Agonia; Ódio; Medo; Dor; Tristeza; Desespero; Triste; Ódio; Mágoa; Medo de ser agredida; Trauma; Baixa auto-estima; Sentimento de incapacidade; Rejeição; Raiva; Temor; Decepcionada; Medo; Aborrecida; Lágrima; Saudade; Insegurança; Insegurança; Negativismo; Angústia; Traz medo; Traz insegurança; Aflição; Indignação; Revolta; Medo de ser morta pelos bens que a gente tem; Medo de agredir meus filhos em Belo Horizonte; Medo de ser seqüestrada; A gente precisa de mais segurança na cidade; Insegurança; Desprezo; Mal humor; Desengano(veio depois das evocações Medo, Tristeza e ódio); Depressão (a mulher teve depressão depois que perdeu o marido).
Falta	Falta; Falta de respeito; Desrespeito a comunidade; Desrespeito a criança e ao adolescente; Desrespeito; Um não respeita o outro; Filho não respeita pai; Falta de respeito contra o outro; Falta de respeito com o próximo; Falta de respeito com o próximo; Desacato; jovem muito dependente de si mesmo (no áudio da entrevista ela diz que precisa das coisas para ter mais respeito), Falta de amor; Falta diálogo, juntar pra mudar algo; Falta de sentimento; Falta de sensibilidade; Falta de informação; Falta de compreensão; Falta de conhecimento; Falta de amor com o próximo; Falta de Deus (na pessoa que comete a violência); Falta de atenção; Falta de dialogo; Falta de compreensão; Falta de cultura; Falta de amor próprio; falta de expectativa; Falta de união; Desunião; Pessoa que não gosta de uma outra; Desamor; Desunião; Desrespeito
Morte	Morte; Matar; Assassinato; Assassinatos; Arma; Bandido; Sequestro; Revólver; Corrupção; morte; Vandalismo; Conseqüências; Prostituição Assalto; Roubo; Sequestro; Assaltos; Roubar; Prisão.
Paz	Sossego; Paz; Qualidade de vida, Alegria; Bondade; Misericórdia; A gente precisa de paz; Peço a Deus para dar paz para as pessoas; Dar mais carinho para as pessoas; Ter mais união; Ter mais amor um com o outro; Tem que compreender;
Desigualdade social	Desigualdade social; Crise econômica; Desemprego; Má distribuição de renda; Condições de vida precária; Favela; Desigualdade; Materialismo; Demonstra como a educação está defasada; Educação; influências; conseqüências, dificuldade; As coisas tá muito difícil; Desigualdade.

Ruim	Ruim; Chato demais; Gesto ruim; Mau gosto; Forte (soa muito forte); Ruim.
Tragédia	Tragédia; Terror; Horror; Ruína; Destruição, Acaba com a imagem da outra.
Impunidade	Impunidade; Injustiça; Injustiças com o ser humano; Policiais serem injustos; Injustiça social; Descaso.
Desumanidade	Desumanidade; Crueldade; Desonestidade; Maldade; Ruindade; Inimizade; Covardia; Fazer as pessoas sofrerem; Ignorância; Egoísmo; Burrice; Ignorância; Inveja; Estúpida.
Opressão	Opressão; Mulher que fica submissa; Abuso de poder; Invasão, Violar; Não dar o direito que a gente tem, isso é violência, violar direito; Obriga; Usurpação; abuso de autoridade; Tira a liberdade do outro; Perseguição; a gente não tem defesa; Inferioridade; Futuro sem perspectiva; Aceitação; Difícil demais tolerar; Conscientização; Cuidados (“a gente tem que ta sempre preparado pra a qualquer momento a gente ser atacado por uma violência”); esperteza; fugir.
Família	Família; Estrutura familiar; Família desestruturada; Criação; Abandono; mães deixam os filhos pra rua; Abandono; Desestrutura familiar; Ambiente familiar; Violência entre família é errado.
Nunca deve ter violência	Nunca deve ter violência; Não é a favor da violência e do aborto; Não Acho certo; Denunciar; Não gostar da violência; Filho de menor dirigir não pode; Não pode reagir com violência; Não pode chegar perto.

**Tabela 2 – Dicionário de Palavras Evocadas Termo Indutor Qualidade de Vida**

<b>Dicionário de Palavras Evocadas Termo Indutor Qualidade de Vida</b>	
<b>Termo Principal</b>	<b>Termos evocados</b>
Saúde	Saúde; Ter saúde; Vida saudável com saúde; Boa saúde; Acompanhamento ginecológico; Mamografia; Tratamento dentário; Andar limpo (ter saúde); Médico; Hospital; Prevenção; Sono; Estado físico e mental; Fraqueza; Higiene; Higiene corporal e mental; Limpeza; Protetor solar; Estar bem em todos os aspectos; Bem-estar; Equilíbrio,
Trabalho	Emprego; Serviço; Trabalho; Bom emprego; Trabalhar; Trabalhando; Conseguir trabalhar; Profissão; Emprego fixo; Condição financeira adequada (emprego); Bom serviço; Direito ao emprego; Realização profissional; Valor ao serviço; Desemprego; Opção de serviço; As pessoas trabalhar e ter os direitos garantidos.
Dinheiro	"Din din"; Dinheiro; Boa condição financeira; Pagamento; Recurso financeiro; Salário; Parte financeira; Situação sócio-econômica favorável; Condição financeira; Ter um dinheiro para sair quando precisar, passear; Financeiramente razoável; É chato eles ficar pedindo a gente as coisas; A gente não ter condição de dá; Não ter condição de dar brinquedos aos meninos; Da gente não poder dar a eles o que eles

	precisam, coisa boa; É chato a gente não ter condições de cuidar das crianças direito.
Religião	Religião; Fé; Crer em Deus; Deus; Amor à Deus; Ter muita fé em Deus; Educação religiosa; Tranquilidade espiritual; Deus ( procurar Deus).
Amor	Amor; Amizade; Amigos; Ter mais amizades verdadeiras; Amizade; Carinho com os outros; Amor próprio; Companheirismo; Carinho; Carinhosamente; A gente tem que ter amor uns aos outros; Amor ao próximo; Carinho; Bons amigos.
Felicidade	Felicidade; Queria ser mais feliz; Ser muito feliz; Feliz; Alegria; Prazer com as coisas.
Lazer	Lazer; Curtir a vida; Diversão; Ter um carro pra passear; Viajar; Lazer com os filhos e esposo; Brincar; Natureza.
Alimentação	Boa alimentação; Alimentação; alimentar-se bem; fome; Alimentar bem; Boa alimentação; Alimentação boa; Ter o que comer; Ter o que dá pra uma criança comer;
Paz	Tranquilidade; Paz; Harmonia; Sossego; Ter tranquilidade; Paz consigo; Paz em ambiente em família, na cidade; Ter paz; Sem tumulto; Tranquila; Tranquilidade no trabalho: ir e vir; Sem ressentimentos; Sem violência; Sem violências; Sem violência; Perda da liberdade (perde qualidade de vida) Liberdade de ser você mesma; Liberdade.
Família	Família; Amor na família; Apoio familiar; Harmonia familiar; Famílias; Ter uma família; Se sentir amado pela família; Boa família; Viver bem com as famílias; família estruturada; Estar de bem com a família; Convivência boa com a família; Estrutura familiar; Filhos; Vivo bem com meu marido e com meus filhos; Boa convivência familiar; Ter filho; Estrutura familiar; Viver bem, conviver com os filhos e marido; Esposo; Cuidar dos filhos da gente; Meu marido é Deus e meus filhos; Pensar antes de falar com a criança, Convívio entre família; Não tem marido e nem vontade de ter.
Respeito	Respeito; O povo tem que respeitar um ao outro mais; Respeitar o próximo; Ensinar os filhos e respeitar os outros; Respeito; Respeito político.
Convívio social	Bom relacionamento com a população; Vida Social; Convívio social; Conviver bem com as pessoas; convivência (Relacionamento com as pessoas); Estar de bem com todos; Bem estar social; Integridade social; Vivência, convívio bem com os vizinhos; Estar próximo a pessoas do bem; Se dar bem com as pessoas; Viver bem na cidade; Bom relacionamento; Boa convivência; População; Ambiente; Fazendo as coisas, atividades do dia; Organização; Ser cidadão; Seriedade; Diálogo; Bom diálogo; União; Falta de união; Desunião; Viver em união, Falta de união.
Educação	Bom estudo; Estudo; Boa instrução; Direito à educação; Educação; Boa educação; Escola; Estudando; Escolaridade; Queria que meu filho fosse igual a mim, queria que ele fosse estudioso; Boa escola; Estudar, Estudos; Educação; Pessoa ser estudado; Educação infantil; Educação de qualidade; Qualificação escolar; Inteligência; Informação; Entendimento; Cultura; Ensinar os filhos o caminho certo.
Moradia	Casa pra morar; Casa; Casa boa; Tenho minha casa boa, mas queria melhor; Boa moradia; Moradia; Casa própria; Moradia digna; O lugar onde a gente mora; Um lar para morar; Móveis; Conforto; Crianças ter

	um lugar bom para viver.
Humanidade	Humanidade; Ajudar as pessoas; Honestidade; Compreensão; Justiça; Compreender; Ajudar quem precisa; Solidariedade; Bondade; Ser uma boa pessoa; Dó; Solidariedade; Egoísmo; Tolerância; Paciência; Humildade; Autenticidade; Contribuição; Dignidade; Ter dignidade; Integridade.
Esporte	Educação física; Atividade física; Esporte;
Política pública	Política pública; Assistência a saúde; Area de Creche; Telecentro de informática; Bolsa família; Creche; Leite doado pela prefeitura; Bom atendimento na prefeitura; Hospital atender a gente melhor; Creche; Interior (lugar sossegado); Segurança; Saneamento básico; Difícil a qualidade de vida em alguns lugares; Os direitos tem que ser iguais; Distribuição de renda; Má Distribuição de renda; Igualdade social;
Motivação	Garra; Objetivo; Força de vontade; Motivação; Busca por melhoria de vida; Objetivo; Conquista; Esperança.
Boa condição de vida	Boas condições de vida; Boa condição de vida; Viver uma vida normal; Estrutura de vida boa; Normal; Boa; Muito bom; Melhorar; Oportunidade; Queria que fosse melhor; Futuro bom; Vivendo bem; Tratar bem; Viver bem; Ter uma vida boa; Viver; Outras não tem, a vida vai passando.



### 5.3. Estrutura Representacional de Violência e de Qualidade de vida

Após a constituição do dicionário, substituição das palavras, a análise por meio do EVOC, as representações foram organizadas nos quadros a seguir:

**Quadro 1 - Quadro de Quatro Casas Termo Indutor Violência**

Quadro de Quatro Casas - Termo Indutor Violência						
	OME < 3			OME >= 3		
	Termos	Frequência	OME	Termos	Frequência	OME
Frequência Média ( $\geq 22$ )	Agressão	109	2,908	Falta	57	3,281
	Sentimento	86	2,977	Opressão	23	3,391
	Morte	38	2,947			
	Drogas	31	2,387			
	Estupro	29	1,931			
Frequência Média ( $6 \geq F < 21$ )	Desumanidade	21	2,857	Desigualdade-social	19	3,316
	Família	12	2,833	Paz	13	3,231
	Nunca-deve-ter-violência	8	2,625	Impunidade	6	4,333
	Ruim	7	1,857			
	Tragédia	6	2,667			

Fonte: Coleta de dados da Pesquisa, 2011.

**Quadro 2 - Quadro de Quatro Casas Termo Indutor Qualidade de vida**

Quadro de Quatro Casas - Termo Indutor Qualidade de vida						
	OME < 3			OME >= 3		
	Termos	Frequência	OME	Termos	Frequência	OME
Frequência Média ( $\geq 30$ )	Saúde	61	2,623	Amor	31	3,516
	Trabalho	44	2,432	Convívio-social	32	3,500
				Educação	46	3,130
				Paz	36	3,000
				Família	31	3,000
Frequência Média ( $5 \geq F < 29$ )	Lazer	28	2,964	Religião	12	3,833
	Felicidade	14	2,571	Esporte	5	3,600
	Alimentação	18	2,556	Política-pública	19	3,316
	Moradia	20	2,350	Humanidade	24	3,250
	Boa-condição-de-vida	18	2,111	Motivação	8	3,250
				Respeito	11	3,091
				Dinheiro	25	3,040

Fonte: Coleta de dados da Pesquisa, 2011.

A estrutura representacional de violência traz, como elementos mais constantes, históricos e resistentes às mudanças, as seguintes cognições que compõem seu núcleo central: agressão, drogas, estupro, morte e sentimento. Essas palavras estão fortemente presentes na representação social dos sujeitos e é por meio delas que se constrói o sentido das demais cognições da representação social, assim como são também influenciadas e completadas por esses sujeitos.

A palavra agressão possui a maior frequência e também uma ordem média de evocação que a torna uma das cognições mais prontamente evocadas. Na elaboração do dicionário de palavras evocadas, foram agrupadas e denominadas pelo termo principal agressão todas as palavras e expressões que dizem respeito a tipos de agressão (psicológica, verbal, física), bem como sinônimos e palavras que remetem ao ato de agressão (agressivo, agredir, insulta, espanca, judiar, bater, briga, tortura, maus tratos, apanhar).

Destaca-se que o elemento agressão denomina os atos e atitudes violentas; e funciona, assim, duplamente: como um sinônimo da violência ou expressão da violência por se referir ao ato de agredir. Além disso, a agressão também se refere aos diversos âmbitos do fenômeno (psicológico, verbal, físico) nos mais variados tempos e espaços da vida, violência contra criança / adolescente / mulher / idosos, violência doméstica, violência familiar e violência em casa.

Dessa maneira, essa cognição mostra-se como o eixo norteador do núcleo central e de toda a representação social, pois caracteriza a violência de uma forma mais ampla e diretamente mais significativa. Nota-se que, dentre os vários tipos de violência evocados, a violência contra a mulher é especialmente destacada como um tipo de agressão grave e que traz repercussões:

*E50: “E a agressão que hoje a gente vê muito né ainda mais na mulher, agressão física da parte dos homens né, é muito grande.”*

*E3: “(...) Pode ser casal, entre casal homem batendo em mulher, que é uma violência gravíssima que eu acho.”*

*E60: “Os maridos que hoje em dia tá um absurdo, espancam muito suas esposas, até mesmo mãe que bate no filho que foi gerado, sem assim, sem "pricisão" né tanto. Acho assim, às*

*vezes as mal respostas as pessoas também agride bastante né. As vezes é sem "pricisão" de dá mal resposta. E os filhos mesmo, os filhos que agride os pai e as mãe."*

A construção que se faz para o conceito de gênero estrutura as dimensões materiais e simbólicas da vida social e se origina de uma construção histórica das atribuições sociais de feminilidade e masculinidade na qual há uma desigualdade de poder com o domínio do masculino. Esse processo se refere ao uso social e histórico que se faz dos corpos biológicos por meio das distinções sexuais entre feminilidade e masculinidade. Assim, a violência contra a mulher considerada como uma questão de gênero implica ponderar que as relações entre homem e mulher se apresentam sob a forma de conflitos e isso aponta uma potencial crise da ordem dominante tradicional. Dessa maneira, a violência surge como tentativa de evitar a perda do poder ou como prática educativa da ordem tradicional dominante (SCHRAIBER, 2009). Tal dinâmica representa a tentativa de assegurar a desigualdade de poder ao sobrepor os valores de masculinidade. Em contrapartida, o fato de a mulher representar a violência de gênero como um ato absurdo e grave, conforme expresso nas falas acima, pode se constituir em um sinal, mesmo que incipiente, de reação contrária à dominação.

Os tipos de agressão psicológica, verbal e física também são bastante evocados e explicados como um processo gradual de evolução na qual primeiro ocorrem os tipos de agressão psicológica e verbal até culminar com o tipo de agressão que seria a consumação do ato de violência: agressão física. Porém, reforça-se aqui que, apesar de a violência psicológica e a verbal serem consideradas antecessoras da violência física, não representam menor importância para as mulheres no sentido das repercussões que podem desencadear. Pelo contrário, a violência - verbal e psicológica - é apontada como aquela que deixa marca que, às vezes, pode ser mais definitiva do que a violência física.

*E40: "E agressão pelo fato da agressão propriamente dita mesmo é o que veio na minha cabeça essa questão da agressão verbal ou da agressão física ou de ambas que me remeteu."*

*E54: "Porque igual violência, agressão quando você parte pra a agressão pra mim é a pior, é a agressão, né, aí é a pior delas. (...) primeiro quando você, depois que cê começa, por exemplo, uma briga, aí cê começa primeiro a insultar, pra depois cê chegar até o espancar, né."*

*E19: “Porque tem aquela violência física mesmo, tem a violência que eu considero a mais grave que a gente sofre até dentro de casa que é aquela verbal, porque eu acho que o físico você machuca ali, te bate ali e passa a dor. E o verbal fica na mente, no emocional, às vezes a vida toda. Então eu penso isso aí, são duas coisas que eu mais penso desse tipo de violência. (...) E tem a psicológica né. Que a pessoa fica pressionando, atinge o psicológico da pessoa, fica pressionando, fazendo chantagem.”*

Pode-se observar a presença da violência simbólica, visto que é identificada como aquela que deixa marcas psicológicas na mente de quem a sofre, além de provocar sentimentos ruins como a mágoa e a aflição. A violência simbólica pode ser reconhecida dentro do tema agressão e demonstra que não existe apenas o aspecto físico, mas também o aspecto verbal e o psicológico que, embora sejam considerados como uma forma inicial de violência, também são importantes formas de manifestá-la no cotidiano de vida das pessoas.

*E76: “Eu acho que na verdade isso aqui é a ordem dos fatos né. Primeiro perturbação psicológica porque qualquer coisa que te perturba a mente psicologicamente é um tipo de violência independente do que tem que ser né. É a agressão, agredir é uma coisa que te perturba muito. Ser agredido fisicamente, psicologicamente, moralmente e por aí vai tudo isso né. Maus tratos que já é o físico mesmo. Eu penso que também na agressão física também, mas é psicológica também. Como você está perturbada, você sofre uma agressão, você sofre maus tratos você se sente aflita, não é uma pessoa humana. Então a ordem é essa.”*

*E44: “Agressão. (...) As palavras também mal ditas agride. (...). Eu coloquei agressão primeiro porque agressão inclui tudo, desde couro como, né, vem, né, depois. (...) Aí eu falei palavras mal ditas porque aí a pessoa fala muitas palavras que acaba magoando a pessoa e é um tipo de agressão, né. Que cê fala uma coisa que depois machuca uma pessoa.”*

A violência inicia-se de uma forma lenta e silenciosa, que progride em intensidade e consequências. O autor da ação, em suas primeiras manifestações, não lança mão de agressões físicas, mas priva a liberdade individual da vítima e provoca humilhações e constrangimento. Assim, antes de agredir fisicamente sua companheira, o agressor trata de baixar sua autoestima para que, depois, ela tolere as agressões físicas. A violência psicológica em geral precede a física; porém, a primeira deve ser identificada independente de sua relação com a segunda. A mulher vítima da agressão psicológica tende a aceitar, justificar as atitudes do

agressor e protelar a exposição de suas angústias até que uma ocorrência física, muitas vezes grave, ocorra (SILVA, 2007).

A desinformação ainda é presente em todos os níveis de ensino, tanto em relação às formas de violência que ocorrem no dia a dia, como em relação à existência de serviços para atendimento às vítimas. Esse desconhecimento geral torna-se agudo quando se trata de violência psicológica. Parece existir uma verdadeira negação de que fenômenos como humilhação, desqualificação, críticas destrutivas, exposição a situações vexatórias, bem como desvalorização da mulher como mãe e como amante constituem, de fato, formas de violência contra a mulher e que, muitas vezes, culminam na agressão física (SILVA, 2007).

Por outro lado, neste presente estudo, é possível reconhecer e compreender a violência psicológica e verbal como um tipo de violência simbólica significativa que traz efeitos para a vida de quem a sofre. A partir dessa reflexão, torna-se possível conhecer as formas de violência e contrapor-se ao contexto de desinformação sobre o fenômeno; principalmente no que se refere a seu âmbito simbólico.

Outro tipo de abordagem da agressão mostra que pode ser ensinada dentro de casa aos filhos por meio do comportamento violento dos pais; isso desencadeia um processo de transmissão intergeracional e constitui-se em um reflexo dos efeitos que os conflitos intrafamiliares podem causar.

*E4: “Bater ne filho, eu não concordo! Isso pra mim causa violência. É... briga entre marido, não é bom. Os pais que ensina os filhos, de acordo o que os pais é os filho é também, né.”*

*E52: “Porque nessa primeira eu acho que por exemplo uma puxa a outra. Uma criança que por exemplo tem uma mentalidade voltada pra violência né, que já teve crianças que já foi espancada, agredida e de alguma forma agredida, acho que a criança vai crescer revoltada sim. Então a partir disso é que começa as outras agressões né.”*

Em estudo feito para analisar a associação entre exposição à violência por parceiro íntimo contra a mulher e problemas comportamentais dos filhos em idade escolar, foi encontrado que as crianças podem apresentar sintomas de repercussão na saúde como o comportamento agressivo e dificuldade de aprendizado escolar ao serem expostas direta ou indiretamente aos efeitos da violência por parceiro íntimo. De forma direta, ao presenciar o ato de agressão contra a mãe e, de forma indireta, a partir das consequências negativas que a agressão traz à

saúde física e mental da mãe e que também se reflete na forma de essa mãe prestar o cuidado a seus filhos por estar fragilizada psicologicamente. São ressaltados os prejuízos de se viver em ambiente familiar violento, tanto para o comportamento dos filhos que podem apresentar problemas emocionais e comportamentais quanto para a mãe que sofre os efeitos negativos, depressivos e ansiosos e até mesmo para a família como um todo que passa a conviver em um ambiente cuja qualidade de interação é afetada (DURAND, 2011).

Dessa maneira, os pais são os principais responsáveis pela educação, pois ensinam aos filhos sobre os aspectos da vida em geral; além disso, o exemplo impresso nas atitudes dos pais constitui um fator essencial na educação dos filhos. As brigas e episódios de agressão entre o casal podem servir de exemplo para suscitar nos filhos um comportamento violento voltado para a agressão.

Esse resultado encontrado da agressão como elemento central mais frequentemente evocado e sua representação como um sinônimo da violência está de acordo com o resultado de uma pesquisa feita por Schraiber (2003) na qual 78,8 % de uma amostra de 322 mulheres definiram violência como agressões físicas. Isso demonstra que a agressão representa fortemente o conceito do fenômeno por ser o evento de ato violento logicamente mais notável.

A palavra estupro surgiu como elemento central da representação social de violência, considerado como um tipo pior e mais grave de agressão que afeta física e psicologicamente, além de atingir principalmente as mulheres. O estupro foi agrupado no dicionário de palavras junto às demais palavras com significado semelhante (estupro, abuso sexual, pai que estupra filho, violência sexual, violência sexual infantil, abuso, pedofilia). As principais abordagens do estupro caracterizam-no como uma dimensão da agressão muito mais grave, marcante, que desestrutura a pessoa, traz sofrimento e, por isso, foi agrupado separadamente da cognição agressão. Dessa maneira, enfatiza-se a compreensão do aspecto peculiar do estupro como um tipo de agressão bem mais grave e marcante.

E70: [Falando da ordem de importância]: *“O estupro né, porque desestrutura demais a pessoa, mexe demais com o psicológico. O espancamento também né. O estupro acompanha o espancamento né, porque às vezes mesmo que não bate, só um ato de estupro aí já é espancamento.”*

E82: *“Violência sexual eu acho que assim seria a pior porque desde que você sofre algo sexual assim você fica com a vida inteira. E violência segundo foi espancamento. Todas é com certeza de trazer consequências futuramente.”*

E99: *“Estupro. Violência verbal. Agressão física. O estupro eu acho que é a mais violenta de todas.”*

E19: *“A violência sexual é uma coisa que dá até tristeza você pensar que a todo momento a gente vê em televisão, rádio, novela. Tem várias coisas destacando isso. Quem sofre mais com isso apesar que pode ser que acontece com homens também, com crianças masculinas, mas a gente vê mais em mulher, mais é o sexo feminino que sofre com isso. Então eu acho que é grave, mas não é uma coisa que o mundo sofre, o que sofre mais eu acho que é as mulheres, apesar de tudo é a mulher que sofre.”*

E71: *“Pai que estupra filha, né, (...). As adolescentes andam muito sendo violentadas. É porque é o que anda mais acontecendo é isso, né.”*

A violência sexual contra a mulher causa repercussões para a saúde que podem ser tanto físicas, reprodutivas ou psicológicas; deixam, assim, marcas visíveis e invisíveis como possibilidades de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, lesões corporais, síndrome do estresse pós-traumático, fobia, pânico, medo, insegurança, depressão, dentre várias outras. O ato de sofrer violência sexual é uma experiência existencial que afeta o significado que a mulher atribui ao próprio corpo e, por conseguinte, afeta também seu comportamento. O medo e a insegurança marcam, em especial por trazer sofrimentos para as vidas sociais das mulheres que já vivenciaram violência sexual; podem estar expressos, por exemplo, em dificuldades de desenvolver confiança nas relações interpessoais e problemas na autoestima (LABRONICI, FEGADOLI, CORREA, 2010).

É interessante ressaltar a relação que pode ser compreendida entre a violência expressa no estupro e a qualidade de vida, pois, conforme discutido acima, a violência sexual pressupõe uma série de repercussões para a vida cotidiana, social, bem como para a saúde de quem a sofre, sendo, assim, capaz de afetar a qualidade de vida do sujeito que a vivencia.

Também aparece, no núcleo central da representação social de violência, a cognição drogas. No dicionário de palavras evocadas, foram agrupadas as palavras com significado semelhante: drogas, droga, bebidas, álcool, bebida, vício, tráfico de drogas e alcoolismo. Percebe-se que as

drogas, devido a seus efeitos tanto fisiológicos quanto sociais, são apontadas como fator individual e socialmente desestruturantes e que podem funcionar como justificativa para cometer os atos de agressão e, assim, contribuem para aumentar a violência. Dessa maneira, a cognição drogas relaciona-se diretamente com o elemento do núcleo central agressão, pois a primeira possui um caráter incentivador da segunda.

E5: *“Vício é outra coisa, acaba com a família, porque, né, porque tudo que faz é pra manter o vício.”*

E15: *“Ah, porque droga é mais perigoso, né! Ah, demais! Nossa senhora! Porque tando com a droga na cabeça eles faz trem que nem precisa, né.”*

E96: [Falando da ordem de importância]: *“É a droga né, porque hoje em dia a maioria das coisas que tá acontecendo é a droga né. Primeiro é as drogas porque hoje em dia as drogas tão tomando conta de tudo, das pessoas, dos adolescentes principalmente. (...) E a violência em casa, às vezes o pai chega bêbado do bar e espanca a criança então tudo isso acarreta né, um assim descontrole na família.”*

E17: *“Porque droga é mais importante por que realmente eu tenho um sobrinho que mexe com isso e eu vejo que a mãe sofre muito. Então isso, não só a mãe a família inteira sofre. Então é as coisa que a gente mesmo passa por isso e a gente sabe muito bem que não é um bom caminho. Mas, a gente não pode fazer nada. Conversa, tenta dar o melhor conselho, mas depois que entra nesse caminho não tem como, só Deus pra tirar... por isso que eu acho dessa forma. É uma tristeza né, por que a gente vê muitas coisas, quer ajudar, mas não tem como. A droga tem dois caminhos né: a cadeia e o cemitério. Por isso, tem o que, vai fazer uns dois meses que meu sobrinho saiu da cadeia por causa disso aí. Morro de dó. Então é assim que eu penso.”*

O uso de drogas pode ser compreendido como um ato perigoso que incentiva a violência expressa nas agressões e mortes. Um estudo encontrou associação entre o uso de drogas ilícitas e de álcool com episódios de violência, sendo que um em cada três casos de agressão envolveu o consumo de drogas. Em dois hospitais cenários do estudo referido, dos totais de casos de agressão atendidos 33% e 37% estavam relacionados com o uso de drogas (MINAYO, DESLANDES, 1998). Em outro estudo, foi encontrada associação positiva entre o consumo de drogas, uso de álcool e o comportamento violento em estudantes adolescentes



(CASTRO, CUNHA, SOUZA, 2011). Outra pesquisa mostrou que o risco de sofrer violência foi maior para mulheres cujos parceiros consumiam álcool e drogas frequentemente; tal risco teve um acréscimo de 59% diante do consumo frequente de álcool e um aumento de aproximadamente seis vezes no caso de abuso de drogas pelo parceiro (VIEIRA, PERDONA, SANTOS, 2011). Isso demonstra que a relação entre drogas e violência compreendida nesse estudo também se encontra confirmada pela literatura científica.

A palavra morte é compreendida enquanto a expressão mais séria e definitiva da violência. Ocorre após as agressões e apresenta-se como resultante de uma evolução de tais atos de agressão. São, por isso, atos mais graves que o ato de agredir e foram agrupados junto às palavras que constituem crimes propriamente ditos ou atos que oferecem riscos reais ou potenciais à vida humana (morte, matar, assassinato, arma, bandido, sequestro, revólver, assalto, roubo, prisão – dentre outros) e por isso culminam ou podem culminar em um desfecho que põe fim à vida humana.

E52: *“Igual homem, por exemplo, que bate, que parte pro assassinato, por exemplo não sabe conversar e resolve de qualquer jeito na violência”.*

E67: *“Geralmente as pessoas que tão envolvidas no mundo da violência, né, cê vê muita morte, né, brigas direto, né. Vem as brigas e aí gera a morte, ocorrendo a morte”.*

No Brasil, entre os anos de 2003 e 2007, cerca de vinte mil mulheres morreram em decorrência de agressão; desse total de mortes, quase um terço aconteceu no ambiente domiciliar das vítimas e foram perpetradas por seu parceiro íntimo ou por algum familiar ou conhecido da vítima; isso representa 10% do total da mortalidade decorrente de agressão. Dessa forma, a maior parte dos homicídios femininos mostra-se intrinsecamente ligada à questão de gênero e é considerado um indicador de violência interpessoal e privada; por outro lado, os homicídios no sexo masculino ocorrem, em maior número, nos espaços públicos, são decorrentes principalmente de conflitos ligados a crimes, gangues, narcotráfico e, por isso, são considerados indicadores da violência urbana (MENEGHEL, HIRAKATA, 2011).

Esse aspecto definitivo da morte faz com que seja atribuída a ela uma importância primária diante das demais palavras evocadas:

E95: [Explicando a morte ser mais importante]: *“uai, a morte porque não tem volta né.”*

E45: *“Uai, morte né, é uma coisa assim, né, pra mim a morte é a palavra mais forte, por isso que eu pus ela primeiro.”*

E93: *“Violência pra mim é morte. (...) Ordem de importância? Eu colocaria morte. Porque de repente nem morte de perder a vida não, mas morte de perder a vontade de viver, né. A pessoa morre por dentro. Continua viva, mas morta, porque só tristeza, só decepção, só medo, só dor, né.”*

A morte decorrente do ato violento pode ser compreendida também como algo intrinsecamente relacionado ao sentimento e que provoca tanto individualmente como coletivamente sentimentos como tristeza, decepção, medo, insegurança, dor, mágoa e saudade. Tais sentimentos que a morte traz são tão definitivos quanto ela e, por isso, deixam marcas irrecuperáveis, como se pode comprovar a seguir:

E79: *“Já teve marido que matou mulher à facada “nas” casa popular pra todo mundo ver. (...) Aqui a gente já tem muitas notícia de pessoas que matam as outras (...) um lugar assim onde tem muita gente que já matou, tirou a vida dos outros, sabe? Então isso traz tristeza, né, mágoa, as famílias ficam deprimidas às vezes, inseguras.”*

E67: *“Que a violência, né, gera morte, né, ela gera morte, é gera muita dor, muita tristeza, muitas famílias tão aí sofrendo pela violência, né. Também saudade, né, que marca as famílias. Saudade porque, né, geralmente quando tem a vítima uma pessoa vítima de violência na família principalmente o caso é de morte, né. A família sofre dor, tristeza, saudade, a família 100% ela nunca se recupera.”*

Portanto, a morte não se resume apenas à morte física, concreta e objetiva das vítimas de agressão, assalto, roubo, assassinato, dentre outros. O significado da morte perpassa uma compreensão mais completa e complexa que também inclui uma subjetividade expressa no sentido de morrer enquanto sofrimento interior e perda da vontade de viver. Por isso, o aspecto subjetivo da morte, ao deixar marcas invisíveis na alma da pessoa e que, ao mesmo tempo, não se recuperam facilmente, pode ser também caracterizado como uma forma de violência simbólica. Reafirma-se, aqui, o poder simbólico que, segundo Bourdieu (2004), é invisível; existe de forma inconsciente tanto para aquelas pessoas que o exercem mesmo sem o saber, quanto para aquelas que não se reconhecem sujeitas ao mesmo.

O sentimento é outra cognição que compõe o núcleo central e possui, como os demais elementos centrais, papel primordial para se compreender a estrutura representacional de violência. O sentimento é abordado aqui como consequência negativa dos diversos tipos de agressão, que é a expressão da violência, e também decorrente da morte que é a expressão maior e definitiva da agressão. Assim, as cognições agressão, estupro e morte relacionam-se com o elemento sentimento à medida que as três primeiras causam dor e outros sentimentos de sofrimento. Outro fator que também provoca sentimento de sofrimento é a cognição drogas que está, por sua vez, diretamente relacionada com agressão. Assim, o elemento central sentimento também se interrelaciona com todas as outras palavras do núcleo central (agressão, drogas, estupro e morte).

E50: *“Qualquer agressão seja física ou espiritual ela causa uma dor né, ela causa algum tipo de, ela traz algum tipo de consequência negativa.”*

E17: *“Porque droga é mais importante porque realmente eu tenho um sobrinho que mexe com isso e eu vejo que a mãe sofre muito. Então isso, não só a mãe a família inteira sofre.”*

E19: *“A violência sexual é uma coisa que dá até tristeza você pensar que a todo momento a gente vê em televisão, rádio, novela. Então eu acho que é grave, mas não é uma coisa que o mundo sofre, o que sofre mais eu acho que é as mulheres, apesar de tudo é a mulher que sofre.”*

E81: *“A tristeza, a violência gerando a tristeza porque tem morte, vai gerar tristeza em alguém né.”*

E79: *“Quando a pessoa chega a ficar deprimida ela já tá, já não olha pra frente mais, né. Que dá insegurança na gente, tem acontecido tanta coisa que dá medo na gente, cê entendeu? Ao redor aqui tem acontecido cada coisa! assim igual um dia desses não sei se alguém te contou teve uma morte aqui... Sabe? então ficou a população toda insegura, a gente fica com medo das pessoas que a gente não conhece (...)”*

O sentimento de medo e o de insegurança constituem-se consequências da violência expressa nos atos de agressão ou de morte. Santos (2009) discute o medo como uma das várias consequências da violência que vitima cada vez mais pessoas seja de forma direta ou indireta, pois provoca a reclusão das pessoas dentro de sua casa e mantém o clima de insegurança da população. Ainda segundo o mesmo autor, violência e medo são dois fenômenos

interrelacionados que crescem em igual proporção dentro de uma comunidade. Dessa maneira, o medo se constitui ao mesmo tempo consequência e impulsionador da violência, pois mantém condições de insegurança que favorecem e incentivam cada vez mais episódios dessa.

E56: *“Na minha opinião, bom eu acho que a violência eu acho que ela traz mesmo muita mágua. Eu tenho mágua, pra mim eu tenho mesmo né desespero por que se a gente tá em conflito qualquer coisa a gente fica desesperada, a cabeça da gente fica toda baratinada minha filha, não queira nem ver isso.”*

E76: *“É a agressão, agredir é uma coisa que te perturba muito (...) Como você está perturbada, você sofre uma agressão, você sofre maus tratos você se sente aflita.”*

E6 [Ao falar sobre o mais importante]: *“Eu acho que sentimento viu, porque sentimento, sentimento é com a gente mesmo, né, que a gente tem, fica sabendo, guarda aquele sentimento, aquele sentimento de pena das pessoa, né. Sentimento, que a gente fica muito sentido em ver né, uma pessoa sabendo que ta sendo violentada, que ta sendo né. Muito sentimento na minha cabeça é isso. Aí vem agonia, aí vem a pena (...)”*

E35: *“Tristeza. Dor. Constrangimento. Revolta. Lágrimas. Dor, é porque é uma coisa que magoa a violência, né. Igual a dor da primeira parte aí porque é uma coisa que dói demais e a lágrima sempre vem, né. E a lágrima vem muito, porque cê pode chorar por uma coisa de violência como cê pode chorar por uma coisa alegre. Então ela vem muito nessa questão aí.”*

Essa relação que surge entre a agressão, morte e o sentimento de sofrimento que ambas provocam fica evidenciada no trecho a seguir:

E93: *“Eu te falei da morte, seria a morte em todos os sentidos, não é só a morte do corpo não, né. Depois eu coloquei o que, a tristeza, porque eu acho que uma pessoa que passa por um momento de violência, seja até dentro de casa, né, uma briga com o marido, uma coisa assim, ou vice-versa, né, se fosse o contrário eu penso que tristeza, né, então eu penso que a violência é uma coisa muito triste. A dor, né, não é a dor da ferida, de machucar de sair sangue não. Mas é a dor que fica no peito mesmo, né. Aquela dor que fica na alma, eu vejo é isto.”*

A violência proveniente da agressão e da morte afeta o sentimento e, dessa forma, provoca tristeza e dor. O sentimento também deixa marcas profundas na alma; tais marcas são significativas para os sujeitos que sofrem a violência apesar de não serem marcas físicas visíveis no corpo. Compreende-se aquilo que é menos reconhecido, aquela violência dita por Bourdieu (2004) mais velada, silenciosa como a violência simbólica que deixa marcas invisíveis e existe de forma inconsciente tanto para aquelas pessoas que exercem o poder simbólico com ou sem a intenção de fazê-lo, quanto para aquelas que não se reconhecem sujeitos ao mesmo. Essa violência simbólica está presente no interior do núcleo central dessa representação social de violência.

O quadro de quatro casas de qualidade de vida mostrou que, em sua estrutura representacional, os elementos mais frequentemente e prontamente evocados foram saúde e trabalho; assim, ambos compõem o núcleo central da representação e encontram-se no quadrante superior esquerdo. As duas cognições do núcleo central são os elementos historicamente significativos e mais resistentes às mudanças da estrutura representacional de qualidade de vida. É ao redor de saúde e trabalho que os demais elementos periféricos dessa representação ganham sentido e complementam seu significado. Saúde e trabalho como componentes do núcleo central de qualidade de vida também se relacionam diretamente com as palavras do núcleo central de violência.

A qualidade de vida é um conceito elaborado pelo homem e pela sociedade a partir de suas experiências, dos conhecimentos que possuem, significados e valores que atribuem a suas histórias em um determinado tempo e espaço no qual vivem. Sendo assim, a qualidade de vida é uma definição construída socialmente e carrega em si uma identidade cultural específica que, por sua vez, reflete um padrão considerado por determinada sociedade como propiciador de satisfação e bem-estar. Dessa forma, podemos considerar que saúde e trabalho, como núcleo central, são reconhecidos pelas mulheres desse cenário como dois elementos fundamentais para se obter qualidade de vida além de serem os mais importantes nessa representação socialmente construída, nesse espaço e tempo em que habitam, para se obter satisfação e bem-estar de viver (MINAYO, 2000).

A palavra saúde aparece como elemento central, por ser condição primordial para se viver; dessa maneira, sua ausência impossibilita obter uma qualidade de vida satisfatória. A saúde é considerada como um aspecto tão essencial da qualidade de vida que, em muitos trechos, aparecem como se fossem sinônimos. São apontados vários aspectos da saúde: a saúde como

bem estar físico, psicológico e mental; a saúde relacionada à higiene; a saúde em seu conceito médico-hegemônico e hospitalocêntrico. Outro aspecto muito abordado da importância da saúde é sua influência na capacidade do indivíduo de desenvolver suas demais atividades, isso se deve ao desempenho adequado que a saúde propicia tanto das funções físicas quanto das sociais. A saúde como um elemento central de qualidade de vida é referida como a primeira mais importante, além de ser uma cognição que influencia ou é influenciada pelos outros termos dessa representação social.

E69: *“Saúde em primeiro lugar. (...) Que sem saúde a gente não vive (...)”*

E66: *“Uma saúde, em todos os aspectos. Saúde mental, tendo isso você vive bem.”*

E76: *“higiene corporal e dental, estar bem em todos os aspectos. (...) Qualidade de vida é a gente estar bem em todos os aspectos, fisicamente, psicologicamente né, em tudo.”*

E78: *“acho que primeiro na qualidade de vida a pessoa tem que ter saúde em primeiro lugar né, tem que ter direito a saúde boa, médico de qualidade, remédio, tudo certinho.”*

O elemento central saúde constitui-se em uma condição primária para que possa existir uma qualidade de vida satisfatória. É a partir da saúde que outros elementos primordiais para uma vida com qualidade também surgirão. Dessa forma, constrói-se uma relação entre saúde e trabalho. A partir do momento em que o indivíduo tem saúde em sua vida, ele tem o mínimo de condições para ter um trabalho.

E70: *“Por que que eu acho? Vamos lá né, a saúde, eu acho que os principais na vida da gente é a saúde né. Sem ter saúde, você não vai trabalhar, você não vai estudar, vai ficar inabilitado né.”*

E43: *“A mais importante saúde. Que a pessoa sem saúde ela não tem nada, né? Que se a pessoa tem saúde ela tem opções de ter emprego. Eu diria que emprego fixo seria o segundo.”*

E14: *“Qualidade de vida? É, pra uma boa qualidade de vida fundamental é a saúde. Depois se a pessoa tem saúde, ela tem que ter um trabalho. Porque o trabalho além da pessoa ter que ter o dinheiro ela ainda faz bem pra ela.”*

O também elemento central trabalho é compreendido como um conceito mais amplo, como tarefa que dignifica o homem, que o ocupa e que dá sentido a sua vida de uma forma mais completa e complexa do que simplesmente o trabalho como sustento de vida e fornecedor de dinheiro. Nesse sentido, trabalho também é um eixo central da representação social de qualidade de vida e representa a necessidade do ser humano de se sentir mentalmente útil, capaz, digno, além de poder ajudar outras pessoas e usufruir dos benefícios que seu próprio trabalho traz. Por isso, a cognição trabalho também irá influenciar no sentido de vários elementos periféricos da representação como moradia, alimentação e lazer.

E11: *“Depois eu pus emprego! Tem que ter emprego também pra eu poder conservar meu dinheiro e até fazer mental porque exercita a mente.”*

E78: *“Depois você tem que ter um emprego até pra não poder, não se envolver também muito no mundo de drogas, de prostituição essas coisas, por que você tem que ter um emprego pra você poder ter seu dinheiro, preencher sua mente com alguma coisa.”*

E42: *“se você já tem um emprego ou você tá vivendo bem então você não precisa muito envolver com essas coisas ai [falando sobre violência]. Uma vai levando a outra.”*

E56: *“Bom, aí eu já explico melhor. Eu acho que o trabalho ele traz uma, uma certa, ele dignifica a gente né bastante. Não é a que vem primeiro, né? pois é, eu acho que ele dá a gente uma certa estabilidade onde a gente pode sentir mais né, a alta estima da gente mais alta.”*

E66: *“Uma profissão boa, o mercado de trabalho hoje pede pra você ser bem qualificado e conseguir uma boa vaga no mercado de trabalho.”*

E67: *“Bom emprego, cê precisa ter um bom emprego pro cê conseguir correr atrás dos seus objetivos.”*

E93: *“Depois eu coloquei o trabalho porque sem trabalho como é que a gente vai sustentar a família, ter uma casa e ter sossego, né. Então tem que trabalhar até pra pessoa ter uma auto estima elevada, né, fazer alguma coisa boa pra ela e pros outros.”*

E98: *“Direito a emprego isso é digno de todo ser humano pra sustentar toda a sua família e sustentar o próprio. Isso dá dignidade ao ser humano.”*

Ao manter o indivíduo ativo, digno, mentalmente ocupado e com uma boa autoestima, o trabalho pode resultar em boas repercussões para sua saúde bem como para sua qualidade de vida como um todo e até mesmo pode ser um fator protetor para que as pessoas evitem se envolver em situações de violência. Dessa maneira, além da relação entre saúde e trabalho na qual a saúde é essencial para se ter condições de trabalhar, a cognição trabalho também demonstra corresponder positivamente nessa relação com a palavra saúde ao promover uma ocupação mental do indivíduo, além de proporcionar dignidade e boa autoestima, contribuindo, assim, para sua saúde.

Reforça-se a relação entre trabalho e a representação social de violência, pois este se constitui em um fator protetor ao preencher a mente e dignificar o indivíduo. Essa compreensão vai ao encontro do resultado de uma pesquisa que aponta que homens desempregados podem se tornar mais agressivos com suas esposas como forma de impor autoridade, visto que perderam o papel de chefe da família por não estarem trabalhando enquanto as mulheres estão no mercado de trabalho. Assim, conflitos, violência, agressão e até morte podem surgir decorrentes dessa situação de desemprego masculino em conjunto com a independência financeira da mulher e representam uma tentativa de retomada do poder (MENEGHEL, HIRAKATA, 2011). Vê-se, então, que o trabalho, enquanto uma dimensão que compõe a qualidade de vida é também um fator que pode, em determinados contextos das relações sociais que incluem disputa de poder e desigualdade de gênero, influenciar na dinâmica dos conflitos interpessoais de maneira favorável ou desfavorável para a ocorrência da proteção contra a violência.

Na primeira periferia da representação de violência, foram encontradas as cognições falta e opressão que possuem, assim como o núcleo central, frequência maior ou igual a vinte e dois, porém a sua ordem média de evocação (maior ou igual a três) é superior à dos termos do núcleo central. Assim, as palavras falta e opressão também foram frequentemente evocadas, porém menos prontamente, se comparadas aos elementos centrais. Os elementos periféricos falta e opressão exercem a função de complementar o significado dos elementos centrais agressão, drogas, estupro, morte e sentimento; conferem sentido, agregam valores e direcionam a interpretação da estrutura representacional de violência. Além disso, a palavra falta também se relaciona com alguns elementos da representação de qualidade de vida, como amor, religião, respeito, convívio-social e educação. Essa relação ocorre na medida em que tais elementos da qualidade de vida vêm suprir a carência que a falta representa.



O termo falta refere-se a um conjunto de palavras agrupadas com o mesmo significado de falta, ausência ou carência de aspectos subjetivos da vida e das relações interpessoais (falta, falta de respeito, desrespeito, falta de amor, desamor, falta de diálogo, falta de sentimento, falta de sensibilidade, falta de informação, falta de compreensão, falta de Deus, falta de cultura, falta de união, desunião, dentre outros). A cognição falta representa a ausência de elementos essenciais para viver e se relacionar com as pessoas, pois, a partir do momento em que essas necessidades não são supridas, isso provoca uma carência de ordem interpessoal ou social que pode gerar a violência. Nesse sentido, a falta atua como causa desencadeadora da violência por meio de sua influência direta nos elementos do núcleo central. Assim, a carência desses aspectos contribui para o surgimento dos atos de agressão, estupro, morte, uso de drogas e o sentimento de sofrimento que esses, por sua vez, geram.

E12: *“Quando há violência um não respeita o outro.”*

E78: *“Ah, tá, pra explicar a ordem de importância. No caso, a violência eu acho que ela é muito gerada pelo desrespeito né, no caso meu vem em primeiro lugar.”*

E13: *“é tanta coisa que causa a violência, falta de amor ao próximo. (...) Oh, a falta de amor, aí vem a bebida, né.”*

E50: *“O desrespeito por que eu acho que qualquer ato de violência não deixa de ser um desrespeito, tanto aos outros quanto a si mesmo. A falta de amor pode ser tanto próprio ou quanto ao próximo né.”*

E72: [Falando do que vem à cabeça em relação à palavra violência]: *“Desrespeito. Desunião. Falta de amor. Se não tiver respeito com o próximo, com qualquer um, acho que gera desunião da mesma forma, e tem que ter amor em todas as circunstâncias pra gente poder enfrentar o dia a dia.”*

É possível compreender os diversos tipos de falta como um elemento que motiva e precede o surgimento dos atos de violência expressos seja na agressão, na morte, no estupro ou no uso de drogas. Existe uma relação direta no sentido de gerar/provocar entre a falta e os elementos do núcleo central.

E96: *“E o desrespeito à comunidade porque, às vezes, muitas pessoas não respeitam as pessoas da comunidade, trata com falta de respeito, falta de educação e isso, às vezes,*

*acarreta em uma violência. (...) E a falta de respeito com os outros é que muitas pessoas não respeitam o outro e por isso muitas vezes acontece brigas, acontece até morte, alguma coisa, que até uma palavra é falta de respeito ai brigam e dá até morte.”*

E89: *“(...) Desde o momento a pessoa tá violentando alguém, ai a pessoa tá faltando com respeito o próximo dela. Depois a pessoa que não tem respeito com o próximo acho que tá faltando Deus no coração dela, concorda? (...) A pessoa não tem respeito com o próximo, não tem Deus no coração (...) a tendência é ir pra violência.”*

A falta (falta de Deus, falta de amor) expõe a vida das pessoas à violência, enquanto a presença desses mesmos fatores (Deus, amor) é um fator protetor contra a violência e, por conseguinte, protege contra os atos de agressão e os demais elementos do núcleo central (drogas, estupro, morte, sentimento). A falta em suas mais diversas facetas tem importante função de entrelaçamento com o núcleo central, na medida em que completa o significado de suas ocorrências por meio de uma justificativa da ausência e carência de necessidades sociais e morais primordiais de vida que fazem surgir a violência.

E81: *“É negativa a falta de Deus. Se tivesse Deus às vezes é mais religiosidade mais confiança, né? Não precisa ser a minha religião ou a religião qual for, onde ele tiver, se tiver Deus ta protegido de tudo isso(..) é o que eu tinha falado, né?(...) Então Deus é o primeiro, né? É...com ele acho que vai... que não vai chegar violência, né.”*

O elemento amor, presente na primeira periferia de qualidade de vida, representa uma característica essencial para todo ser humano; sua falta traz várias repercussões para a qualidade de vida das pessoas; dentre elas, a falta de amor gera violência e atos de agressão. Dessa forma, a cognição amor vem suprir essa falta (de amor, de sentimento, de amor próprio, de amor ao próximo, desamor) encontrada na estrutura representacional de violência. Por isso, o amor é apontado como característica humana básica com a qual devem se desenvolver todas as atividades da vida a fim de que se possa viver melhor e se relacionar bem com as pessoas.

E3: *“O amor uai, o amor, a pessoa ter amor tem o resto vem atrás né. (...) E o amor vem em primeiro lugar, porque o amor, todo mundo que tem amor no coração tem tudo isso pra distribuir né.”*

E12: *“A gente tem que ter amor uns aos outros. A gente tem que amar uns aos outros.”*

E74: *“Agora na qualidade de vida. Na primeira amor né, eu acho que tudo que você for fazer se você colocar o amor em primeiro lugar com certeza é o início, então mesmo que não seja aquilo que você gostaria que acontecesse pelo menos você se dedicou, você deu amor aquilo.”*

E87: *“Amizade, amor também e amizade é muito importante.”*

E93: *“Porque eu vejo que o amor é tudo. É o primeiro! né? não adianta você ter uma família e viver sem amor. Não adianta você ter um trabalho e viver insatisfeito, né? Não adianta você ter uma casa pra morar e viver lá dentro sozinho. Por isso que eu penso que o amor é o princípio, né.”*

O amor é considerado uma característica humana essencial para viver e conviver seja em família, no trabalho ou em qualquer meio social para conseguir alcançar condições que propiciem uma qualidade de vida satisfatória. O amor é entendido aqui como um princípio de valores e sentimentos que deve nortear as relações interpessoais de maneira plena e completa a fim de sobrepor-se à ordem social dominante que habita a lógica da razão. Nesse sentido, como discute Bauman (2008), o amor e a razão possuem naturezas opostas que não se entendem por serem baseados em experiências diferentes e também por possuírem objetivos distintos enquanto o amor é composto por um conjunto de valores e qualidades próprios que dificilmente podem ser expressos em palavras, a razão tem uma lógica de argumentação fundamentada no uso e na utilidade prática das coisas. Assim, pode-se interpretar que a presença da cognição amor nessa representação social de qualidade de vida vem exercer a função de oposição à reprodução da ordem social dominante que representa, nesse caso, a razão. É dessa maneira que o amor vem contrapor-se à violência simbólica, pois diverge em intenção e, por isso, se opõe à lógica da razão da ordem social dominante.

O termo religião, presente na representação de qualidade de vida, oferece um contraponto à cognição falta (falta de Deus) apontada na representação de violência. A cognição religião representa as palavras fé, crer em Deus, Deus, amor a Deus, ter muita fé em Deus, educação religiosa, tranquilidade espiritual e religião. Religião ou fé ou acreditar em Deus é referido como um fator importante na vida, tanto para contribuir em uma melhor qualidade de vida quanto para proteger ou enfrentar as situações de violência.

A importância da religião enquanto fortalecedora da união entre as pessoas de uma sociedade é reconhecida por Birman (2012) que afirma que a religião exerce a função de ocupar o espaço que antes era da linguagem conflitiva que está ligada a violência. Dessa maneira, a autora defende que a linguagem religiosa é responsável por ser o elo entre os indivíduos que os mantêm unidos entre si a fim de superar as tragédias vividas.

E42: *“Ai agora essa eu acho que se você tem Deus já é uma coisa boa que tá te ajudando.”*

E46: *“Em primeiro lugar eu falei de fé por que eu acho assim né você tendo fé em Deus você vai longe, você enfrenta todas as batalhas.”*

E81: *“É... educação religiosa porque quer dizer, eu acho que Deus está em primeiro lugar, mas pra mim, pra criança saber que Deus está em primeiro lugar precisa da família quem vai falar são os pais quem vai educar são os pais.”*

E83: *“Religião é... não importa qual religião seja, se a gente não tiver Deus na vida da gente também a gente não vai pra frente em nada.”*

E89: *“Oh, primeiramente Deus, porque a gente tá vivo até hoje porque a gente tem Deus com a gente. A gente tendo Deus a gente tem saúde também, outra riqueza que a gente tem.”*

Outra palavra presente na primeira periferia é convívio-social; representa uma série de expressões como bom relacionamento com a população, vida social, convívio social, conviver bem com as pessoas, convivência, bem-estar social, ser cidadão, vivência, diálogo, bom diálogo, união, viver em união, falta de união, desunião, dentre outros. O convívio-social se relaciona diretamente com o amor; assim juntos, ambos devem estar presentes nas relações interpessoais para que possa existir uma boa qualidade de vida por meio de bons relacionamentos sociais, seja no trabalho, na família ou em qualquer meio social. O convívio-social pode influenciar então na qualidade de vida, além de também ter uma importante relação com a cognição falta da estrutura representacional de violência, pois, assim como o amor vem suprir a falta de amor, esse vem suprir a falta de união, falta de diálogo, falta de compreensão, desunião.

O convívio social ligado a fatores de reciprocidade e solidariedade sustenta a base das relações sociais. A ausência dessa ligação com os bons valores de convívio social prejudica a qualidade das relações sociais; essa dinâmica aumenta a intolerância impressa na resolução de

conflitos e diminui o uso do diálogo como fator importante. Esse processo estimula a retroalimentação da violência pela maior produção de conflitos mal resolvidos (GALHEIGO, 2008).

E46: *“Em segundo lugar união, tendo união dentro da sua própria casa, com o seus colegas, companheiros de trabalho, a população toda.”*

E56: *“Qualidade de vida... eu acho que é o diálogo. O né, o bom relacionamento. Tá mais ou menos tudo aí batendo uma coisa com a outra, mas eu acho que vai. E qualidade de vida no sentido assim diálogo, pra casa que eu to falando, né, não é, sobre briga marido e mulher. (...) O outro é o... um bom relacionamento com os colegas é muito bom né. E terceiro o diálogo né.”*

E58: *“Conviver bem com as pessoas. Igual eu falei tem bastante situação na vida das pessoas né, e ser uma pessoa que não tem convivência com uma pessoa não é uma pessoa feliz né.”*

E66: *“Ser cidadão. (...) E você cumprir o seu papel na sociedade, o seu espaço todo ano acontece. Acho que é isso.”*

E78: *“Tem que ter união, tem que união, tem que saber viver com a sociedade, saber viver com a família. E eu acho isso, que isso faz falta muito.”*

E82: *“Bom relacionamento com a população. (...) Um relacionamento com a população também é muito importante porque você tem que ter um convívio com as pessoas e tem que ter amizade (...).”*

A cognição respeito, presente na representação de qualidade de vida, reforça o significado da cognição falta da representação de violência, pois reafirma a ideia de que o respeito é necessário para amenizar o surgimento da violência e também para promover a qualidade de vida. O respeito também vem completar o sentido das cognições amor, convívio-social, pois todos esses aspectos juntos preenchem uma lacuna, uma ausência e carência apontada pela cognição falta (falta de amor, de Deus, de união, de diálogo, de respeito, desrespeito, desunião, desamor). A falta foi apontada como um motivo do surgimento da violência; em contrapartida, o respeito, o amor, a paz e o convívio-social promovem qualidade de vida e se opõem ao motivo que gera a violência; portanto, têm a função de responder à expectativa de resolver essas falhas e preencher as lacunas.

E12: *“Acho que o povo tem que respeitar um ao outro mais né. A gente ser muito feliz, qualidade de vida. A gente tem que ter amor uns aos outros. A gente tem que amar uns aos outros. (...) É por causa que hoje do jeito que as coisa tá, eu acho que isso aí que é o certo. As coisa que tão tendo errado né, sobre as droga. Sobre esse aí a pessoa tem que respeitar pras coisa ficar melhor.”*

E36: *“Desrespeito é tudo né, causa tudo né, causa mal tratos físicos, mal tratos mentais. E se a pessoa for respeitada não causa isso, né.”*

E60: *“uai, que as pessoas respeitem uns aos outros, por que hoje em dia, infelizmente. (...) E o terceiro que é respeito, por que hoje em dia ninguém respeita ninguém, hoje eles não olham se é velho, se é novo, o palavreado deles é tudo sabe assim, não respeita as pessoa.”*

E96: *“E qualidade de vida em primeiro lugar tem que ter o respeito né, tem que ser respeitado. (...) Em terceiro lugar, o amor na família porque uma pessoa tem que gostar da outra e ser aquela família unida pra poder dá certo. Em quarto lugar, o carinho com as pessoas que né, a gente tem que respeitar e ter carinho com os outros. E humildade e respeito com as pessoas pra poder viver bem.”*

O termo educação se relaciona ao mesmo tempo com a cognição trabalho, do núcleo central da representação de qualidade de vida, e também com o elemento falta da representação de violência. Sua relação com o trabalho se estabelece à medida que o estudo fornece bases para se ter uma profissão e um bom emprego. A relação entre as cognições educação e falta é no sentido de que a primeira vem suprir a carência gerada pela falta de cultura, falta de informação, falta de conhecimento que contribuem para fazer surgir a violência. A educação, aqui, é compreendida tanto no sentido da educação proveniente dos conhecimentos escolares quanto na perspectiva da educação ensinada no âmbito familiar por meio de valores e princípios. A educação também é primordial para alcançar melhores oportunidades profissionais, melhor qualidade de vida e até mesmo para ascensão social.

E3: *“Uma educação, também é uma qualidade de vida né. Educação em geral, na escola, em casa. Educação na escola, em casa, educação infantil né.”*

E40: *“(...) a gente precisa de conhecimento, precisa de educação em todos os sentidos, não só educação de escola a gente precisa de educação em casa, educação em saúde né, um pouquinho de cultura né, a gente precisa disso pra também conseguirmos uma qualidade de*

*vida melhor. Mesmo pra questão assim de até pra, como vem em quarto a situação socioeconômica favorável, até pra se ter uma situação socioeconômica mais favorável mesmo que a gente não tenha nascido dentro de um berço sócio economicamente favorável né até pra se conseguir isso eu acho que a educação é importante. Então essa situação mesmo que já não tenha ela desde o nascimento, seria talvez conseguida de forma mais fácil com educação.”*

E75: [Explicando a ordem de importância]: *“três... educação, né, fundamental. Através da educação as pessoas abrem suas cabeças, né, pra ter uma boa qualidade de vida, né.”*

E96: *“E em segundo lugar tem que ter educação, que todas as pessoas precisam ter educação, né. Ser uma pessoa educada.”*

O significado da palavra educação resgata a dimensão objetiva desta que está expressa no ensino educacional das escolas, faculdades e no ensino profissionalizante que proporciona melhores oportunidades no mercado de trabalho. Mas tal palavra também é compreendida como um valor subjetivo que proporciona visão ampla e geral da vida, aprendizados culturais, familiares e sociais, bom senso nas relações interpessoais e no comportamento social. Estas dimensões objetiva e subjetiva integram em conjunto o sentido atribuído ao elemento. Dessa maneira, esse termo possui um significado amplo e complexo, está relacionado tanto à cognição trabalho da representação de qualidade de vida quanto ao termo falta da representação de violência. Nesse sentido, o ensino além de proporcionar melhores oportunidades de trabalho, também vem suprir as carências de informação, cultura e conhecimento que contribuem para fazer surgir a violência. Assim, a educação pode oferecer também uma proteção contra a violência.

Um estudo realizado com mulheres por Vieira, Perdona e Santos (2011) sobre fatores associados à violência física por parceiro íntimo constatou que, quanto menor o grau de escolaridade, maior era a chance de a mulher estar exposta a um eventual episódio de violência. Adeodato e colaboradores (2005) também obtiveram, em seus estudos, resultados que apontam para essa mesma ideia, visto que seus dados comprovaram que, quanto mais alto o nível de escolaridade e de esclarecimento da mulher, menor tende a ser o tempo que as mulheres suportam os episódios de agressão.

Outra cognição também encontrada na primeira periferia é a opressão. A palavra opressão foi agrupada no dicionário de palavras junto às demais expressões e termos com o mesmo significado, como por exemplo: abuso de autoridade, abuso de poder, tira a liberdade do outro, a gente não tem defesa, opressão, inferioridade, mulher que fica submissa, violar direito, futuro sem perspectiva, perseguição, aceitação, difícil demais tolerar, invasão, violar, dentre outros.

O significado da palavra opressão, no dicionário da língua portuguesa, resgata a dimensão que envolve o ato ou efeito de oprimir, assim como os sentimentos causados: o abatimento de forças, a prostração, o sufocar diante da tirania, do vexame e da humilhação empreendidos para que a vítima sofra. Além disso, a palavra oprimir traz no dicionário o significado de causar opressão, tiranizar, humilhar, impor obrigação a alguém, exercer violência contra alguém, violentar, forçar, coagir (FERREIRA, 1975).

A opressão aparece como um elemento que caracteriza a violência e seus elementos centrais ao provocar sufocamento, submissão, sensação de estar oprimida, sem saída ou poder ser atacado a qualquer momento. A opressão, nesse sentido, é um elemento que caracteriza os efeitos provocados a longo prazo pelas expressões da violência; é como se o termo estivesse relacionado com um agravamento dos sentimentos de sofrimento provocados pelas agressões e demais elementos do núcleo central. Assim, a violência gera sentimentos de tristeza, depressão e medo até o ponto de provocar um estado de embotamento social no qual o sujeito se fecha, se isola do mundo exterior, ou se sente sempre ameaçado, o que pode deixá-lo oprimido, sem perspectivas de um futuro promissor. As falas das entrevistadas comprovam essa relação entre agressão, sentimento e opressão.

E48: *“Agressão, opressão, presa, covardia e maldade. Uai porque eu penso que ao ser agredida a pessoa fica o que, fica oprimida e com isso ela vai sentir triste e em decorrência da maldade e da covardia. Eu sei por que essa agressão seria uma maldade, uma covardia, entendeu?”*

E81: *“(...) E isso é consequência, tristeza e angústia são consequência. Quando você tem uma perda, né. Uma violência gera você fica triste e em seguida vem depressão, angústia, colocaria até angústia aqui e depressão aqui, que ela vai gerar isso mesmo. Muitas pessoas estão ficando deprimidas dentro de casa com medo de sair na rua porque é... medo de*



*acontecer com você, né. Isso vai dar, vai se fechando, né, e isso acaba com a perspectiva, que esperança cê vai ter pro futuro?”*

*E68: “É... seria a ignorância né. Usurpação, usurpar a dignidade do outro. Tira a liberdade, é tira a liberdade do outro. Seria pra mim a invasão né, eu acho que a violência é invadir a dignidade do outro. A questão da ignorância, no sentido de falta de respeito com o outro. tirar a liberdade. Abuso e usurpação. Porque eu acho que a invasão, eu acho que a violência é invadir um espaço, é uma invasão de espaço. Quando você invade o espaço do outro. Eu acho que a invasão é você tirar né, é entrar em algo que você não tem permissão. Então é por isso que eu acho que a invasão é uma coisa muito assim ruim como violência, é quando você agride o outro, você entra no espaço dele, você entra no sagrado dele. A dois né volta para o outro né, talvez a falta de consciência né do respeito do espaço do outro leva a violência. A três que eu coloquei tirar a liberdade né, eu acho que quando você violenta uma pessoa, tem a violência para com o outro, você tira essa liberdade né, tira essa liberdade de que você tem um espaço, tem um espaço que é só seu, né, a mulher que é violentada ela foi invadida no seu espaço né, no seu sagrado. E a quarta a questão do abuso né, a questão do poder né, você querer ter um poder que você não tem na vida do outro. E a quinta que seria a usurpação é tirar né, você adquirir né, usurpar, tirar algo né, tomar posse de algo que não é seu.”*

Há um aspecto da opressão diretamente ligado a agressão, no qual a primeira provoca a segunda; outro aspecto é o da própria agressão como sendo um modo de opressão, um modo de tirar a liberdade do outro, de invadir seu espaço, de ter um poder sobre o outro. Nesse caso, a opressão seria uma forma de violência mais oculta, mais velada, exercida por meio do poder que tira a liberdade do outro e sua capacidade de reação. A opressão poderia passar despercebida ou não ser reconhecida como uma forma de violência por inúmeras vezes e por diversas pessoas. Porém, neste estudo, a opressão é compreendida como uma forma de violência simbólica que se reconhece no cotidiano de vida nas mais diferentes situações.

*E54: “Agressão. Invasão. Obriga. Insulta. Espanca. (...) que primeiro, por exemplo, cê vai e insulta a pessoa né? a mais branda aí, cê insulta, aí depois você vem com ... invade! cê insulta aí quando for um dia cê vai, já invade ali, depois da invasão, você vem, obriga a pessoa, depois da obriga, de obrigar você vai espanca, entendeu?”*

*E95: “Porque em relação à mulher, tem muitas, eu acho que mais assim na zona rural e mais assim numa classe inferior, eu acho que elas omitem muito, assim a violência contra a*

*mulher, eu acho que elas omitem muito. Então acho que opressão também. Inferioridade. [Explicando o termo inferioridade]: Porque a pessoa assim sente acho que um pouco humilhada nessas situações, porque imagina uma mulher, ou então assim uma pessoa que trabalha, um trabalhador, assim seja a área que for. É você ser assalta assim, a gente se sente inferior porque você tá no seu direito né, então assim você paga seus impostos como cidadão então, assim eu acho interessante.”*

Em estudo feito por Schraiber (2003), com uma amostra de 322 mulheres, 39,7% delas mencionaram a coerção e a dominação ao definirem a violência, reconheceram que essa é uma forma de violência importante e citaram que traz efeitos psicológicos e até de maior constrangimento que os efeitos da violência física, pois provocam “feridas que não cicatrizam”. A coerção e dominação obtidas como uma das definições de violência em tal estudo pode ser comparada à opressão encontrada aqui na representação social de violência, pois ambas caracterizam uma forma de violência simbólica.

E3: *“Pode ser casal, entre casal homem batendo em mulher, que é uma violência gravísssima que eu acho. E mulher que fica submissa a isso também né, que não, que não, que não procura. (...) Em terceiro lugar o que eu pus, entre o casal, tem homens, aqui mesmo em Carmésia tem casos de homem bater em mulher e ela ficar submissa a isso e guenta toda violência calada, não vai a nenhum setor pra, não procura nenhuma delegacia pra reclamar nem nada.”*

E94: [sobre violência contra mulher]: *“Porque às vezes tem muito caso de marido que bate na mulher e ela não faz nada.”*

A opressão, como forma de violência simbólica, gera esse silêncio no qual a mulher que passa por uma situação de violência se encontra submissa, sem reação e, conforme os relatos acima, fica calada, não faz nada, aguenta a violência sozinha, se sente humilhada e inferior. Segundo Schraiber (2003), é exatamente esse silêncio de algumas mulheres sobre as situações de violência vividas que pode gerar uma invisibilidade para o problema da violência contra a mulher no âmbito da assistência à saúde. O mesmo autor denomina esse silêncio em conjunto com a subnotificação e também com a recusa de intervenção como atitudes ocultadoras da violência. Além disso, afirma que o silêncio e a invisibilidade diante da violência são consequências de medos ou vergonha. Em vista disso, percebe-se que a violência simbólica, representadas, nesse caso, pela opressão e pelo silêncio, propicia a perpetuação da violência.

Meneghel *et al.* (2011) chamam a atenção para o fato de que os episódios de violência contra a mulher não devem ser encarados institucionalmente como situações individuais e passíveis apenas de abordagens com tratamentos específicos para alcoolismo, drogas, distúrbios mentais, comportamentos de risco para a agressão, dentre outros. Pelo contrário, o autor defende que a questão deve ser considerada como violação ética dos direitos humanos das mulheres; para tanto, contribui o fato de entendê-la como um fenômeno social cuja questão central se encontra nas desigualdades de gênero. Dessa maneira, o foco deve ser atuar nas iniquidades de gênero e não apenas buscar atendimentos que abrandam consequências e efeitos de âmbito individual e comportamental.

Dessa maneira, a opressão representa uma forma de exercer o poder do valor patriarcal dominante de masculinidade e, ao mesmo tempo, também faz perpetuar as iniquidades de poder expressas nas relações desiguais de gênero. Considera-se que a desigualdade de gênero é questão central do fenômeno da violência e, assim, pode-se ponderar que a opressão, enquanto fator que envolve desigualdade de poder e submissão, também constitui um núcleo fundamental para se compreender a violência como fenômeno social advindo das iniquidades de gênero. Contudo, a presença da cognição opressão na primeira periferia dessa representação comprova que a violência simbólica representada pela opressão ainda se constitui em um aspecto mais velado e sutil de violência que não habita o núcleo central de sua representação.

Em relação ao termo opressão que carrega em si um forte aspecto de violência simbólica, as cognições agressão, drogas, estupro e morte, que compõem o núcleo central dessa representação, são formas físicas mais concretas e mais facilmente reconhecidas e identificáveis de violência. Isso não caracteriza que a violência simbólica não existe no núcleo central de violência; pelo contrário, o simbólico, mais velado e sutil foi encontrado e reconhecido entremeado até mesmo dentro dos aspectos físicos mais concretos da violência, além de estar fortemente representado pela palavra sentimento que, por sua vez, se relaciona diretamente com o termo opressão. Um exemplo da presença da violência simbólica nos demais elementos do núcleo central é que, tanto na cognição agressão quanto na morte, encontraram-se relatos que mostraram que as marcas invisíveis delas decorrentes são deixadas na alma, tais marcas trazem repercussões para as mulheres até mesmo maiores do que aquelas marcas deixadas apenas no corpo físico, sendo esse fato um fator relevante. Entretanto, é interessante ressaltar que, como esperado, a violência simbólica existe de forma mais velada e

é mais difícil de ser reconhecida no núcleo central, além de aparecer mais explicitamente sob a forma da cognição opressão apenas na primeira periferia onde vem complementar o significado das demais cognições centrais. Exatamente por ser velada, sutil e passível de até não ser reconhecida sob olhares menos atentos, é que a violência simbólica foi encontrada com essas configurações dentro do núcleo central e na primeira periferia dessa representação social de violência.

No quadrante inferior esquerdo, encontra-se a zona de contraste; os elementos de contraste obtidos foram: desumanidade, família, nunca-deve-ter-violência, ruim e tragédia. Esses são os termos que obtiveram uma frequência de evocação menor do que 22, em conjunto com uma ordem média de evocação menor do que três. São termos novos que complementam o significado do núcleo central, seja por meio de uma ideia que reforce seu contexto ou por meio de alguma ideia contrária aos elementos centrais.

A palavra desumanidade faz referência a um grupo de palavras com significado semântico semelhante, como por exemplo: desumanidade, crueldade, desonestidade, maldade, ruindade, covardia, ignorância, egoísmo, inveja. A desumanidade exerce a função de complementar o significado dos elementos centrais, principalmente da agressão e da morte, ao se constituir em atributo que caracteriza os atos de violência e o ato de agredir propriamente ditos. A desumanidade também tem a função de atribuir características e adjetivos ao agressor que fazem com que ele pratique a violência. Assim, aquele que comete a agressão ou morte é um desumano, mau, cruel, desonesto, covarde, egoísta; ou o próprio ato violento em si, de agressão ou morte, é desumano, cruel, covarde.

Há também uma relação de proximidade entre desumanidade e falta; ambas são apontadas como causadoras da violência e dizem respeito aos atributos dos sujeitos que cometem a violência, ou então exercem a função de caracterizar o ato violento em si.

E91: *“Falta de amor. Ignorância. Egoísmo. Perseguição. Maldade. [Explicando a relação de violência e egoísmo]: Porque é, muitas vezes as pessoas... é, vê alguém tendo, por exemplo, dinheiro né que a pessoa trabalha pra conseguir, e ela se sente né, o egoísmo é tão grande que ela talvez não tem a mesma coragem pra trabalhar, ela prefere ir lá e tirar a vida da pessoa.”*

E87: *“Maldade. crueldade. desonestidade (...) em primeiro lugar o que eu acho é maldade, por que assim a pessoa que é mau né. Aí depois vem a crueldade, a desonestidade também é, mas nem tanto quanto a crueldade e a maldade. (...) [Explicando a relação de violência e desonestidade]: Porque desonestidade causa a violência. Se a pessoa é desonesta ou, né, eu acho que uma coisa puxa a outra né. Porque a pessoa que é desonesta ele, né, pratica alguma coisa que causa a violência, no meu ponto de vista.”*

E48: *“Agressão, opressão, presa, covardia e maldade. Uai porque eu penso que, ao ser agredida a pessoa fica o quê, fica oprimida e com isso ela vai sentir triste e em decorrência da maldade e da covardia. Eu sei porque essa agressão seria uma maldade, uma covardia, entendeu?”*

Há também uma associação entre a humanidade da representação de qualidade de vida e a desumanidade encontrada na representação de violência. Ambas se relacionam antagonicamente; isso revela que, enquanto a humanidade é uma característica humana essencial que deve existir para que todos possam ter um bom convívio social, boas relações familiares, vida com amor e paz e, assim, construir uma qualidade de vida, a desumanidade é também uma característica humana reconhecida como crucial para contribuir no surgimento da violência. Nessa perspectiva, violência e qualidade de vida se contrapõem e podem ser visualizadas como dois caminhos de uma direção e dois sentidos diferentes.

A palavra humanidade representa um conjunto de valores que caracterizam a natureza humana do indivíduo. Humanidade, nesse contexto, representa os seguintes termos evocados: honestidade, dignidade, ter dignidade, integridade, ajudar as pessoas, humanidade, compreensão, justiça, compreender, ajudar a quem precisa, solidariedade, bondade, ser uma boa pessoa, dó, egoísmo, tolerância, paciência, humildade, autenticidade, contribuição. Esses valores humanos são essenciais para que toda pessoa seja capaz de construir uma qualidade de vida. Tal construção irá se pautar na influência positiva (ou negativa pelo sentido contrário) que esses valores provocam seja no amor, no convívio social, na família ou na paz. O reflexo dessa construção da humanidade também irá se relacionar com o respeito.

O aspecto humano inclui não tratar as pessoas como coisas e sim tratá-las com solidariedade e como dignas de respeito em sua autonomia. No que diz respeito aos valores morais, a humanidade corresponde aos valores da bondade, do respeito, da solidariedade, da compaixão e da empatia (RIOS, 2009).

E68: *“É autenticidade. Verdade de ser você mesmo. Dignidade de ser humano né, dignidade. Paz consigo. E o respeito né. Qualidade de vida é autenticidade, é ser você mesmo né, eu acho que é o maior presente que você pode ter pra ser você mesmo né, você ser você na sua casa, no seu trabalho, né com seus amigos, né isso é autenticidade né. Depois a questão da dignidade né, sabe, você conseguir respeitar esse ser que é você com suas limitações, com suas qualidades né, é você saber respeitar a dignidade de ser você, né, que entra o terceiro que é a paz né. A alegria de ter essa paz dentro desse respeito consigo, né saber quem é você e respeitar, né, a quarta. E a quinta que seria a liberdade de ser você mesmo, hoje né ser você mesmo a todo tempo é quase um presente de Deus.”*

E75: *“Humanidade! Precisa de pessoas mais humanas, né? Em vários setores pra dar uma boa qualidade de vida, a própria saúde pelas pessoas que atendem, né, precisam ser mais humanas.”*

E87: *“(…) A primeira coisa que a pessoa tem que ter é a dignidade, acho que é a primeira coisa. A primeira qualidade que um ser humano pode ter é dignidade né pra gente conseguir as coisas. Aí depois vem honestidade né que uma coisa liga a outra. Amizade, amor também e amizade é muito importante.”*

O termo evocado família também é um elemento da zona de contraste e foi agrupado junto aos seguintes termos: família, estrutura familiar, família desestruturada, criação, abandono, mães que deixam os filhos na rua, ambiente familiar, desestrutura familiar, violência entre família é errado. A família é um elemento que se relaciona com os elementos centrais e também com a cognição falta da primeira periferia; é considerada a base que oferece estrutura para o indivíduo viver em sociedade. Uma boa estrutura familiar seria um fator protetor para a violência, bem como para os atos de agressão, morte e uso de drogas. Em contrapartida, uma família desestruturada é um fator que expõe o indivíduo a carências essenciais para viver (falta de amor, por exemplo) e leva-o a praticar atos de agressão, a usar drogas, a matar. Assim, causa a violência além de provocar efeitos que geram sentimento de sofrimento.

E13: *“A família desestruturada leva a tudo... Porque eu no meu modo de pensar a família, sendo a família desestruturada inclui todas, ó a falta de amor, aí vem a bebida, né. Tudo! Desemprego também né. Porque, ó, uma família desestruturada leva tudo isso, tudo.”*

E79: “(...) *a família sofreu a violência fica magoada, fica triste. E atinge todo mundo, porque aqui é uma família, o que acontece com um abala todo mundo! né?*”

Em um estudo feito para analisar o comportamento violento e fatores associados em adolescentes, foi identificada maior proporção de comportamento violento naqueles estudantes que vivenciam um ambiente familiar desestruturado devido aos relacionamentos conflituosos dos pais. Tal estudo demonstrou que a desestrutura familiar constitui um dos fatores de risco para o desenvolvimento de comportamento violento dos filhos, além de poder afetar o desenvolvimento psicológico, as relações interpessoais desses filhos com a família e com a sociedade (CASTRO, CUNHA, SOUZA, 2011).

Outra função da cognição família é que, ao reforçar a agressão, por meio de que os pais ensinam um comportamento violento para os filhos, reitera o conceito de transmissão intergeracional da violência conforme já abordado no termo agressão do núcleo central:

E81: [Explicando a relação de família e violência]: “*Porque eu acho que é onde é..é... as pessoas é a educação... pra mim a base é a família então se na família é.. ela não ensina a não violência, né, a criança vai gerar. Uma coisa que me incomoda muito é quando o pai fala assim o menino chegou em casa e fala “ah, fulano me bateu” então porque cê num bateu nele? Violência começa é ali, sabe. Esse revidar. Então a violência vem desse, né. Um descontar no outro, ele fez eu quero descontar, então isso que me incomoda, então quando eu disse família, não que a violência está na família e que a família é violenta, não, mas é lá que ela educa, né. A criança recebe educação dentro de casa em pequenas coisas, né, então esse revidar pra mim...*”

E96: “*E a violência em casa, às vezes o pai chega bêbado do bar e espanca a criança então tudo isso acarreta né, um assim descontrole na família.*”

E70: “*E a violência entre o casal a gente vê demais né que tem essa violência entre o casal, graças a Deus no meu caso não né. Mas, isso também desestrutura a família, acaba com a família.*”

Aqui, abre-se uma ressalva para o fato de que se, por um lado, a família é uma base para a vida do indivíduo e sua desestruturação pode gerar os elementos centrais da violência, por outro lado, a violência também é um fator que desestrutura a família. Desse modo, pode existir um processo de ciclo vicioso no qual ambos se reabastecem e tratam de perpetuar uma

dimensão do fenômeno da violência. De acordo com Bourdieu (2010), a família é uma das instâncias responsáveis por atuar na reprodução social da dominação androcêntrica e, portanto, enquanto não forem feitas intervenções que possam nela incidir, tal condição permanecerá se reproduzindo socialmente.

A influência que a família exerce na transmissão intergeracional da violência também está ilustrada em resultados de uma pesquisa sobre os fatores associados à violência física por parceiro íntimo. Em tal pesquisa, a possibilidade de uma mulher vivenciar um episódio de violência teve um acréscimo de 92% para aquelas mulheres cujas mães eram agredidas e de 96% no caso de as mães dos parceiros terem sofrido agressão (VIEIRA, PERDONA, SANTOS, 2011). Isso demonstra que os comportamentos violentos que existem dentro de determinada família têm grandes possibilidades de serem assimilados e transmitidos para a geração seguinte.

Silva (2007) destaca uma observação muito importante de que o fato de uma pessoa crescer e desenvolver-se numa família violenta pode repercutir na forma de aprendizado de solução de problemas, produzindo um padrão de comportamento violento. Nesse caso, a autora, assim como outros autores, também reforça a ideia de transmissão intergeracional do comportamento violento. O artigo de D'Oliveira (2009) também defende a ideia da transmissão intergeracional ao afirmar que o abuso sexual na infância atua como fator associado à reprodução de valores como banalização da violência ou desqualificação da mulher; por isso, para quebrar a transmissão intergeracional da violência contra a mulher, é importante que ações atuais reduzam-na a fim de diminuir ocorrências futuras.

Na representação de qualidade de vida, o elemento família corresponde ao mesmo sentido do termo família, igualmente encontrado na representação de violência. Família está agrupada no dicionário de palavras de qualidade de vida junto com as palavras estrutura familiar, família estruturada, amor na família, apoio familiar, harmonia familiar, família, convívio na família, cuidar dos filhos da gente, boa convivência familiar, dentre outros.

A cognição família da representação de violência está diretamente relacionada com o termo de mesmo nome da representação de qualidade de vida. Ambas correspondem em sentido, sendo que a segunda vem exatamente suprir a lacuna e a carência deixadas pela primeira. Dessa forma, a desestrutura familiar apontada na violência é também mencionada na qualidade de vida no sentido de que a estrutura familiar é a base de uma qualidade de vida



satisfatória que esteja direcionada para se obter amor, uma boa educação, trabalho e, além disso, pode ter uma importante função de proteger contra a violência. Aqui tal palavra, enquanto um conceito de base de vida oferecida pela estrutura familiar, também desempenha uma importante função protetora do ciclo de transmissão intergeracional da violência, pois é no âmbito familiar que primordialmente podem se priorizar os ensinamentos de comportamento não violento.

E35: *“a família é tudo, que é a base de tudo.”*

E40: *“eu tenho como sendo a família, como sendo o alicerce da qualidade de vida, a partir dela você vai conseguir é, dependendo dela do que essa família te ensinar, do que essa família te oferecer você vai conseguir ter uma qualidade de vida boa ou ruim. No meu ponto de vista né, a pessoa que possui uma família bem estruturada ou que possua pelo menos quem o assista tem grandes chances de ter uma boa qualidade de vida.”*

E72: *“É...e qualidade de vida eu acho que pra se ter uma qualidade de vida depende do ponto de vista que foi criado, acho que a família aí interfere bastante, depende da criação, do que que pai e mãe passa pro filho, se você participa mesmo da vida deles e aí você vai precisar de amor, de convivência familiar (...).”*

E44: *“Se não tem uma boa família automaticamente cê também não vai ser boa, com a família desestruturada cê vai transferir isso pra outras pessoas, né. Eu digo isso porque eu tenho família, eu, né. Então assim, eu acho que eu não posso ser uma boa mãe se eu não der exemplo pros meus filhos, automaticamente meus filhos também não vão ser, pode até ser, mas se não tiver um bom caráter eles não vão ser bom.”*

E52: *“um bom convívio com a família porque a família é o apoio de tudo né. Aí, com esse apoio vem o trabalho, a boa educação.”*

A família vivida, nesse contexto de relações de gênero no qual o núcleo familiar vivencia relações desiguais de poder, diferentemente da família idealizada, vem se constituindo em cenários de relações violentas. A vivência de violência familiar interfere na construção da identidade masculina, pois os homens tendem a reproduzi-la nas relações sociais, em especial nas relações com suas companheiras e seus filhos (GOMES, 2007).

O poder do homem é socialmente legitimado como esposo e pai. Essa imposição normativa constrói relações familiares permeadas pelo medo e qualquer desvio dos padrões naturais pode desencadear conflitos. A maioria dos casos de violência contra as crianças é marcada por relações interpessoais assimétricas e hierárquicas. A vitimização física ocorre no processo de disciplinamento. Contudo, pais que utilizam a punição como medida disciplinar praticam o incentivo à violência intergeracional ao mostrar para seus filhos que a violência consiste numa forma apropriada para resolver seus conflitos (GOMES, 2007).

E98: *“Em terceiro lugar harmonia familiar, se você não tiver em casa, você não tem um relacionamento familiar e não vai ter um reflexo bom fora, assim como dentro de casa.”*

E96: *“Em terceiro lugar o amor na família porque uma pessoa tem que gostar da outra e ser aquela família unida pra poder da certo.”*

E81: *“Porque eu coloquei a ordem é... família porque a gente aprende a alimentar bem, a gente aprende educação, a gente aprende as coisas é dentro de casa, né.”*

E82: *“Você precisa ter o apoio da família, porque é muito importante você ter apoio nos momentos de dificuldade. Acho que são as pessoas que mais apóiam a gente é a família. Nessas horas que esse apoio da família.”*

E93: *“Depois eu vejo a família, porque se tem amor aí e claro que a família vem, né. Vem assim quase que lado a lado, vejo por aí. Porque pela experiência que eu tenho aqui do trabalho eu vejo que muitos problemas que a gente enfrenta na sala de aula, que a gente enfrenta no dia-a-dia é a falta de amor e é a falta de estrutura da família. Eu acho até que o amor e a família tinha que vir juntos.”*

Outro elemento da zona de contraste é o termo nunca-deve-ter-violência, essa expressão representa um conjunto de demais expressões evocadas, como por exemplo: não é a favor da violência e do aborto, não acho certo, denunciar, não gostar da violência, nunca deve ter violência, não pode reagir com violência, não pode chegar perto. Esse elemento exerce a função de se opor à violência, de atribuir-lhe um valor negativo, ao afirmar que não se concorda com sua existência. De certa maneira, é uma cognição que reprova a violência ao considerá-la errada e passível de ser denunciada. Nesse sentido, pode-se relacionar esse termo com as cognições agressão e opressão. O nunca-deve-ter-violência representa uma reação de

denúncia à violência, do não se calar perante os atos de agressão, da necessidade de interromper o comportamento violento e, assim, também contesta a opressão.

E4: *“Ruim. Denunciar. Marido bate na mulher. Bater no filho. Briga entre marido e mulher. A palavra assim violência, a pessoa tem que denunciar a violência né. Vai ficar calado com a violência? Num vai. Imagina o marido bate na mulher vai ficar calada? Num vai. Não tem como ficar calada, tem que denunciar. Bater no filho, eu não concordo! Isso pra mim causa violência. É... briga entre marido, não é bom. Os pais que ensina os filhos, de acordo o que os pais é os filho é também, né.”*

Entretanto, o medo de denunciar a violência é algo reconhecido entre as mulheres como um fator que dificulta seu enfrentamento. Talvez seja por esse medo que, embora o nunca-dever-violência exista, ainda não tenha voz suficiente para fazer-se ouvir e conseguir sobrepor-se à opressão, à morte e à agressão.

E66: *“Medo. Tristeza. Ódio. Desengano. Mulher. A mulher não denuncia uma agressão e ai às vezes acontece uma agressão. Ai acontece assim igual aconteceu com a Maria Helena, aquela cabeleireira que não denunciou o marido e acabou sendo morta. O medo de denunciar também, tudo cai na violência. A tristeza de, de causa sequela que pode levar também a uma depressão. E o ódio que elas ficam né, que talvez nem vai poder ter outra relação com outro parceiro.”*

A violência deixa marcas que trazem repercussões no sentimento e, apesar de tais marcas serem invisíveis, são reconhecidas como capazes de afetar as circunstâncias futuras da vida da mulher. Mais uma vez, depara-se aqui com a violência simbólica e seus efeitos significativos para as mulheres.

Em relação ao medo de denunciar e a essas marcas invisíveis que são efeitos da violência simbólica, existem alguns empecilhos que se transformam em motivos pelos quais as mulheres têm dificuldades pessoais e interpessoais para reagir e verbalizar sobre a violência. As mulheres relatam vergonha ou humilhação; culpa ou medo de serem culpadas pela violência; temor pela própria segurança e pela segurança de seus filhos; falta de controle sobre suas vidas; esperança de que o agressor mude, visto que ele promete mudar; medo de perder os filhos; disposição para proteger o parceiro seja por motivos econômicos ou afetivos (SCHRAIBER, 2009). Vê-se que, nesse sentido, as mulheres se encontram submissas diante

de sentimentos como o medo e a humilhação que a violência provoca. Dessa forma, denunciar torna-se difícil quando a mulher se encontra submissa.

Um estudo que analisou a trajetória de enfrentamento da violência percorrida por algumas mulheres mostrou que denunciar ou decidir romper com o silêncio diante da situação de violência requer lidar com aspectos facilitadores e dificultadores. Dentre os aspectos facilitadores para reagir contra a violência, estão incluídas atitudes pessoais, como por exemplo, sentimentos de exaustão e revolta prolongados diante de várias humilhações e abusos, além da consciência do aumento da violência em geral e do potencial risco de vida que correm. Com relação aos fatores dificultadores para a reação, encontram-se os próprios sentimentos que a mulher enfrenta como o medo, a culpa e a vergonha, além de entraves de cunho familiar, material e institucional. Os entraves de cunho institucional são a ineficiência do sistema em garantir a proteção da mulher diante de seu agressor, o despreparo e a burocracia do sistema jurídico e legal, o despreparo de profissionais de saúde para lidar com as mulheres que vivenciam situações de violência, a falta de acompanhamento e de responsabilização em muitos casos de violência atendidos na rede assistencial em saúde. Tais aspectos geram muitos casos de falta de orientação adequada para a mulher e sua consequente revitimização (MENEGHEL *et al.*, 2011).

As palavras evocadas ruim e tragédia exercem a função de caracterizar a violência negativamente e reafirmam, assim, os atos de agressão e demais elementos centrais da violência como sinônimos de ruim, gesto ruim, forte (soa muito forte), terror, horror, tragédia e destruição. Dessa maneira, ruim e tragédia são cognições que aparecem para reafirmar o impacto negativo que a violência provoca; por isso, conferem aos elementos centrais da representação um caráter de experiências ruins que possuem potencial destruidor.

E1: *“Violência é ruim né, agressivo, é chato demais né, estúpida, abuso de criança.”*

E74: *“Uai, é só vejo o pior. (...) Éhh... essa palavra violência ela soa muito forte mesmo, eu não sei de que forma que eu poderia traduzir isso em palavra. Agressão. É uma agressão.”*

E56: *“Ah, sei lá pra mim eu classifico a violência como uma verdadeira destruição.”*

O quadrante inferior direito é a segunda periferia, traz os elementos que obtiveram frequência de evocação menor que 22 em conjunto com uma ordem média de evocação maior ou igual a três. São aqueles elementos que, de maneira geral, foram menos frequentemente e mais

tardiamente evocados. Correspondem a uma representação mais individualizada, contextualizada, sensível às mudanças do contexto, mas que também complementam o significado do núcleo central da representação social. Foram encontradas na segunda periferia as palavras desigualdade-social, impunidade e paz.

A desigualdade-social foi agrupada junto com os demais termos evocados: crise econômica, desemprego, má distribuição de renda, condições de vida precária, influências, desigualdade, materialismo, dentre outras. Percebe-se que as mulheres relacionam a violência expressa principalmente pelos atos de agressão e morte com a existência da desigualdade-social, atribuindo-lhe a responsabilidade de provocar a violência.

E67: [Ao ser perguntada sobre influências]: *“Influência, por exemplo, uma pessoa que ela, por exemplo, ela tá, ela tem uma vida, a partir do momento que ela começa a envolver com pessoas que vivem nesse mundo por mais que ela tenha uma cabeça madura ela acaba se influenciando e acaba, né, entrando nesse mundo.”*

E43: [Sobre a má distribuição de renda]: *“Eu acho que isso aí é uma grande violência, falta de respeito puro. [Relação entre violência e desigualdade]: Porque a desigualdade social ela gera a violência, né. Porque é... a desigualdade que uns tem muito, outros não tem nada, então junto com essa desigualdade aí, ela gera violência, ela gera preconceito, né. [Sobre dar valor negativo]: O que eu vejo é que são coisas ruins, que provocam a violência. Como primeiro eu colocaria má distribuição de renda. Consequentemente ela vai gerar, né. Tá ligada à desigualdade, né.”*

E74: [Explicando a relação entre materialismo e violência]: *“O materialismo, porque assim realmente a gente tá vivendo um momento de ter, o que que eu tenho, o que que o outro tem. Então, assim é, e de, de, eu quero ter mais, então assim é, e ter no sentido de material mesmo de ter mais dinheiro, de ter mais bens, de ter mais, então acho que isso leva as vezes a pessoa a matar, né, ahh, leva a roubar, então eu acho, acaba levando a violência. Então, igual eu tava comentando com você os assaltantes foram, né o que a gente ouviu aí, foram assaltar aqui perto e de manhã, na primeira hora do dia do, do, do armazém e pediu dinheiro. Então assim, é pra, é pra, porque que eu quero dinheiro? É pra ter, ter alguma coisa. Então como a pessoa deu o dinheiro, mas tirou o revólver, ele matou o cara por causa disso. E no final das contas nem levou o dinheiro. Então assim, eu acho que é por aí, porque é, eu ter mais tá em primeiro lugar e esse ter mais às vezes gera essa violência. Né por que olha pra você ver,*

*você tirou uma vida de um ser humano, você é éhh, e olha quantas pessoas que não tão sentindo a dor, da perda da pessoa por causa de quê, por causa de dinheiro.”*

Os homicídios no sexo feminino estão relacionados prioritariamente à questão de gênero e representam a violência interpessoal enquanto os homicídios que ocorrem no sexo masculino estão ligados principalmente à violência urbana. Ambos se associam às desigualdades sociais e econômicas, à ineficiência das políticas públicas de responsabilidade do Estado, incompetência da justiça e da segurança pública; tais aspectos se associam para contribuir com a impunidade e com o aumento da criminalidade (MENEGHEL, HIRAKATA, 2011).

O termo impunidade aparece também como elemento da segunda periferia e se refere às seguintes palavras do dicionário: injustiça, descaso, impunidade, injustiças com o ser humano, policiais serem injustos. A impunidade surge como elemento que vem para reforçar a prática da violência e fazer aumentar os casos de agressão e morte.

O significado da palavra impunidade no dicionário resgata o seu sentido, daquilo que escapou à punição, que não foi castigado. A punição, por sua vez, significa o ato ou efeito de punir, aplicar pena e/ ou castigo (FERREIRA, 1975).

E27: *“É o pior aqui dentro de Carmésia, e é muito, e eles não faz nada, o problema é esse. A gente quer ajudar mas... a autoridade não faz nada.”*

E75: *“Morte, dor, tristeza, impunidade, saudade. Que a violência, né, gera morte, né, Ela gera morte, é... e talvez a impunidade vai fazendo com que a violência seja cada vez mais praticada. Gera muita dor, muita tristeza, muitas famílias tão aí sofrendo pela violência, né. Também saudade, né, que marca as famílias. Saudade porque, né, geralmente quando tem a vítima uma pessoa vítima de violência na família principalmente o caso é de morte, né. A família sofre dor, tristeza, saudade, a família 100% ela nunca se recupera.”*

A cognição paz da segunda periferia da representação de violência foi evocada como elemento que reforça a necessidade de existir paz, carinho, união e amor entre as pessoas; percebe-se que esses elementos viriam a atender carências apontadas pela cognição falta da primeira periferia.

E73: *“Eu peço a Deus pra dar paz pra essa pessoa. Dá mais carinho para as pessoas. Não ter discriminação né, porque tem muito porque é branco e o outro é moreno e já sente. Ter mais união. Ter mais amor um com o outro.”*

A palavra paz da representação de qualidade de vida corresponde ao mesmo significado expresso na paz da representação de violência. Representa os termos tranquilidade, paz, ter paz, paz consigo, sossego, harmonia, sem tumulto, tranquila, sem violência, sem violências, liberdade, liberdade de ser você mesma, perda da liberdade (perda da qualidade de vida). Dessa maneira, a paz, além de ser muito importante para promover uma qualidade de vida boa, exerce uma função clara de oposição à representação social de violência. As mulheres também reforçam que, para alcançar a paz, é necessário um conjunto de outros fatores presentes na representação de qualidade de vida (amor, família, trabalho, saúde, moradia).

E93: *“E sossego, esse sossego que é essa paz que a gente tanto quer, eu acho que depende disso tudo, de amor, da família, de ter um trabalho, de ter uma casa pra morar.”*

E48: *“E se ela tem uma saúde, é bem cuidada, se tem a paz, porque a paz de espírito é muito importante né, porque as vezes ele é ai saudável né o corpo e a mente num é, então é em decorrência da paz.”*

E3: *“Ah qualidade de vida é você ter uma tranquilidade uai, pessoal, uma tranquilidade pra você trabalhar né. Ir e vir do trabalho né.”*

E92: *“A paz, porque menos violência né, até nas escolas.”*

E70: *“(...) também a paz né, paz no ambiente que a gente tá em família, na cidade. (...) E a paz, a paz hoje em dia é uma das coisas melhores que tem além depois da saúde por que tendo a saúde é bom demais, né, mas a paz também em segundo lugar, né, faz toda a diferença. A paz tanto entre família como, né, na sociedade, dá uma diferença enorme, né.”*

O quadrante inferior esquerdo possui os elementos de contraste que tanto podem trazer termos novos que contradizem o núcleo central quanto podem se constituir em palavras que complementam os significados das cognições do núcleo central. As expressões encontradas na zona de contraste são alimentação, boa condição de vida, felicidade, lazer e moradia. Os elementos da zona de contraste possuem frequência de evocação maior ou igual a cinco e menor que 29, além de ordem média de evocação menor do que três. Ou seja, os elementos de

contraste foram evocados menos frequentemente do que os termos centrais e do que os da primeira periferia, mas foram mais prontamente evocados do que os da segunda periferia (quadrante inferior direito).

A cognição alimentação está relacionada aos termos centrais saúde e trabalho. Sua relação com saúde é inerente aos efeitos positivos que a boa alimentação aporta à saúde do indivíduo. Além disso, percebe-se que há uma relação de alimentação com saúde que é mais básica e elementar no sentido de que a alimentação é referida como a necessidade de todo ser humano de se nutrir para viver, necessidade que se manifesta em uma preocupação de não passar fome. Essa característica da relação entre alimentação e saúde é evidenciada pela presença dos termos evocados “fome”, “ter o que comer”, “ter o que dar pra uma criança comer”. A relação entre alimentação e trabalho diz respeito a um dos benefícios que o trabalho como sustento pode proporcionar ao possibilitar que o indivíduo tenha acesso a uma boa alimentação.

E19: *“Qualidade de vida pra mim é ter o que comer, sem falta sabe, ter o que dar pra uma criança comer. Ter condições de ter, de se vestir, de comer... é de se vestir, é de andar limpo, ter saúde sabe. (...) Porque se eu tiver estudo eu vou poder ter todas essas outras coisas ai. Eu vou poder ter um trabalho, obviamente vou ter o que comer, o que vestir, vou poder andar limpo né.”*

E35: *“É que boa alimentação pro cê manter a saúde, em primeiro lugar pro cê ter uma boa qualidade de vida.”*

E38: *“Desemprego não, né? Ah, põe desemprego. Fome. Falta de união. Ajudar quem precisa. Não vem na minha cabeça. Eu falei desunião, falei? Ah, põe desunião. É por causa que deve ser mudado primeiro né. Tem que ser mudado pra consertar o mundo primeiro né, de uma vez. Acho que é só isso, né. Ah, Por que sem isso como é que você vai sobreviver? Sem uma, o desemprego, a pessoa passando fome, igual com tanta morte, tanta violência, droga, roubo. Acho que é isso né.”*

E66: *“Uma boa alimentação pra todo cidadão, todo ser humano. Eu acho né. Tem que ter uma alimentação boa pra aguentar né, o mundo hoje não tá fácil.”*

E76: *“Alimentação, qualidade de vida é alimentar também então.”*



E81: *“É... alimentar-se bem porque a família que vai ta educando, né? é é... e se alimentar bem, na questão de alimentar a família, né? ela vai preservar a alimentação dela com cuidado do seu filho, né? Então acho que a qualidade de vida começa aí.”*

Dessa maneira, a cognição alimentação, em sua relação com trabalho e saúde como uma condição para se obter qualidade de vida, além de estar direta e intrinsecamente relacionada à saúde e trabalho, também pode ser relacionada indiretamente à cognição desigualdade-social presente na representação de violência. A desigualdade-social foi agrupada no dicionário de palavras de violência junto às expressões desemprego, má distribuição de renda, crise econômica, condições de vida precárias, desigualdade. Os significados desses termos da desigualdade-social coincidem também e vão ao encontro da abordagem do trabalho e do desemprego diante da alimentação como meio de sobrevivência e necessidade de não passar fome.

A expressão boa-condição-de-vida foi composta no dicionário de palavras de qualidade de vida ao ser colocada em conjunto com os seguintes termos de sentido semelhante: boas condições de vida, viver uma vida normal, estrutura de vida boa, normal, boa, muito bom, melhorar, queria que fosse melhor, oportunidade, futuro bom, vivendo bem, ter uma vida boa, viver bem, dentre outros. Essa expressão diz respeito às condições de vida adequadas que se espera para se obter uma qualidade de vida satisfatória.

No contexto da abordagem a boa-condição-de-vida é como um sinônimo da qualidade de vida boa e, por isso, pode ser potencialmente relacionada com todas as outras cognições da representação social de qualidade de vida, pois complementa as demais com a caracterização de serem boas e desejadas para se alcançar uma qualidade de vida satisfatória. De modo especial, a boa-condição-de-vida se opõe ao elemento agressão, do núcleo central da representação social de violência por meio da expressão “viver uma vida normal”, pois ela indica “viver sem violência, sem briga”.

E6: *“E normal, é que todo mundo deseja ter uma vidinha normal.”*

E73: *“Uai, eu não tenho a vida ruim, mas eu queria que fosse melhor.”*

E92: *“Ah futuro bom porque a gente quer um futuro bom pra gente né, um futuro bom né, dar o melhor pra eles, porque hoje tá difícil demais dar um futuro pros filhos da gente.”*

E100: *“Viver uma vida normal. A gente ter uma vida normal é viver sem violência, sem briga.”*

A palavra felicidade aparece como atributo desejado para caracterizar a vida das pessoas. Tal característica confere um caráter de alegria, prazer e felicidade ao ato de viver e proporciona qualidade de vida. A felicidade pode ser relacionada aos efeitos positivos que a saúde, o trabalho, o amor, o convívio-social, a educação, a família, a paz e todos os outros elementos da representação de qualidade de vida trazem para a vida das pessoas. A felicidade também é um sentimento positivo e se opõe à cognição sentimento (sentimento, tristeza, sofrimento, mágoa, etc) encontrada no núcleo central da representação de violência, pois o sentimento referido na representação de violência é negativo, ao contrário de felicidade que é positivo.

E46: *“Felicidade é uma coisa que você vai buscando pra né, pra tentar ser feliz você tem que buscar bastante a felicidade.”*

E50: *“A qualidade de vida eu acho que ser feliz é ter uma qualidade de vida boa. A felicidade, acho que ela pode assim, independente se você é rico ou pobre, se você tá feliz você tem uma qualidade de vida boa. (...) E prazer, prazer em quarto, na verdade ele poderia estar em primeiro por que eu acho que pra você ter uma qualidade de vida você precisa ter prazer com o que faz né. Também ah eu acho que pra você ter uma qualidade de vida boa você tem prazer.”*

E73: *“Queria ser mais feliz do que eu já sou.”*

O lazer é considerado importante para relaxar, manter a saúde mental, evitar depressão. Além disso, é possível desenvolver atividades de lazer como diversão, curtir a vida, ter um carro para passear, viajar, a partir também dos benefícios que o trabalho oferece como sustento. Com a moradia, também é possível usufruir de atividades de lazer dentro de casa. O lazer também se relaciona como provocador da felicidade, do prazer e da alegria. Por isso, o lazer está intrinsecamente ligado aos elementos centrais saúde e trabalho e às cognições felicidade e moradia.

A cognição lazer ainda se constitui em uma “válvula de escape”, um método de alívio para suportar a violência, o sentimento de medo e insegurança gerado por ela, além de ser uma fuga da opressão e perda da liberdade que a violência causa. O lazer é uma “válvula de escape” para “descarregar as energias”, para “arejar a cabeça” e “relaxar a mente”. Além de

contribuir para promover a saúde, também evita que a pessoa acabe se envolvendo com violência, drogas ou tenha atitudes de desrespeito que podem gerar violência. Desse modo, o lazer também oferece proteção contra a violência na medida em que se opõe às cognições agressão, drogas, sentimento, opressão e falta da representação de violência.

E3: *“(...) a pessoa tem que ter o lazer, tem que ter um lugar pra você relaxar a mente né.”*

E5: *“Lazer. Ah, geralmente sair, distrair.”*

E14: *“E o lazer também é importante porque a pessoa ficar só dentro de casa, ela entra em depressão. Então ela tem que divertir.”*

E74: *“É porque realmente você não tem mais a liberdade que você tinha, às vezes você tá caminhando na rua de repente você, você não nem sabe o que que a outra pessoa sente com relação a você. E assim igual outro dia mesmo, ontem mesmo eu tive é, é, o rapaz comentou que tava andando em Belo Horizonte de repente assustou com um enfiando a faca no outro. Então assim, você tá, não tem a liberdade de caminhar, você não tem a liberdade de ficar dentro da sua casa, você tem que trancar toda dentro da sua casa pra você ter segurança. E a diversão porque assim, apesar de todos os pesares assim, de toda forma com todos os pontos negativos que a gente tem, a gente ainda tem que procurar um momento de diversão pra poder suportar tudo isso.”*

E78: *“O lazer porque a pessoa quando não tem assim da onde jogar suas energias, acaba jogando pro lado mal né. Aí no caso vai pro lado das drogas, começa o desrespeito, aí que vai gerando a violência.”*

E40: *“E em quinto lugar o lazer porque, eu pra mim né, eu enquanto assim pessoa considero o lazer um fator de extrema importância em qualidade de vida. E eu acho que assim dependendo da natureza da pessoa né, eu acho que tem gente que não leva tanto em consideração, mas eu considero que o mínimo de lazer é essencial pra ter uma qualidade de vida legal né, bacana, um momento de descontração, um momento de fazer o que se gosta. Não adianta você ter família, saúde, educação, condição socioeconômica favorável, se você não consegue fazer nada que te dê prazer, nada que te deixe assim feliz num determinado momento.”*

E76: “(...) *O lazer também proporciona uma qualidade de vida muito grande porque é uma distração, né de um relaxamento né, então eu acho importante.*”

Moradia também está incluída como elemento de contraste; representa um lugar de abrigo, proteção e conforto essencial para todo ser humano alcançar uma qualidade de vida adequada. A moradia está associada ao trabalho (que oferece o recurso que a viabiliza), a paz (moradia como lugar de sossego e conforto de seu próprio lar), a lazer (lazer dentro de casa com atividades variadas), a família (o principal lugar de convivência familiar é o ambiente doméstico).

E69: “*sem a casa pra morar a gente não tem um teto.*”

E73: “*Tenho minha casa boa, mas eu queria que fosse melhor ainda.*”

E79: “(...) *Tendo saúde, tendo trabalho e tendo educação, se você não tem moradia você vai trabalhar pra adquirir a moradia. Você tendo a moradia você vai ter condição também o lazer, porque na própria casa a gente faz o lazer, né. Lá em casa a minha horta é o meu lazer, sabe. (...) Meu lazer... eu faço as muitas mudas, dou pra quem eu quero, ah, pra mim é um prazer! Isso pra mim é um prazer, na própria casa, pode ouvir, assistir um bom filme, assistir pegar uma televisão (...).*”

E93: “*Depois eu coloquei a casa pra morar que é o sonho de todo mundo, né? Por experiência própria. Depois que, graças a Deus eu passei a ter uma casa pra eu morar com minha família, tudo melhorou. Graças a Deus já não era ruim, né? Mas só da gente não pagar aluguel, saber que o cantinho é seu, né? Fica tudo mais fácil. E sossego, esse sossego que é essa paz que a gente tanto quer, eu acho que depende disso tudo, de amor, da família, de ter um trabalho, de ter uma casa pra morar.*”

O dinheiro é o elemento periférico que complementa o significado de trabalho e estudo, pois o estudo fornece melhores possibilidades no mercado de trabalho e o trabalho, por sua vez, tem, como uma de suas funções, prover o sustento por meio do dinheiro. O dinheiro proveniente do trabalho também está associado às cognições moradia, lazer e alimentação visto que proporciona a obtenção desses três itens indispensáveis para uma qualidade de vida adequada.

É interessante ressaltar que o dinheiro é um fator necessário; porém, tanto sua presença na segunda periferia da representação quanto a abordagem feita do dinheiro, demonstram que

não é o mais importante para se alcançar uma qualidade de vida satisfatória. Percebe-se a importância do dinheiro e do salário como um recurso financeiro útil e indispensável para a qualidade de vida, mas não se considera como sendo a primeira prioridade a se almejar na vida em relação a outros fatores como saúde, trabalho, amor, convívio-social, educação, família, paz, felicidade.

E81: “(...) *Pra mim qualidade de vida não é ter nada material, mas, né, a gente vive num mundo capitalista a gente vai chegar nisso, mas acho que até chegar nisso tem todas essas coisas primeiro.*”

E87: “(...) *E depois disso tudo uma boa condição financeira, eu acho que ficaria em último lugar, porque eu acho que ter uma boa condição financeira e não ter as outras qualidades não vai adiantar em nada né. É o que eu penso.*”

E91: “*Amor é a principal coisa na vida, né, pra você ter uma qualidade de vida. Tem amor, se tem seriedade em tudo que você faz, se tem paz, né, justiça, né, e dinheiro é o último lugar mesmo porque o dinheiro não traz felicidade, né. (...) por isso, porque pra mim o dinheiro não, nem sempre o dinheiro, o dinheiro não traz éh, tem coisas que só o dinheiro compra, um ponto né do dinheiro, mas o dinheiro não é tudo de bom na vida porque muito gente perde a vida por causa dele, se ele fosse tão bom assim não perderia né.*”

E4: “*Qualidade de vida pra mim é muito bom, né. Cê ter a qualidade pra mim é muito bom. A pessoa ter dinheiro também é bom, né. Se é qualidade então é, né. Dinheiro não traz felicidade nem saúde, né. E as pessoas com dinheiro morre também. (...) Saúde, né, saúde é muito bom. Trabalho. Ter filho também é muito bom.*”

O esporte também aparece na segunda periferia como um fator que complementa o significado do elemento central saúde, pois todas as pessoas precisam se exercitar devido aos efeitos positivos que a atividade física proporciona para a saúde do corpo. Porém, o esporte foi o elemento periférico menos frequente e o segundo mais tardiamente evocado; isso demonstra que, apesar de importante para complementar o significado do elemento central saúde, foi considerado de maneira mais individualizada pelas entrevistadas.

E35: “(...) *e esporte pra manter a estrutura do corpo, esporte tem que ser a última.*”

E67: “(...) *e atividade física todo mundo precisa praticar atividade física.*”

E76: *“Qualidade de vida é a gente estar bem em todos os aspectos, fisicamente, psicologicamente né, em tudo. Depois atividade física é o fator assim hoje mais falado sobre. Você fala em qualidade de vida, você fala em atividade física.”*

Um estudo que descreve a prática de atividades físicas e de lazer em adultos defende que é importante avaliar os hábitos que envolvem o paradigma de exercícios físicos e saúde como um foco de lazer, presente também no trabalho e no ambiente da moradia. O fato de o indivíduo ter um espaço disponível para se exercitar fisicamente, próximo a seu local de moradia, contribui para que a atividade física seja praticada como um fator que propicia lazer. Nesse estudo, foi identificado que homens adultos se exercitam mais como forma de lazer, também no trabalho e no deslocamento até o trabalho, enquanto que as mulheres foram mais ativas nas atividades realizadas no ambiente da moradia, no sentido de que as mulheres são mais ativas no que se refere aos trabalhos domésticos (FLORINDO *et al.*, 2009).

A motivação, também presente na segunda periferia, refere-se a uma força de vontade interior que impulsiona a pessoa a conquistar seu próprio objetivo na vida. É um sentimento interior que potencialmente pode estar relacionado a qualquer aspecto que se quer conquistar (por exemplo: bom emprego, boa moradia, bons estudos) a fim de que se possa alcançar a qualidade de vida desejada.

E50: *“E a conquista eu acho que se você tem um objetivo na vida e consegue alcançar você tá satisfeito com isso.”*

E67: [Ao ser perguntado sobre o termo motivação]: *“Algo que você teria na sua cabeça pra querer conquistar, né. Correr atrás daquilo. (...) Motivação cê tem que te algo na cabeça pra correr atrás daquilo. Bom emprego cê precisa ter um bom emprego pro cê conseguir correr atrás dos seus objetivos.”*

O termo política-pública surgiu do agrupamento de termos evocados como segurança, saneamento básico, bom atendimento na Prefeitura, assistência à saúde, distribuição de renda, igualdade social, creche, bolsa-família, leite doado pela Prefeitura, política pública, dentre outros. Nesse sentido, a política-pública diz respeito a um conjunto de fatores fundamentais para desenvolver uma qualidade de vida social, na qual a comunidade como um todo possa se beneficiar dos serviços públicos e ter suas necessidades sociais atendidas.

A cognição política-pública pode ser associada aos termos saúde, trabalho, educação, convívio-social e boa-condição-de-vida, pois contribui para que esses objetivos sejam alcançados na medida em que os influencia positivamente. Também é possível relacioná-la com o termo desigualdade-social da representação de violência, visto que o primeiro representa, de certo modo, respostas e soluções sociais para o segundo. Ou seja, a igualdade social representa uma solução para a desigualdade social, assim como saneamento básico e assistência à saúde são respostas resolutivas para condições de vida precárias. Por meio da relação entre desigualdade-social e política-pública, estabelece-se uma associação também entre a segunda e a violência; isso pode ser verificado em algumas falas nas quais a falta de políticas públicas é apontada como fator que pode deixar a população mais vulnerável às situações de violência.

A prevenção da violência se tornou uma preocupação maior no Brasil a partir de 1990 com a reestruturação das políticas públicas e o desenvolvimento de novas iniciativas de enfrentamento do fenômeno. Nos setores da educação, assistência social, saúde e segurança pública, passaram a ser fundamentais as iniciativas de prevenção da violência e a sedimentação de uma cultura da paz. A intersetorialidade é o ideal para se lidar com essas novas políticas públicas, embora seja ainda uma dificuldade visto que a maioria das ações planejadas ainda são projetos pontuais em escolas e determinadas comunidades sem a existência do necessário engajamento intersetorial. Surge, assim, a importância de se planejar melhor diretrizes específicas para políticas públicas de prevenção da violência em âmbito local, regional e nacional (GALHEIGO, 2008).

E75: *“Educação. Emprego. Política pública. Distribuição de renda. Eu coloquei porque se tiver uma boa política pública, né. Bons administradores, conscientes e tal, aí já vai abrindo portas pras outras. (...) educação, né. fundamental. Através da educação as pessoas abrem suas cabeças, né, pra ter uma boa qualidade de vida, né. Emprego, todos precisam de emprego, seu trabalho e uma boa distribuição de renda, né.”*

E36: *“Igualdade social. (...) Se não tivesse a desigualdade né financeira não sei o que, se a pessoa tiver um carro melhor, chega no hospital ela é bem tratada, chega em qualquer lugar ela é bem tratada. E desigualdade social se tiver igualdade você já é bem tratado.”*

E44: *“E a assistência à saúde porque se cê não tiver a saúde legal, como que vai viver bem? se não for bem assistida? É... quando tiver doente procurar assistência e não for bem atendida?”*

E74: *“A má distribuição de renda porque eu acho que é a maior consequência, uma das consequências, de, de, da violência né do, do, porque assim tudo gira em função do dinheiro. Então assim, é, se distribuísse de uma forma melhor eu acho que talvez a qualidade de vida das pessoas melhoraria. Assim é, uns ganhando, é muito o nível de, de, nível social, de nível da, da, né, de, de, a forma que a renda é distribuída realmente leva a muitas consequências né de morte, ganância mesmo.”*

E78: *“No caso tem que ter segurança também, polícia, tudo que tiver de segurança pra evitar de, de confrontos aí de qualquer coisa, de roubo, dessas coisas.”*

E82: *“um saneamento básico também precisa ter, pra ter um bom desenvolvimento tem que ter um bom saneamento básico.”*

E94: *“Emprego. Bolsa família é uma qualidade de vida. Escola. Creche. O leite doado pela prefeitura. (...) Porque sem a creche não tem como a gente trabalhar. Porque o bolsa família que ajuda a gente, a maioria das vezes a gente tá apertado a gente pega o bolsa família serve pra ajudar a gente comprar remédio, comprar fralda. Sem escola não adianta nada, sem escola a gente não arruma nem serviço se a gente não estudar. Porque o leite aqui a gente ganha né, ele ajuda muito porque evita da gente comprar o leite, se a gente tiver de comprar de vez em quando.”*

Dessa maneira, percebe-se que as palavras, tanto do núcleo central quanto da periferia das representações sociais de violência e de qualidade de vida, relacionam-se e influenciam umas às outras a todo instante. A relação compreendida entre as cognições de ambas as representações é por vezes de correspondência de sentido (por exemplo: a relação entre o termo família da representação de violência e a palavra família da representação de qualidade de vida); por outras vezes de oposição, proteção ou suprimento da falta que faz gerar a violência. A fim de aprofundar o entendimento de tal relação, foi realizada uma oficina na segunda etapa da pesquisa; nessa oficina, foram utilizadas, para discussão, todas as palavras obtidas em ambos os quadros de quatro casas. Assim, as mulheres participantes da oficina



discutiram e ligaram as palavras da periferia de cada representação aos respectivos termos centrais aos quais atribuíram uma relação.

#### **5.4 Resultados e Discussão da Segunda Etapa**

Para a oficina realizada na segunda etapa desta pesquisa, foram convidadas quinze mulheres aleatoriamente entre as 100 participantes da primeira etapa. Compareceram oito mulheres para participar da oficina realizada no município, cenário do estudo: Carmésia, Minas Gerais. A oficina consistiu na reflexão e discussão, pelas oito mulheres participantes, sobre os temas violência e qualidade de vida. A realização da oficina foi orientada por um roteiro que especifica sua dinâmica em etapas (Apêndice E).

Iniciou-se a oficina com uma dinâmica de aquecimento, com a apresentação individual de todos. Na sequência, cada um escreveu uma ação que promove paz e colocou essa palavra em um mural da cultura da paz. Veio o segundo momento da oficina que foi de reflexão individual e coletiva. Nessa parte, as mulheres, construíram varais dos temas violência e qualidade de vida, relacionaram os elementos periféricos de cada estrutura representacional (obtidas por meio da análise dos dados da primeira etapa) com os respectivos termos centrais que elas entenderam estar relacionados. Durante essa dinâmica, as participantes explicavam a relação que entendiam entre um elemento e outro. Depois, foi feita uma síntese de toda a discussão e reflexão. O objetivo foi discutir as representações encontradas na primeira etapa e correlacioná-las às palavras do núcleo central. Por último, foi feito o encerramento da oficina com uma reflexão a respeito do enfrentamento da violência em busca de uma melhor qualidade de vida e também uma dinâmica da flor.

Após a análise de conteúdo da transcrição da oficina realizada na segunda etapa, foram construídas três categorias nomeadas e abordadas a seguir:

**1ª) As representações sociais sobre violência**

**2ª) Violência e sua relação com qualidade de vida**

**3ª) A violência simbólica pulsante e sutil no cotidiano da mulher**

#### 5.4.1 As representações sociais sobre violência

Essa categoria inclui todos os elementos da representação social que as mulheres consideram como responsáveis por gerar a violência e também todos aqueles que são consequência da violência. Os elementos que geram a violência são as cognições família, drogas, falta, impunidade, desigualdade-social e desumanidade, além do fator de que a mídia incentiva determinados comportamentos violentos; este último emergiu das falas durante a oficina. Quanto às consequências da violência, podem ser compreendidas como as marcas caracterizadas pelas seguintes cognições da representação social de violência: ruim, tragédia e opressão.

A oficina conseguiu aprofundar a representação social das mulheres deste estudo com relação a uma tríade muito importante no processo de desenrolar do ciclo da violência: família, falta e drogas. Esse é um processo muito presente no cotidiano das entrevistadas e constitui uma das principais formas de desencadear a violência social e familiar. As três cognições família, falta e drogas estão presentes na estrutura representacional de violência e também foram percebidas na oficina como elementos que geram a violência tanto individualmente como em conjunto; além disso, as três foram interrelacionadas durante a oficina, na qual se discutiu essa relação, após a colocação de família e falta junto com drogas no varal de violência.

A cognição família é compreendida como a base essencial e fundamental para a formação das características subjetivas e dos valores morais dos sujeitos. Individualmente, a família desestruturada é um importante gerador de violência por meio da transmissão intergeracional do comportamento violento. Em conjunto com as outras duas cognições drogas e falta, a família desestruturada assume a função de geradora da violência ao não oferecer suporte de vida familiar adequada; isso resulta em carências e falta de fatores subjetivos como amor e compreensão, além de propiciar o envolvimento dos sujeitos com as drogas o que, por sua vez, gera uma série de ações de violência, desestruturam a família e reiniciam esse ciclo da violência que pode ser denominado aqui como tríade da família, falta e drogas.

E1: *“Dá licença, só pra vocês entenderem, mas é porque veio a minha cabeça, meus alunos, eu tenho alunos de 4 e 5 anos, se vocês virem como é visível o relacionamento, a violência em casa, de alunos chegarem na escola e comentar com a professora: ontem meu pai chegou bêbado e bateu na mamãe, o meu pai briga. E o menino assim é tão violento que ele só se relaciona com os coleguinhas batendo, porque ele aprende, igual ela falou, se a família*

*mostra um ambiente de paz e harmonia pra criança, ela vive isso, agora se a família assimila o bater, como diz o bateu valeu, isso é refletido claramente na criança o ambiente que ela vive. (...) Mas assim ele tem erros porque foi a vida que ele aprendeu em casa.”*

*E2: “Na verdade, eu acho que família é a base, é a essência, né, se a família é bem estruturada, se relaciona bem, convive bem, a probabilidade das pessoas dessa família se envolverem em atos de violência, em situações de violência, eu acho que é menor do que numa família desestruturada que ensina a violência, que instiga a violência. Então assim, eu entendi o que ela falou se a família não cuida, o que eu não encontro em casa eu vou achar em algum lugar, a família não me cuidou, eu vou na droga e através da droga eu vou pra ‘n’ tipos de violência, violência social, violência familiar, violência de todas as formas.”*

*E1: “Família, por que tem muitos casos aqui em Carmésia e no mundo inteiro de drogas, e no meu entender a família é um pouco culpada. Porque muitos pais preocupados em dar um conforto eles esquecem de dar atenção aos filhos, então essas crianças crescem crianças sozinhas, né, solitárias, se envolvem com pessoas por falta, por ausência dos pais às vezes ou por falta de um tempo que o pai que se preocupa em comprar um brinquedo caro ao invés de sentar, de bater um papo ou ir no campo jogar bola com o filho. Então, assim, eu penso que a família é muito culpada por essas drogas, pela existência da droga na vida da pessoa, principalmente dos jovens né. Porque se eles estivessem presente na vida dos filhos quem sabe não teria acontecido. Talvez esse jovem pode ter sido simplesmente se sentido sozinho, né, o pai se preocupou em dar roupa, comida, remédio, às vezes, pronto, mas não se preocupou em fazer parte da vida dele.”*

Da mesma maneira, falta e drogas podem ser assimiladas como geradoras da violência tanto em conjunto, com família, formando a tríade da família, falta e drogas, quanto separadamente. A cognição falta, separadamente, exerce uma forte característica de desencadeadora do processo de violência, pois foi relacionada, durante a oficina, com todos os elementos do núcleo central da estrutura representacional de violência e também com o elemento periférico família. A falta resgata aqui todos os sentidos evocados na primeira etapa e que constam no dicionário de palavras. Nesse sentido, a falta aprofunda a discussão de todos os fatores subjetivos (falta de amor, falta de respeito, falta de compreensão, falta de sentimento, dentre outros) que fazem surgir uma carência social que contribui para gerar um universo propício à violência. Assim, a falta foi relacionada com todos os elementos do varal de palavras que

compõem o núcleo central da representação social de violência (agressão, drogas, estupro, morte e sentimento).

E8: *“Palavra falta. Eu acho que falta sentimento ou sentimento que falta, acho que tudo aqui (se referindo às palavras do núcleo central que estão no varal) falta um sentimento. Drogas na família se a família tiver sem sentimento, falta o sentimento. O estupro na cabeça do estuprador falta o que: o sentimento. Olha de que maneira que eu vou pegar uma criança e estuprar uma criança? E aonde que eu tô, e o meu sentimento? Eu posso ter um filho que vai ser estuprado, que vão fazer a mesma coisa com ele. Agressão, eu posso ter um filho que vai ser agredido, eu vou agredir, mas eu tenho um filho, e aí? E aí? Morte, eu vou matar, eu vou, vai acontecer uma tragédia, eu vou provocar, pode acontecer o mesmo comigo. Então conseqüentemente falta de sentimento em todas. Acho que falta sentimento, e a palavra falta aglomera todas essas aqui.”*

O elemento central drogas confirmou-se na oficina como um dos pilares da violência, visto que são as drogas as responsáveis por desencadear uma série de ações violentas. Como já dito, também surgiu, de maneira forte, uma ligação entre drogas, família e falta, pois o início de uso das drogas é motivado principalmente pela desestruturação familiar, falta de amor, falta de atenção, falta de compreensão, dentre outras carências subjetivas.

E1: *“Vou te dar um exemplo claro. Na minha família eu tenho um primo que é usuário de crack, ele já bateu na mãe, no pai, vendeu tudo que tinha, já foi baleado, o pai teve que vender a casa, mudar de lugar, por causa da droga. (...) Vou usar o mesmo caso, meu tio, quando esse meu primo tava na fase que precisava de atenção, ele tava se divorciando, depois eles voltaram e reataram o casamento, mas eles tavam se preocupando em trabalhar e dar uma condição financeira boa pro filho, mas não participou da vida dele, ele entrou no mundo das drogas e pra se manter nele, que vira um dependente químico, ele parte pra violência. E violenta pai, mãe, irmãos, isso na minha família tem, todo mundo.”*

Um estudo comprovou que o consumo de drogas por um membro da família aumenta em sete vezes a possibilidade de ocorrerem episódios de violência doméstica comparado a uma família que não possui usuários de drogas. Com relação à vivência em um ambiente familiar sem coesão, no qual a capacidade dos membros familiares manterem-se unidos diante das adversidades rotineiras é baixa, foi identificado que essa situação oferece um risco dezesseis vezes maior para apresentar casos de violência doméstica se comparado a famílias que

apresentam um bom nível de estrutura familiar. Esse estudo concluiu que consumo de drogas, família desestruturada e violência doméstica são três fatores interligados que, em conjunto, estabelecem condições propícias para que o relacionamento familiar perca o equilíbrio e seja marcado por conflitos e agressões (RABELLO, CALDAS JUNIOR, 2007).

Outra palavra abordada na oficina como elemento que gera violência foi impunidade. A impunidade foi colocada no varal de violência junto à palavra agressão e foi retratada como fator que incentiva o agressor não punido por seus atos de violência a continuar cometendo seus crimes sem que precise responder por seus atos.

E5: *“Impunidade, tá mais relacionada à agressão. Impunidade tá relacionada à agressão por que, acho que assim a agressão é uma violência, né, e na verdade o que a gente mais vê são esses agressores aí que estão impunes né. (...)”*

E1: *“Por exemplo, se uma pessoa te agride e não é punido por aquilo ele vai continuar fazendo. (...) Então, se não tem punição pelas coisas que faz a pessoa continua. Então a impunidade gera agressão e a violência. Porque, se você bate em mim, e você não vai pra cadeia, você vai continuar batendo, uai.”*

A impunidade pode ser considerada como contraditória aos direitos humanos de igualdade e dignidade, pois fragiliza a confiança que os indivíduos de uma sociedade deveriam ter entre si e também com relação ao governo. Essa situação significa tratamento desigual ao desconsiderar a igual dignidade de todas as pessoas e gera dificuldades para a cooperação social. No cotidiano, vivencia-se a impunidade frequentemente com desrespeito às leis em vários âmbitos. Em contrapartida, a impunidade daqueles que infringem as leis é considerada violação dos direitos humanos. Nesse sentido, a impunidade é entendida como a incapacidade de se fazer justiça com universalidade (LOPES, 2000). Dessa maneira, a não resolução de crimes como homicídios pelas autoridades governamentais contribui para agravar a situação da impunidade e do fenômeno da violência (LESSA, 2009).

A desigualdade-social também foi apontada como geradora de violência muito embora essa relação mostrou-se questionável e passível de ser desconstruída. Desse modo, para explicar a relação entre desigualdade social e violência, as mulheres colocaram-na no varal junto à palavra morte, analisaram-na como um fator que não justifica, porém gera a violência. Foi discutido que as dificuldades ocasionadas pela desigualdade social podem provocar o

envolvimento com a violência e que, apesar de ela existir em todas as classes sociais, torna-se mais presente nas classes menos favorecidas.

E3: *“A minha palavra é desigualdade social. Ué, não justifica, né, assim, mas gera. Acontece violência em qualquer ambiente? Acontece. Mas, por que que nas favelas, por que que naqueles lugares que tem mais pobreza, mais ignorância, mais analfabetismo, acontece mais? Acontece mais. Por exemplo eu moro na minha casa próximo dela, ela tem o conforto dela ali, né, ela tem um filho, eu tenho o meu, a gente se respeita e tudo bem. Se a gente tivesse ali dividido por uma casa de lata, uma madeira, e meus filhos não tivessem na escola, eu acho que ia gerar muito mais confusão, muito mais violência, inimizade, né, então, eu creio que justifica. Tem isso na classe alta? Tem. Tem isso na classe média? Tem. Mas, a violência, a morte, a tragédia, ainda é bem maior, bem mais no pobre.”*

E1: *“A desigualdade social está interligada com tudo. Interfere em tudo, por que a partir do momento que sua família não tem uma certa condição de vida, não tem estudo, não tem condição de oferecer uma educação de qualidade, não tem condição de oferecer uma alimentação de qualidade, não tem estrutura, se o pai é um alcoólatra digamos ou uma pessoa drogada, aí gera aquele conflito em casa, a pobreza, é isso é que acontece, aí a criança vai crescendo e vendo fulano tem isso, ciclano tem isso, eu também quero ter, aí vira revolta, aí que que faz 'pá' mata, vai lá assaltar por que fulano tem muito e eu não tenho, aí fulano não aceita, aí vai mata ele 'pá' matou.”*

É relevante o estigma da violência que o espaço social de determinadas favelas possui, pois é um lugar que muitas vezes traz o retrato da desproporção da desigualdade social compreendida em características como pobreza, carência de políticas públicas, desemprego, fama de violenta, ausência de história e periferia distante. A sociedade se encarrega de legitimar e reproduzir esse estigma da pobreza e da violência. Dessa maneira, o estigma da violência na favela se constrói na medida em que as pessoas que residem em bairros de classe média, os governantes, a mídia e até mesmo os próprios moradores dos bairros pobres afirmam que a violência é típica das favelas como se dela fosse um adjetivo por ocorrer mais lá do que em qualquer outro lugar (ALMEIDA, D' ANDREA, DE LUCCA, 2008).

Contudo, de maneira paradoxal, também foi considerado um contraponto no qual se questiona essa relação que poderia existir entre desigualdade-social e violência. Tal contraponto lança um olhar mais crítico para o fenômeno da violência ao reconhecê-lo como fruto de uma

dinâmica universal que não faz escolha de classes sociais nem demonstra ser um problema que privilegia somente fatores de ordem objetiva como condição de vida. Pelo contrário, a violência se estende inclusive aos fatores subjetivos como as faltas e carências presentes em sua representação social. Além disso, se analisada sob a ótica específica da violência contra a mulher versus a possível influência da desigualdade-social, essa visão crítica, que questiona essa suposta relação e a desestabiliza, faz jus ao caráter cultural de ordem social dominante que se constitui como característica essencial da violência simbólica. Portanto, foi questionada a relação entre desigualdade-social e violência.

E3: *“Eu concordo com o que você disse, mas será que não é um problema mais pela divulgação que a gente tem impressão que a violência é um problema de classe média? Mas será que não é um problema de proporção muito maior do que só a pobreza? Será que não é um problema da falta de estrutura que a gente tem que aproxima mais do que quem tem a porta fechada pra dentro de casa? Tem nas outras classes, mas é mais visível na classe mais baixa.”*

Aprofundando as ideias obtidas na primeira etapa, a desumanidade foi relacionada no varal de violência junto às cognições centrais estupro e agressão. A desumanidade é compreendida como caracterizadora dos adjetivos atribuídos ao agressor considerado cruel, mau, desumano. São tais características que fazem com que o agressor pratique o estupro e a agressão. Portanto, a desumanidade, enquanto característica presente no agressor, gera a violência. Também, mais uma vez como na primeira etapa, foi identificada uma relação de proximidade entre desumanidade e falta, pois as duas são apontadas como causadoras da violência e dizem respeito aos atributos dos sujeitos que cometem a violência, bem como caracterizam o ato violento em si.

E2: *“Desumanidade junto com estupro e agressão, porque o estupro também é uma agressão. A desumanidade gera a violência.”*

Com relação à desumanidade que gera a violência, enquanto uma característica inerente ao agressor que a pratica, um estudo feito por Sudario, Almeida e Jorge (2005) sobre mulheres vítimas de estupro mostra que o comportamento do agressor é tipicamente cruel e frio e que, ao cometer o estupro, com grande frequência o agressor também ameaça a vida da mulher com armas.

Também compõe essa categoria a mídia como geradora ou incentivadora de possíveis comportamentos violentos. A mídia, representada aqui, principalmente, pela televisão, ao divulgar os atos praticados para revidar com violência de maneira constante, cotidiana e natural, pode contribuir para gerar mais atos de violência. Para além disso, mais do que poder contribuir para gerar a violência, nesse caso, a mídia pode exercer função de incentivar na perpetuação de um ciclo vicioso da violência que se constitui em um ilimitado revidar.

E1: [Falando sobre a mídia] *“Incentiva, tem certos comportamentos em novela que até ensina as crianças, são comportamentos errados que levam e geram a violência.”*

E8: [Falando sobre a mídia] *“É mesmo, olha pra você vê como que, ela que lembrou aqui agora. A dona Florinda bate no seu Madruga, o seu Madruga pra descontar bate no Chaves, o Chaves pra descontar bate na Chiquinha, a Chiquinha pra descontar chuta o Kiko, a dona Florinda acha que é o seu Madruga, e assim sucessivamente.”*

E2: [Falando sobre a mídia] *“Olha pra você ver, é um descontando no outro.”*

E1: [Falando sobre a mídia] *“é assim, e vai virando uma bola de neve”.*

E8: [Falando sobre a mídia] *“Uma bola de neve, que foi fulano que falou, que foi fulano que falou, que foi fulano que falou, e ... vai falando”.*

A mídia exerce na sociedade a função de produção de representações sociais, sejam estas de conteúdo verdadeiro ou falso, ao somarem-se suas repetições acabam por se tornar parte do imaginário popular e, por isso, atuam direcionando os comportamentos dos sujeitos por traduzirem suas crenças, valores e anseios. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa enfocam o fenômeno da violência repetidamente no cotidiano, seja por meio de imagens, discursos ou narrativas, de forma a produzir a construção de uma representação social na qual o comportamento cordial cede espaço para o agir com o uso da força. Isso, por sua vez, instaura uma situação de caos e intraquilidade típica e representativa da contemporaneidade brasileira (PORTO, 2009). Porém, Porto (2009) também aponta para uma dicotomia entre a função da mídia poder ser entendida tanto como transmissora de informação quanto como maneira de vivência cultural, muito embora, uma função não exclua a outra.

Outra representação social sobre violência que compõe essa categoria está intrínseca às suas consequências. As consequências da violência podem ser compreendidas como as marcas



caracterizadas pelas seguintes cognições da representação social: ruim, tragédia e opressão. Tais marcas são deixadas tanto na vida pessoal e individual quanto na vida social das pessoas que sofrem a violência. Assim, as palavras ruim, tragédia e opressão foram relacionadas no varal de violência aos termos centrais agressão, morte e estupro, pois umas são frutos da violência sofrida por meio das outras e, além disso, também foram relacionadas ao termo central sentimento, visto que uma característica da consequência da violência é o que provoca no sentimento das pessoas.

Dessa maneira, os vários tipos de violência (violência física, violência verbal, violência psicológica, violência sexual, violência simbólica, violência social) trazem repercussões negativas para a vida e para a saúde individual e coletiva, como por exemplo: opressão, depressão, trauma psicológico, dificuldade de envolvimento social futuro após o sofrimento da violência, sentimentos ruins de tristeza e de tragédia.

E3: *“Agressão pela opressão. Então acho que uma pessoa agredida fisicamente, socialmente, verbalmente, ela vai ser uma pessoa oprimida, contida, deprimida, não vai conseguir se envolver, ter sentimentos, vai ser uma pessoa contida mesmo, sem reação, né, presa. Porque essa pessoa é oprimida.”*

E4: *“É a violência psicológica né. É, tudo que ela falou, eu acho que a pessoa quando está deprimida, triste, porque assim a violência física todo mundo fala muito dela e cita muito essa violência física. Mas eu acho que a violência psicológica é aquela que vai na mente da pessoa que dói na alma da pessoa e não no corpo, no físico, né, na carne da pessoa, ela também causa um estrago muito grande.”*

E1: *“Eu penso que ela marca mais, uma palavra mal falada dói mais que um tapa na cara. Tem um ditado quem bate esquece, quem apanha não esquece, você bate com palavras.”*

E4: *“Eu também acho, é um sentimento.”*

E2: *“Tragédia. Eu escolhi essa por que eu achei a mais fácil de relacionar na verdade: tragédia, né. Por que que a tragédia tem a haver com morte: é que a morte é uma tragédia né. Foi a melhorzinha que eu achei ali pra mim pegar entendeu. Dessa vez eu vou ficar em falta porque eu não tenho explicação pra isso não.”*

E1: *“Posso aqui dar minha opinião sobre tragédia e morte na violência? Vou te contar um caso que todo mundo aqui sabe. No começo de fevereiro meu cunhado foi assassinado, foi uma tragédia, morreu. Por quê? Violência, assalto. Quatro sujeitos foram lá pra roubá-lo, por que foram roubá-lo? Não sei. Foram pra roubá-lo, ele reagiu ao assalto e deram tiro nele. Então violência e tragédia, mesmo, morte.”*

E3: *“Porque estupro é uma tragédia, acabou com a vida da pessoa. O estupro pode gerar um trauma que leva muito tempo pra esquecer. Que pode acontecer com uma criança, né, então essa criança pode ficar com um trauma que marca pro resto da vida, que atrapalha a vida da pessoa, pode precisar de um tratamento com psicólogo, às vezes quando essa criança virar adulta isso vai afetar ela no mundo, na família, então assim interfere em tudo.”*

E4: [Colocando a palavra ruim no varal de violência]: *“Sentimento.”*

E8: [Colocando a palavra ruim no varal de violência]: *“pode colocar no varal da morte também. A morte é muito ruim.”*

Percebe-se, nos trechos acima, que a violência é representada principalmente em três de seus elementos centrais (agressão, estupro, morte) como uma coisa ruim, uma tragédia que deixa marcas de sentimento e de opressão. Essas marcas opressivas, ruins e de tragédia são consequências do sentimento de sofrimento provocado pela violência e podem afetar o cotidiano de vida individual, pessoal e social daqueles que a vivenciam.

Também se identifica, nas consequências da violência, a presença da violência simbólica por meio das cognições opressão e sentimento que carregam forte valor simbólico daquilo que existe, mas precisa de atenção para ser reconhecido. A opressão apareceu com o sentido das marcas deixadas na vida e na mente de quem sofre a violência e tais marcas simbólicas podem ser consideradas até mais sérias do que as marcas físicas deixadas pela violência. Já o elemento sentimento foi relacionado com a palavra ruim que caracteriza a violência, visto que foi colocada no varal de violência também junto à palavra sentimento. Dessa forma, a violência simbólica pode ser reconhecida também como uma consequência da violência que proporciona marcas às vezes irreparáveis na vida e no cotidiano de quem vivencia os vários tipos de violência.

#### **5.4.2 Violência e sua relação com qualidade de vida**

Nessa categoria, enquadram-se as cognições paz e nunca-deve-ter-violência da representação social de violência. Ambas questionam a violência ao se constituírem de elementos que suprem as faltas e carências que geram a violência. Dessa forma, paz vem contradizer o gerar da violência, pois supre, por exemplo, a falta de amor que a faz surgir.

E4: *“Sobre paz, o sangue pede Jesus, por nós seguirmos Jesus, vai ter paz, eu vou ter amor ao próximo. A paz é o contrário da violência.”*

E3 [sobre o nunca-deve-ter-violência]: *“Perto de paz.”*

E3 [sobre o nunca-deve-ter-violência]: *“Sentimento.”*

E4 [sobre o nunca-deve-ter-violência]: *“Avulso também.”*

O processo de transformação da cultura da violência em uma cultura da paz e da não violência tem um importante aliado: o Manifesto do ano 2000 da ONU, assinado por milhões de pessoas em todo o mundo, a favor de seis diretrizes básicas: respeitar a vida, rejeitar a violência, dividir recursos, redescobrir a solidariedade, ouvir para compreender e preservar o planeta. Tais valores são condizentes com a prática de refletir sobre as crenças e comportamentos necessários para que mudanças individuais, institucionais e nas relações sociais ocorram e influenciem positivamente no sentido de superar a violência. Além disso, a cultura da paz só se faz eficiente na medida em que for possível desconstruir a realidade social da ordem dominante que legitima a violência (MELMAN *et al.*, 2009).

A realização da oficina também propiciou um aprofundamento no significado que as mulheres atribuem à qualidade de vida, bem como a compreensão da relação entre qualidade de vida e violência. As mulheres compreendem a qualidade de vida como um conjunto de fatores objetivos e subjetivos que devem existir em uma relação cíclica de interdependência, ou seja, para que um aspecto exista em plenas condições, depende de outro fator interligado. Os aspectos objetivos incluem saúde, trabalho, alimentação, boa-condição-de-vida, lazer, política-pública, convívio-social, dinheiro, moradia, educação e esporte. Os elementos subjetivos são compostos pelas cognições motivação, amor, felicidade, família, respeito, humanidade, religião e paz. Foi constantemente reforçada pelas mulheres a relação cíclica interdependente que esses aspectos subjetivos e objetivos da qualidade de vida possuem entre si; dessa maneira, a existência de um elemento propicia condições adequadas para que outro se desenvolva e assim por diante.

E4: *“Eu coloquei alimentação perto de trabalho, por que eu acho que uma pessoa pra trabalhar ela tem que tá bem alimentada e aí ela vai ter saúde pra trabalhar.”*

E1: *“Com saúde a gente tem motivação, se a gente tem motivação, a gente se alimenta bem, a gente trabalha bem também, tudo isso é qualidade de vida.”*

E8: *“Boa-condição-de-vida ponho no trabalho, por que se eu trabalhar eu vou ter uma boa condição de vida. E o amor, é, eu vou ter amor ao trabalho pra mim ter uma condição de vida, pra ter a saúde.”*

E3: *“Lazer vou colocar em saúde, por que a gente precisa de ter um pouco de lazer, né, pra gente ter saúde, exercitar a nossa mente, relaxar pra gente ter uma boa saúde.”*

E5: *“Convívio social com trabalho, eu penso em saúde.”*

E7: *“Vou por a família na saúde também, né, por que a família as pessoas tem que estar saudáveis.”*

A estrutura representacional de qualidade de vida é um conjunto de oportunidades tanto no aspecto objetivo quanto no sentido subjetivo de se alcançar uma vida satisfatória e, por conseguinte, tais oportunidades oferecem proteção contra a violência. Percebe-se que tais oportunidades objetivas e subjetivas suprem as faltas e as carências que, por sua vez, geram a violência. Por exemplo, a cognição respeito é um aspecto subjetivo que foi apontado como primordial para se estabelecer uma qualidade de vida adequada e para não existir violência; nesse sentido, o respeito vem suprir a falta (falta de respeito e desrespeito) que gera violência. Outra palavra que surgiu para suprir uma carência que gera a violência (nesse caso a falta de Deus) foi a religião. É apontada não só como responsável pela qualidade de vida, mas também como efeito protetor contra a falta de respeito que gera a violência. As palavras respeito e religião foram colocadas separadamente no varal de palavras da representação de qualidade de vida, pois são compreendidas como influenciadoras de todos os demais aspectos subjetivos e objetivos da qualidade de vida.

E1: *“Respeito vou colocar separado, porque, em qualquer lugar, a gente tem que ter respeito, pra respeitar a si próprio e respeitar os outros. Então é o seguinte, o respeito ele cabe em qualquer lugar, inclusive em saúde e trabalho e não violência.”*

E5: *“Pra mim saiu religião, eu tenho pra mim que o ser humano ele tem que ter, né, o que coloca um certo limite no ser humano é a religião, não pra pessoa ter medo de Deus, porque ele é justo né, mas é a pessoa ter aquele temor no termo bíblico, que é a pessoa ter o respeito, né, então assim pela religião você suporta seu irmão ter o defeito dele, pela religião você suporta o seu marido com os defeitos dele, o seu filho, então a religião ela é responsável pela qualidade de vida. Ela fez um comentário aqui muito interessante, que às vezes a pessoa tem tudo aparentemente e comete até um suicídio, né, então, é o outro que tem dentro da pessoa, o que preenche esse meu é a religião, graças a Deus né.”*

Além desses dois aspectos subjetivos, respeito e religião, essenciais para se alcançar uma qualidade de vida adequada e se proteger contra a violência, destaca-se a função dos elementos objetivos como contribuição necessária para a construção de uma qualidade de vida voltada para a cultura da não violência.

E2: *“Eu vou colocar política pública relacionada ao trabalho, voltado pra proteção contra violência por todos os sentidos. O trabalho dentro da política pública voltado pra qualidade de vida das pessoas.”*

Nota-se que a cognição política-pública foi relacionada com o elemento central trabalho da representação social de qualidade de vida, sendo que essa relação foi destacada sob o aspecto de ser uma boa oportunidade para se trabalhar com políticas-públicas específicas para prevenir a violência.

#### **5.4.3 A violência simbólica pulsante e sutil no cotidiano da mulher**

Além da presença da violência simbólica nas consequências da violência por meio da opressão e do sentimento de sofrimento, ela também se revelou ser, paradoxalmente, sutil e forte presença pulsante no cotidiano de vida da mulher. A violência simbólica, para além de existir apenas por meio de suas consequências na mente e na vida social das mulheres, é um pano de fundo de seu cotidiano de vida ao permear as relações sociais entre homens e mulheres e ser demarcada pela zona de conflito e disputa de poder em que se encontram as diferenças dos papéis sociais dos gêneros feminino e masculino.

Por um lado, a violência simbólica mostrou-se sutil por ser fruto da ordem social dominante que se desvela, na prática do cotidiano, como uma verdade natural e pactuada entre homens e mulheres do que se convencionou ser a função dos gêneros feminino e masculino. Tal verdade

foi pactuada culturalmente ao longo das gerações. Porém, esse acordo social dos papéis de gênero tem iniciado um processo de mudança a partir da geração atual de jovens adultos. Esse processo de mudança iniciado nessa geração atual é, em grande parte, devido à entrada da mulher no mercado de trabalho. Obviamente, tal processo, como toda mudança cultural e histórica, tende a ser longo e gradativo, com retrocessos e evoluções e, mais ainda, por estar no início, tem revelado ainda poucos de seus traços.

Por outro lado, a violência simbólica também demonstrou ser forte presença no cotidiano de vida das mulheres, na medida em que é exatamente quando é menos reconhecida, por ser sutil como um pano de fundo que permeia as relações sociais, é que ela se encontra mais presente e surge preponderante na forma de pensar e de agir tanto de homens quanto de mulheres. Enfim, essa forma de a violência simbólica surgir como presença forte no cotidiano das mulheres é perceptível nos comportamentos típicos do gênero feminino de ser responsável por cuidar da família e das tarefas domésticas, ser mais sensível, frágil e conciliadora, submeter-se ao poder da masculinidade, evitar impulsionar o conflito e para isso aceitar a situação conforme a verdade que já foi dada culturalmente e calar-se diante dela. Enquanto isso, os comportamentos típicos do gênero masculino no cotidiano das relações sociais são ser controlador, com presença da agressividade, uso de violência para manter o poder, trabalhar o dia inteiro para prover financeiramente a casa, quando muito apenas ajudar em algumas tarefas domésticas, sendo que a responsabilidade pelas tarefas domésticas continua sendo majoritariamente da mulher, mesmo após sua inserção no mercado de trabalho.

A violência contra mulher está presente e frequente em seu cotidiano de vida; sendo que, muitas vezes, elas se responsabilizam por provocarem muitos episódios de violência quando não adotam um comportamento que é, ao mesmo tempo, conservador, pela aceitação da situação diante de uma realidade difícil de ser mudada, e conciliador, por atribuir para si própria a necessidade de desenvolver uma habilidade de contornar a situação ao desviar-se do conflito iminente por meio do silêncio. Dessa maneira, as mulheres recaem em um ambiente propício à violência simbólica, sutil e velada, que se constitui, assim, em um pano de fundo das relações sociais e no qual se veem (ou não se veem por ser a violência simbólica difícil de ser reconhecida) subjugadas ao poder dos valores da masculinidade.

E5 [Falando sobre a violência que as mulheres sofrem]: *“é fato. é nítida, acontece, é frequente, no nosso meio é.”*

E6: *“A gente vive não é só entre mulher, a gente vive entre homem também, então eu acho que eles são os maiores geradores da violência, e só as mulheres é que tão sentindo a violência, então eu acho que o homem é que teria dar confiança, porque a gente tá mais voltado pro lado deles, tem muito homem que em vista das mulheres não consegue se controlar.”*

E1: *“A gente tem só que aprender a lidar com a violência, porque às vezes, por exemplo vamos que eu tenha uma briguinha mais meu marido, né, eu tô tendo uma discussão com ele, dependendo do grau que ele tiver eu tenho que ter sabedoria pra conduzir e dentro do possível contornar a situação pra sair dessa violência. Eu penso assim que enquanto mulher a gente tem que ter sabedoria pra lidar com isso, que às vezes a gente pode fazer com que essa violência seja maior pelo fato de que seu marido é nervoso, aí eu vou nervosa também, já pensou que bagunça que vai virar? Aí eu acho que a gente tem que aprender a contornar mesmo.”*

E6: *“Mas aí eu acho que todas nós aqui mulheres a questão da violência tá muito nas mãos das mulheres, a questão da violência tá muito na mão das mulheres...depende muito da gente, das nossas reações. Os homens em geral, filhos, pai, tudo, eles discute mais.”*

E1: *“A responsabilidade de cuidar da casa, de conduzir a família, de criar os filhos, de educar fica é pra mulher, aí se você vai cobrar, aí eles vem em cima.”*

E1: *“A gente consegue controlar, por exemplo, a raiva, o sentimento, que todos sentem no corpo tem horas, então assim às vezes a gente consegue controlar. Eu falo pelo meu marido meu marido ele é ótimo, um doce de marido, mas ele tem um defeitinho ele é ignorante. Então se eu não conseguir, se eu for lidar com ele como às vezes ele faz comigo, a gente não vivia. Mas como ele tem qualidades e defeitos, ele só tem um defeito ele é ignorante. **É o que eu costumo falar a melhor arma da mulher sábia é o silêncio, tá. Pensar, decidir, depois conversar, porque muitas vezes a gente faz, porque muitas vezes a gente provoca o aborrecimento né, ele não tá querendo me dá um tapinha, mas eu vou lá e cutuco ele.”***

E2: *“Homem não cede muito pra pessoa, por isso que ele não perde muito a opinião. Não é aceitável, mas como é difícil de mudar é melhor que a gente tente contornar com os meios que a gente tem.”*

O gênero como conceito das ciências sociais é um referencial teórico para análise e compreensão da desigualdade entre o que é atribuído à mulher e ao homem. Os papéis de gênero são-nos ensinados como próprios da condição de ser homem ou mulher de modo que não percebemos sua produção e reprodução social. Dessa forma, espera-se das mulheres: delicadeza, sensibilidade, passividade, subordinação, obediência, cuidado com o lar, marido e filhos. Os homens estão relacionados ao espaço público. Espera-se do homem que seja provedor e chefe da casa, que tenha virilidade, coragem e agressividade. Esses papéis sociais são reforçados por culturas patriarcais reproduzidas na família. Nesse modelo de família, os atributos e os papéis de gênero valorizam o homem em detrimento da mulher, legitimam a dominação que o homem exerce e a inferioridade da mulher. Por isso, as relações de gênero permitem entender as relações hierárquicas desiguais socialmente pré-definidas para homens e mulheres (GOMES, 2007).

E1: *“Fomos criadas assim, nós fomos criadas pra saber lidar com os problemas e contornar e não simplesmente bater de frente com ele. A minha mãe me ensinou desde quando eu casei: coloca o seu marido na balança, o que pesar pra qualidade e defeitos aí você vê, se pesar os defeitos pula fora, é fria, separa e tchau porque ninguém merece não. Agora se tiver mais qualidade que supere os defeitos. (...) Eu penso que muitos casos de separação de violência né a mulher parte pra cima do marido, igual ela tá falando é obrigação do meu marido, mas nos vimos que o meu marido ele tem 56 anos, ele é 15 anos mais velho que eu e é um paizão, sempre que eu saio eu deixo meus filhos com ele e fico muito tranquila, me ajuda a cuidar, dá comida, ensina dever, tudo ele faz, mas, assim e olha que ele trabalha o dia inteiro.”*

E7: *“Deixa eu dar aqui minha opinião, a nossa faixa de idade aqui eu acho que a gente ainda tem muito de uma geração machista, eu tenho 18 anos, né, de casada, tenho meus filhos, e assim, né, eu penso que quando a gente chega nessa idade a gente já quase que já tem meio que um diploma de psicóloga, de professor, de tudo, de tanto que a gente faz. Aí eu tenho observado minhas sobrinhas casadas, é, o marido, a participação do marido na criação dos filhos, muitas vezes a gente fala assim: nó, meu marido é bom demais, ele olhou meu filho ontem pra eu ir na festa. Quer dizer a minha sobrinha ela já tem outros conceitos: meu marido tá fazendo o dever dele. Entendeu? E é. E os homens estão, assim, eu tô percebendo que eles tão evoluindo um pouco. Então assim nós, esse papel nosso [falando sobre o papel da mulher de contornar a situação], né, que elas tão citando aqui, e eu sou assim também me coloco assim, é dessa geração aqui ó, eu acho que a última geração.”*



E1: *“É aquilo que eu falei né a gente sabe que tem o ditado a mulher sábia edifica o lar, né, a gente tem tentado e graças a Deus nossos casamentos tá bom, né, e eu, da minha parte, por exemplo, meus filhos, né, quatro filhos, dois já adolescente, né, tem me dado um retorno até bom, graças a Deus, mas eu penso assim que se a gente for parar, assim realmente como mulher a gente é realizada? Né, a gente tem um companheiro dentro de casa? Aí fica uma interrogação, né. Vale a pena preparar minha filha, né, pra isso? Vale a pena eu falar minha filha você tem que contornar, minha filha você tem que isso? Não. Minha filha você tem que estudar, você tem que ter profissão, tem que ser independente, tem que escolher bastante. Então assim né a mulher ser independente financeiramente dele, entendeu. Eu sou independente do meu marido. Mas eu vejo as qualidades dele. Então assim eu quando eu tava perguntando será que eu tenho um companheiro? Sinceramente professora, de vez em quando eu fico brava com ele, mas eu tenho um marido.”*

O paradoxo de a violência simbólica ser sutil e forte ao mesmo tempo permanece latente o tempo todo. Revela-se que, apesar da mulher sofrer com a violência em seu cotidiano, ela também se responsabiliza por deflagrar um episódio de violência mais visível e definitivo (nesse caso, violência física), quando não se silencia diante do poder da masculinidade, e dessa forma, acaba por se tornar submissa sem perceber o efeito que isso gera na perpetuação da violência simbólica. Esse comportamento de aceitação da violência simbólica demonstrou-se, na maioria das vezes, como um comportamento que visa não entrar no embate direto com uma realidade assumidamente difícil de ser mudada.

O comportamento das mulheres demonstra que, muitas vezes, a violência simbólica permanece velada, por ser exercida e acordada conforme a ordem social dominante de poder da masculinidade. Algumas vezes, mesmo quando reconhecida, dificilmente, é questionada sob sua lógica cultural e, quando questionada a ordem social de forma consciente ou não, esse eventual comportamento discordante pode gerar conflitos de disputa de poder e retroalimentar a violência. Por esse motivo, muitas mulheres são submissas e aceitam a violência simbólica, pois adotam uma postura de se silenciar para evitar o conflito. Evitar o conflito e silenciar-se como uma forma de desviar-se da violência instaura a subserviência ao poder da masculinidade, pois torna as mulheres reféns da violência simbólica que, por sua vez, é sutil, velada e, por isso, mais dificilmente reconhecida no cotidiano das relações sociais como um tipo de violência que traz repercussões significativas.

Portanto, essa categoria traz à tona exatamente a violência simbólica que, conforme afirma Bourdieu (1992), se apresenta de maneira dissimulada no cotidiano das mulheres por meio de uma aceitação passiva das imposições diárias. Então, ela surgiu para reafirmar o que Bourdieu (1992) denomina como violência simbólica: aquela proveniente das relações sociais que não pressupõem uma coerção física, mas tem até certo consentimento por parte de quem a sofre.

## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agressão é o ato violento que mostrou ser a expressão mais representativa da violência. As drogas são compreendidas como desencadeadoras da violência, o estupro como um tipo de agressão mais grave que afeta, principalmente, as mulheres, e a morte como a evolução mais grave e final da violência que culmina de forma tal que traz a tragédia como uma consequência ruim. O sentimento é o elemento central que caracteriza as consequências e repercussões sérias de sofrimento que todos os outros elementos centrais provocam; além disso, o sentimento que afeta e marca a alma representa também uma forma de violência simbólica.

Quanto aos elementos da primeira periferia da representação social de violência, a falta e a opressão apareceram para complementar os significados dos elementos centrais. A falta dos fatores subjetivos como amor, respeito e Deus traz uma carência que gera a violência em suas mais diversas expressões: agressão, estupro e morte. Isso justifica o surgimento da violência, pois completa um contexto propício para esses elementos centrais. A opressão, por sua vez, complementa o significado da cognição sentimento enquanto consequência da violência, ao representar um agravamento do sofrimento que os elementos centrais provocam. A opressão representa também a expressão maior da violência simbólica que se traduz na disputa de poder entre a feminilidade e a masculinidade, na submissão da mulher à ordem social dominante e na consequente perpetuação da violência simbólica. A presença da opressão na primeira periferia confirma que a violência simbólica é um tipo mais sutil e velado de violência, não tão visível quanto o elemento central agressão, mas que mesmo assim mostrou-se relevante e que deixa marcas na vida de quem a sofre.

Os elementos de contraste desumanidade e família mostraram ser representados como importantes mecanismos que geram a violência. A desumanidade caracteriza o ato violento em si ou mesmo o agressor que pratica a violência e, por isso, a faz surgir. A família desestruturada mostrou ser um elemento decisivo no processo de transmissão intergeracional da violência e se aproximou em uma relação intrínseca com a cognição falta no desenvolvimento da violência. O nunca-deve-ter-violência veio contrapor-se ao surgimento da violência na tentativa de sobrepor-se à opressão e à agressão; porém o medo de denunciar e o silêncio expresso na submissão desvelam que a opressão (representação mais expressiva da violência simbólica) ainda é maior e, dessa maneira, se constitui em elemento dificultador

para a denúncia e um perpetrador da violência. As cognições ruim e tragédia, conforme já mencionado, são duas consequências e caracterizadoras dos efeitos da violência.

Na segunda periferia da estrutura representacional de violência, a desigualdade-social surgiu como aspecto incentivador da violência, embora esse aspecto tenha sido questionado depois na oficina da segunda etapa da pesquisa. Assim como a impunidade, também teve destacada sua função de geradora da violência de acordo com a representação das mulheres. A paz veio suprir a falta de fatores subjetivos como o amor e a união no processo de desencadeamento da violência.

Dessa forma, a violência simbólica mostrou-se constante nessa representação social, ela deixa marcas significativas na alma e na vida de quem a vivencia, quer seja por meio dos elementos opressão e sentimento ou pela influência desses elementos nos demais termos da estrutura representacional.

No núcleo central da representação social de qualidade de vida, foram encontrados os elementos saúde e trabalho. Saúde representa o fator primordial para se atingir os demais parâmetros da qualidade de vida, além de ser representada como condição primária para se viver adequadamente. Trabalho representa um conceito amplo que inclui a dignidade do homem, além de ser um fator protetor contra a violência.

É importante destacar que todos os elementos da representação de qualidade de vida possuem uma interconexão entre si, pois os aspectos subjetivos e objetivos se relacionam de maneira interdependente e cíclica. Dessa forma, por exemplo, para se ter trabalho é preciso ter saúde; para se ter convívio-social é preciso ter amor e, assim por diante, todos os elementos da representação de qualidade de vida influenciam uns aos outros. Além dessa relação de interdependência cíclica, a maioria dos elementos da qualidade de vida demonstrou possuir uma relação com a violência seja por meio de oposição, proteção ou suprindo uma carência que faz surgir a violência.

Seguindo essa linha de fator de proteção contra a violência, praticamente todos os elementos periféricos da representação social de qualidade de vida representam uma maneira de se proteger contra a violência, ou de suprir alguma falta que a provoca ou de se opor a ela ou de se relacionar a algum outro elemento de sua representação. Dessa maneira, amor, convívio-social e educação vêm suprir as carências que fazem gerar a violência: falta de amor, falta de

união, falta de conhecimento. A cognição família, da representação de qualidade de vida, corresponde diretamente à família também presente na representação de violência. A paz vem exercer função de oposição à violência.

Os elementos de contraste também mantêm essa mesma função de proteção contra a violência. Assim, a alimentação mostrou ter uma relação com o elemento desigualdade-social da representação de violência. A boa-condição-de-vida revelou-se fator que permite viver uma vida normal, sem violência e sem brigas; por isso se opõe à violência. A felicidade opõe-se ao sentimento de sofrimento que, por sua vez, é uma das consequências da violência. O lazer também oferece proteção contra a violência na medida em que fornece alívio para suportar a violência e se opõe às seguintes cognições da sua representação: agressão, drogas, sentimento, opressão e falta. A moradia mostrou ter influência múltipla para a qualidade de vida por estar relacionada com as seguintes cognições: trabalho, paz, lazer e família.

A segunda periferia da representação de qualidade de vida traz os termos religião e respeito que suprem as carências provocadas pela falta de Deus e pela falta de respeito. A humanidade vem se contrapor à desumanidade que provoca violência. O elemento política-pública traz algumas respostas para alguns problemas que caracterizam a desigualdade-social e, com isso, oferece possibilidades de não deixar a população vulnerável à violência. As cognições motivação, esporte e dinheiro relacionam-se complementando o significado de outros parâmetros da qualidade de vida como saúde, trabalho, educação e moradia.

A relação que surge e, a todo o momento, é reforçada, entre a representação de violência e a de qualidade de vida, permite-nos compreender que ambas se contrapõem e podem, por isso, ser visualizadas como dois caminhos de uma só direção, porém em dois sentidos diferentes que se contradizem em uma relação de oposição antagônica, proteção da segunda contra a primeira e de superação de faltas e carências subjetivas e objetivas.

A realização da oficina na segunda etapa da pesquisa permitiu um aprofundamento da compreensão da representação das mulheres sobre tudo aquilo que pode contribuir para gerar a violência (família, drogas, falta, impunidade, desigualdade social, desumanidade, influência da mídia). Também permitiu confirmar alguns elementos que contradizem, superam as faltas e protegem contra a violência (paz, nunca-deve-ter-violência, respeito, religião e política pública). Enfatizou também a representação das consequências da violência (opressão, sentimento, tragédia e ruim). Contudo, a desigualdade-social tem essa função de geradora da

violência de maneira controversa, pois teve essa relação questionada durante a reflexão proporcionada pela oficina.

Deve-se ressaltar que o aprofundamento mais interessante que a oficina propiciou foi quanto à violência simbólica que apareceu entremeada em um paradoxo, pois se mostrou ao mesmo tempo velada e desvelada, sutil e reconhecida no cotidiano de vida das mulheres diante de sua submissão expressa no silêncio. O ato de calar-se mostra, nesse sentido, que o comportamento das mulheres está, consciente ou inconscientemente, voltado para evitar conflitos advindos da disputa de poder inerentes às relações desiguais de gênero.

Dessa maneira, o fenômeno da violência simbólica é uma realidade presente no cotidiano de vida da mulher que apenas será passível de mudança ao longo do tempo diante de reflexões aprofundadas, bem como discussões sobre o tema em várias instâncias sociais. Discutir e refletir sobre a temática, nesse sentido, tem a intenção de superar a opressão e o silêncio considerados expressões da violência simbólica.

No âmbito da assistência à saúde, é necessário dar atenção para a violência contra a mulher e para a violência simbólica enquanto problema de saúde que, para tanto, requer responsabilização institucional e intersetorial dos serviços, bem como suporte de conhecimento teórico aos profissionais de saúde envolvidos na assistência à saúde das vítimas de violência.

É exatamente essa complexidade paradoxal da violência simbólica que a torna um fenômeno essencialmente cultural somente passível de mudança significativa gradativamente ao longo das gerações. Qualquer mudança de comportamento envolve reflexão, questionamento em várias instâncias sociais como a família, a escola, o trabalho, a igreja, dentre outras. Essas mudanças na forma de pensar e agir que podem ocorrer ao longo das gerações com o passar do tempo histórico, podem, sim, ocasionar a formação de uma nova ordem social.

## 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J.-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.); OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 1998, p. 27-38.

ABRIC, J.-C. Metodologia de recolección de las representaciones sociales. In: ABRIC, J.-C. (Org.). **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán, 2001.

ADEODATO, V. G.; CARVALHO, R. R.; SILQUEIRA, V. R.; SOUZA, F. G. M. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista Saúde Pública**, v. 39, n. 1, p. 108-113, 2005.

AFONSO, L. **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social; p. 11-59, 2002.

ALMEIDA, Ronaldo de; D' ANDREA, Tiarajú; DE LUCCA, Daniel. Situações periféricas: etnografia comparada de pobrezas urbanas. **Novos Estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 82, Nov. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 16 Out. 2012.

ARRUDA, A. A Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov 2002.

AUDI, C. A. F. *et al.* Percepção da violência doméstica por mulheres gestantes e não gestantes da cidade de Campinas, São Paulo. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

AZAMBUJA, M. P. R.; NOGUEIRA, C. Introdução à violência contra as mulheres como um problema de direitos humanos e de saúde pública. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, Set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1997.

BARDIN, L. **A análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 321p.

BIRMAN, Patricia. Cruzadas pela paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 25 out. 2012.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992. 121p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 7ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRICEÑO-LEÓN, R. (org.). **Violência, sociedad y justiça en América Latina**. Buenos Aires: Clascso, 2002.

CAMPOS, P. H. F. & LOUREIRO, M. C. S. Apresentação. Em P. H. F. Campos & M. C. S. Loureiro (Orgs.). **Representações Sociais e Práticas Educativas**. (pp. 11-17). Goiânia: Editora UCG, 2003.

CARVALHO-BARRETO, A. *et al.* Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 28 mai. 2010.

CASTRO, Marta de Lima; CUNHA, Sergio Souza da; SOUZA, Delma P. Oliveira de. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 6, Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 12 Abr. 2012.

CIAMPONE, M. H. *et al.* Representações sociais da equipe de enfermagem sobre a criança desnutrida e sua família. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.7, n.3, p. 17-24, julho 1999.

CHIESA, A. M. **O uso de estratégias participativas para o conhecimento das representações sociais das mulheres de Pirituba/Perus com resultado Classe III de Papanicolau**. 1994. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, São Paulo, 1994.

DEEKE, L. P. *et al.* A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. **Saúde Sociedade**, vol.18, n.2, p. 248-258, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 28 mai. 2010.

DOISE, W. Atitudes e representações sociais (L. Ulup, Trad.). Em D. Jodelet (Org.), **As representações sociais** (pp. 187-203). Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

D'OLIVEIRA, A. F. P. L. *et al.* Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

DURAND, Julia Garcia *et al.* Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 2, abr. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FLORINDO, Alex Antonio *et al.* Prática de atividades físicas e fatores associados em adultos, Brasil, 2006. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 out. 2012.

FONSECA, R. M. G. S. **Mulheres e enfermagem**: uma construção generificada do saber. 1996. Tese (Livre docência) - Universidade São Paulo, Escola de Enfermagem, São Paulo, 1996.



GALHEIGO, Sandra Maria. Apontamentos para se pensar ações de prevenção à violência pelo setor saúde. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 out. 2012.

GOMES, N. P. *et al.* Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 28 mai. 2010.

GOMES, R. A dimensão simbólica das relações de gênero: uma discussão introdutória. **Athenea Digital**, v.14, 2008, p. 237-243. Disponível em: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

KRONBAUER, J. F. D.; Meneghel, S. N. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Revista Saúde Pública**, v. 39, n. 1, p. 695-701, 2005.

LABRONICI, Liliana Maria; FEGADOLI, Débora; CORREA, Maria Eduarda Cavadinha. Significado da violência sexual na manifestação da corporeidade: um estudo fenomenológico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, June 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

LESSA, Andrea. Violência e impunidade em pauta: problemas e perspectivas sob a ótica da antropologia forense no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 5, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 15 out. 2012.

LIMA, D. C.; BUCHELE, F.; CLIMACO, D. A. Homens, gênero e violência contra a mulher. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

LOPES, José Reinaldo de Lima. Direitos humanos e tratamento igualitário: questões de impunidade, dignidade e liberdade. **Revista Brasileira Ciência Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 42, fev. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 15 out. 2012.

MARINHEIRO, A. L. V.; Vieira, E. M.; Souza, L. Prevalência da violência contra a mulher usuária do serviço de saúde. **Revista Saúde Pública**, v. 40, n. 4, p. 604- 610, 2006.

MELMAN, Jonas *et al.* Tecendo redes de paz. **Saúde Sociedade**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 17 out. 2012.

MENEGHEL, Stela Nazareth *et al.* Rotas críticas de mulheres em situação de violência: depoimentos de mulheres e operadores em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, Apr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/scielo>>. Acesso em: 12 Abr. 2012.

MENEGHEL, Stela Nazareth; HIRAKATA, Vania Naomi. Femicídios: homicídios femininos no Brasil. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 3, jun. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jan. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 05 mar. 2012.

MONTEIRO, C. F. S.; SOUZA, I. E. O. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

MOREIRA, A. S. P. *et al.* **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB: Editora Universitária, 603p, 2005.

OLIVEIRA, D. C. de. **A enfermagem e as necessidades humanas básicas: o saber/fazer a partir das representações sociais**. 2001. 225 p. Tese (Concurso de professor titular) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

OLIVEIRA, D. C. de, et al. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. et al (org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. (cap. 1, p. 573-603). João Pessoa: UFPB: Editora Universitária, 2005.

PALAZZO; L. S. *et al.* Violência física e fatores associados: estudo de base populacional no sul do Brasil. **Revista Saúde Pública**, v. 42, n. 4, p. 622-629, 2008.

PANZINI, Raquel Gehrke *et al.* Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 21, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 16 Out. 2012.

RABELLO, Patrícia Moreira; CALDAS JUNIOR, Arnaldo de França. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 6, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 15 out. 2012.

RIOS, Izabel Cristina. Humanização: a essência da ação técnica e ética nas práticas de saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 25 out. 2012.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 189p.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas em Uberlândia/MG. **Soc. nat. (Online)**, Uberlândia, v. 21, n. 1, abr. 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 11 abr. 2012.

SCHRAIBER, L. B. *et al.* Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista Saúde Pública**, v. 41, n. 5, p. 797-807, 2007.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D' OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; COUTO, Márcia Thereza. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Revista Saúde Pública**, v. 40, p. 112-120, 2006.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D' OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; COUTO, Márcia Thereza. Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

SCHRAIBER, L. B. *et al.* Violência vivida: a dor que não tem nome. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 7, n. 12, fev. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 3, set. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 10 set. 2012.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 11, n. 21, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 28 mai. 2010.

SUDARIO, Sandra; ALMEIDA, Paulo César de; JORGE, Maria Salete Bessa. Mulheres vítimas de estupro: contexto e enfrentamento dessa realidade. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 16 out. 2012.

VERGÈS, P. **Ensemble de Programmes Permettant L'Analyse des Evocations - EVOC**: Manuel version 2. Aix-en-Provence: LAMES, 2000.

VIEIRA, E. M. *et al.* Conhecimento e atitudes dos profissionais de saúde em relação à violência de gênero. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 12, n. 4, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 11 jun. 2010.

VIEIRA, L. J. E. S. *et al.* Fatores de risco para violência contra a mulher no contexto doméstico e coletivo. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

VIEIRA, Elisabeth Meloni; PERDONA, Gleici da Silva Castro; SANTOS, Manoel Antonio dos. Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 4, Aug. 2011. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/scielo>>. Acesso em: 12 Abr. 2012.

VILLELA, L. C. M. **Mortalidade por homicídios, acidentes de transporte e suicídios no município de Belo Horizonte e Região Metropolitana, em série histórica de 1980-2000**. 2005. 160f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The WHOQOL Group. **WHOQOL: measuring quality of life.** Geneva: WHO; 1997.

## 8- APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (1)

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (1)

Gostaria de convidar você a participar de uma pesquisa intitulada "Violência simbólica e qualidade de vida na percepção das mulheres de região urbana e rural", sob coordenação de Cláudia Maria de Mattos Penna, professora na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

O objetivo dessa pesquisa é compreender o que você entende por violência e também por qualidade de vida.

Para falar sobre isso, você deverá responder o que vem a sua cabeça quando falamos para você a palavra violência e qualidade de vida e se você permitir, pedimos para gravar suas respostas em um gravador para que seja fiel às respostas que você deu quando for transcrevê-las e você poderá escutar, se assim o desejar.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para que possamos estabelecer" estratégias conjuntas para o enfrentamento da violência em busca de uma melhor qualidade de vida.

Sua colaboração é voluntária e o seu anonimato será garantido. Firmo o compromisso de que as respostas serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa e de artigos que poderão ser publicados, e as gravações ficarão sob minha responsabilidade por um período de 5 anos e depois serão destruídos. O seu consentimento em participar desta pesquisa deve considerar também, que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG)<sup>1</sup>, local também que você pode fazer contato para ter esclarecimentos, a partir do telefones e endereços abaixo.

Reafirmo que em qualquer momento da pesquisa, você poderá fazer perguntas, caso tenha dúvidas, ou retirar sua permissão, além de não permitir a posterior utilização de suas respostas, sem nenhum ônus ou prejuízo. Você não terá nenhum gasto extra e nem mesmo será paga pelas informações.

Se estiver de acordo e as declarações forem satisfatórias, favor assinar o presente termo, em duas vias, dando seu consentimento para a participação como voluntária dessa pesquisa, sendo que uma cópia ficará em seu poder.

Atenciosamente,

---

Cláudia Maria de Mattos Penna

Declaro ter recebido informações suficientes e estou de acordo em participar desta pesquisa.

Assinatura: \_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Contatos: **Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG (COEP)**: Av. Pres. Antônio Carlos, nº 6627. Prédio da Reitoria, 7º andar, sala 7018, Bairro Pampulha, Beto Horizonte/MG. CEP: 31270901. Tel: (31) 3409-4592.

Profa. Cláudia Maria de Mattos Penna Tel: (31) 3409-9867. Escola de Enfermagem - UFMG.

## Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2)

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2)

Você está sendo convidada a participar da segunda etapa da pesquisa intitulada "Violência simbólica e qualidade de vida na percepção das mulheres de região urbana e rural", sob minha coordenação, Cláudia Maria de Mattos Penna, professora na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

Essa etapa tem por objetivo discutir as ideias apresentadas por todas as mulheres que falaram sobre violência e qualidade de vida e conversarmos com outras mulheres o que poderíamos fazer sobre a violência que é percebida por nós. Para isso, conversaremos em grupo com outras mulheres, as quais como você também participaram da outra etapa. Nessa conversa em grupo, que chamamos de oficina, iremos refletir e dizer o que pensamos e sentimos sobre essa violência que sofremos e de que forma ela pode interferir em nossa qualidade de vida. Vamos buscar também refletir sobre o que podemos propor para que nossa qualidade de vida melhore e como podemos enfrentar a violência tanto de forma individual como de forma coletiva.

As conversas serão gravadas, se assim for permitido, em um gravador para que seja fiel às respostas que você deu quando for transcrevê-las e você poderá escutar, se assim o desejar.

Esperamos com essa oficina possamos estabelecer estratégias conjuntas para o enfrentamento da violência em busca de uma melhor qualidade de vida.

Sua colaboração é voluntária e o seu nome não vai aparecer nas apresentações que serão feitas depois do término da pesquisa, como também faremos um pacto conjunto com todas as participantes para garantir sigilo e anonimato, isto é, ninguém vai comentar o nome das outras e nem o que foi discutido nessa oficina. Firmo o compromisso de que as declarações serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa e artigos que vamos publicar em revistas e apresentações em congressos, e as gravações ficarão sob minha responsabilidade por um período de 5 anos e depois serão destruídas. A sua permissão em participar desta pesquisa deve considerar também, que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG).

Em qualquer fase da pesquisa, você poderá fazer perguntas, caso tenha dúvidas, e retirar a sua permissão, além de não permitir a posterior utilização de suas respostas, sem nenhum ônus ou prejuízo. Esclareço também que você não terá nenhum gasto adicional e nem será paga para participar das reuniões.

Se estiver de acordo e as declarações forem satisfatórias, favor assinar o presente termo em duas vias, dando sua permissão para a participar da pesquisa sendo que uma ficará com você.

Atenciosamente,

---

Cláudia Maria de Mattos Penna

Declaro ter recebido informações suficientes e estou de acordo em participar desta pesquisa.:

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Apêndice C – Questionário Coleta de evocações (1ª etapa)

### Violência Simbólica e qualidade de vida na percepção de mulheres

COLETA DE EVOCAÇÕES N.º \_\_\_\_\_

#### I – IDENTIFICAÇÃO

IDADE: \_\_\_\_\_ PROFISSAO: \_\_\_\_\_

LOCAL DE MORADIA: \_\_\_\_\_

ESTADO CIVIL: \_\_\_Solteira \_\_\_ Casada \_\_\_ Separada \_\_\_ Viúva

MORA COM PARCEIRO: \_\_\_SIM \_\_\_\_\_ NÃO

Nº FILHOS: \_\_\_\_\_ DE UM MESMO PARCEIRO: \_\_\_SIM \_\_\_ NÃO

FILHOS DO PARCEIRO ATUAL: \_\_\_SIM \_\_\_ NÃO

#### II – COLETA DE EVOCAÇÕES:

Agora, você deverá falar cinco palavras ou expressões que vêm imediatamente à sua cabeça em relação às expressões abaixo relacionadas:

##### VIOLENCIA

+ ou -	Ordem de importância
( ) _____	( )
( ) _____	( )
( ) _____	( )
( ) _____	( )
( ) _____	( )

##### QUALIDADE DE VIDA

( ) _____	( )
( ) _____	( )
( ) _____	( )
( ) _____	( )
( ) _____	( )

(JUSTIFIQUE NO VERSO)

FAVOR EXPLICAR A ORDEM DE PRIORIDADE

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

JUSTIFICAR OS TERMOS CASO HAJA NECESSIDADE

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Responsável pela coleta: \_\_\_\_\_



## Apêndice D – Termo de Autorização



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Exmo. Sr.  
 Roberto Keller  
 Prefeito Município de Carmésia

Vimos solicitar sua autorização para realização da pesquisa intitulada “Violência simbólica e qualidade de vida na percepção das mulheres de região urbana e rural”, sob minha coordenação, Dra. Cláudia Maria de Mattos Penna, Professora na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

O estudo tem por objetivo descrever as representações sobre violência para mulheres de zona urbana e rural, analisar as formas de violência simbólica na percepção de mulheres de zona urbana e zona rural além de estabelecer estratégias conjuntas para o enfrentamento da violência em busca de uma melhor qualidade de vida. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e os cenários de estudo serão um município urbano e um rural. O urbano será a cidade de Belo Horizonte e para escolha dos sujeitos, mulheres com idade entre 20 e 50 anos, que sejam atendidas em uma unidade básica de saúde do município. A pesquisa tem 2 etapas de coleta de dados: 1) Será utilizada para a coleta de dados a técnica de evocação livre, que consiste em incentivar a verbalização de cinco palavras ou expressões dos sujeitos em relação aos termos indutores **violência** e **qualidade de vida**. Essas mulheres serão convidadas a participar no momento em que estiverem aguardando algum atendimento na UBS. 2) Após análise desses dados será formado um grupo ou grupos de quinze (15) mulheres para participarem de uma entrevista coletiva segundo técnica de oficina de trabalho que validarão as representações encontradas na primeira etapa. Para realização dessa etapa solicitamos um espaço na UBS, comprometendo-nos a realizar as reuniões de acordo com a agenda especificada pela gerência, para não haver comprometimento das atividades diárias do setor. Esclarecemos que a identificação da UBS será mantida em sigilo e as respostas fornecidas pelos entrevistados serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa. A divulgação dos dados será por meio de publicações em revistas especializadas, apresentação em Congressos e similares.

Esclarecemos que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, local onde V. Sa. pode solicitar informações se desejar, como também será apresentado ao Comitê de Ética da Prefeitura de Belo Horizonte para aprovação, sem o qual não poderemos desenvolvê-lo.

Cláudia Maria de Mattos Penna

Após tais esclarecimentos e se estiver de acordo com o mesmo, solicitamos que assine o presente termo, dando sua autorização e consentimento para que a pesquisa possa ser realizada em seu distrito (UBS)

De acordo:

Assinatura: \_\_\_\_\_

Cargo: \_\_\_\_\_

(Carimbo):

**Roberto Keller C. Gonçalves**  
 Prefeito Municipal

Telefones para contato com Cláudia M.M. Penna: (31) 3409 9867 – (31) 8758 1808  
 COEP/ UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005  
 Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG - Brasil - 31270-901  
 Email: coep@ppa.ufmg.br. Fone: telefax 31 3409-4592

**Apêndice E - Roteiro para realização da Oficina (coleta de dados 2ª etapa)**

<b>Etapa</b>	<b>Proposta</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Material necessário</b>	<b>Tempo</b>
<b>Aquecimento</b>	- Apresentação individual - Cultura da Paz: Escrever uma ação ou um sentimento que promova a paz e prender no mural	Promover descontração, aproximação entre as participantes e motivação a reflexão sobre as possibilidades de enfrentamento da violência.	- Quadro de isopor, alfinetes marcadores, fichas coloridas de cartolina, canetinhas, laço de duas cores distintas em uma caixinha pequena.	15 min.
<b>Reflexão Individual e Coletiva</b>	- Construção de dois varais: tema violência e qualidade de vida. Varal 1: representações de violência. Varal 2: representações de qualidade de vida.	- Discutir as representações encontradas na 1ª etapa e correlacioná-las as palavras do núcleo central.	- Barbante, fita adesiva, 2 caixas de papelão: uma para violência e outra para qualidade de vida estando colado no verso da tampa o dicionário de palavras. - TNT colorido escrito as palavras que representam os diversos significados de violência e qualidade de vida.	20 min.
<b>Síntese</b>	- Apresentação de cada grupo justificando a aproximação das palavras, sua disposição colocada no varal. - Discussão sobre a rede institucional de enfrentamento à violência,	- Discutir as representações encontradas na 1ª etapa e correlacioná-las as palavras do núcleo central. - Discutir sobre enfrentamento da violência.	- Xerox de texto informativo	25 min.
<b>Encerramento</b>	- Questão para reflexão: Em busca de uma boa qualidade de vida, como se pode pensar no enfrentamento da violência? Nas palavras do quadro da cultura da paz existe forma de enfrentamento da violência? - Dinâmica da flor	Propiciar uma reflexão e discussão sobre o enfrentamento da violência em busca de uma melhoria da qualidade de vida.	- Papel de seda colorido, caixa	20 min

## Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer n.º. ETIC 0570.0.203.000-09

Interessado(a): Profa. Cláudia Maria de Mattos Penna  
Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e  
Saúde Pública  
Escola de Enfermagem - UFMG

### DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG - COEP aprovou, no dia 02 de dezembro de 2009, o projeto de pesquisa intitulado "**Violência simbólica e qualidade de vida na percepção de mulheres de região urbana e rural de Minas Gerais**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Prof.ª Marta Teresa Marques Amaral  
Coordenadora do COEP-UFMG